

Raphael Tsavkko Garcia

## NACIONALISMO BASCO E REDES TELEMÁTICAS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* da Faculdade Cásper Líbero, Linha de Pesquisa A, “Processos midiáticos: tecnologia e mercado”, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. José Eugênio de Oliveira Menezes

São Paulo  
2012



Tsavkko Garcia, Raphael (Souza, Raphael Muniz Garcia de)

Nacionalismo basco e redes telemáticas: nação, vinculação e identidade / Raphael Tsavkko Garcia. -- São Paulo, 2012.

142 f. : il. ; 30 cm.

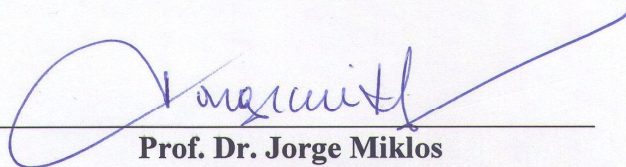
Orientador: Prof. Dr. José Eugenio de Oliveira Menezes  
Dissertação (mestrado) – Faculdade Cásper Líbero, Programa de Mestrado em Comunicação

1. Nacionalismo basco. 2. Identidade. 3. Cibercultura. 4. Comunidade imaginada. Ecologia da comunicação. 6. Internet. I. Menezes, José Eugenio de Oliveira. II. Faculdade Cásper Líbero, Programa de Mestrado em Comunicação. III. Título.

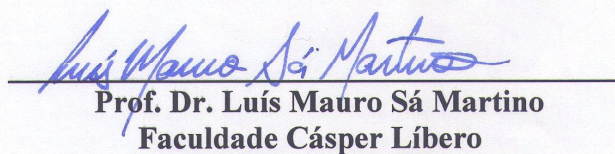
**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**AUTOR: RAPHAEL MUNIZ GARCIA DE SOUZA**

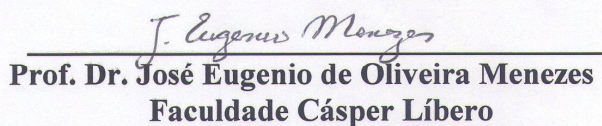
**“NACIONALISMO BASCO E REDES TELEMÁTICAS: NAÇÃO,  
VINCULAÇÃO E IDENTIDADE”.**



**Prof. Dr. Jorge Miklos**  
**Universidade Paulista – UNIP**



**Prof. Dr. Luís Mauro Sá Martino**  
**Faculdade Cásper Líbero**



**Prof. Dr. José Eugenio de Oliveira Menezes**  
**Faculdade Cásper Líbero**

**Data da Defesa: - 26 de junho de 2012.**

“Nire aitaren etxea  
defendituko dut.  
Otsoen kontra,  
sikatearen kontra,  
lukurreriaren kontra,  
justiziaren kontra,  
defenditu  
eginen dut  
nire aitaren etxea.”

*Gabriel Aresti, 1963*

“Defenderei  
a casa de meu pai.  
Contra os lobos,  
contra a seca,  
contra a usura,  
contra a justiça,  
defenderei  
a casa  
de meu pai.”

*Trad. Fábio Aristimunho*

Este trabalho é dedicado a Paul Rios, coordenador da ONG Lokarri, que em apenas uma tarde me ensinou o que é sentir-se basco.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao meu avô, João Muniz, por tudo que fez por mim, durante toda minha vida. Sem ele eu jamais teria concluído este trabalho. A minha avó, Salete, por sempre estar ao meu lado e a minha mãe, Carmen, por seu constante apoio e incentivo. A Mariana Parra, com quem compartilho todos os meus momentos, todas as minhas angústias e todas as minhas alegrias.

Ao meu orientador, José Eugênio, por ter me orientado com paciência e dedicação ao longo de todo este trabalho. À FAPESP, por ter financiado meu mestrado, me permitindo dedicar exclusivamente aos estudos.

Aos professores Pedro Oiarzabal e Angela Marques pelos comentários valorosos ao trabalho.

A todos e todas (a)os blogueiro(a)s que contribuíram direta ou indiretamente à conclusão deste trabalho, tanto os citados nos capítulos finais da dissertação quanto os que, apenas com a convivência, me permitiram ter a base necessária para concluir este trabalho.

## SUMÁRIO

<b>Resumo</b> .....	10
<b>Introdução</b> .....	12
<b>Capítulo I - Nação, Nacionalismo e Identidade</b> .....	17
1.1 Nação .....	17
1.2 Estado-Nação .....	21
1.3 Identidade .....	23
1.4 Comunidade de vida e destino .....	29
1.5 O Nacionalismo Basco .....	33
1.6 O “ser” basco .....	37
<b>Capítulo II - Imprensa, Mídia, Vínculos</b> .....	40
2.1 Da oralidade à escrita .....	40
2.2 Esfera pública, imprensa e nação .....	41
2.3 “O arquiteto do nacionalismo” .....	43
2.4 Opressão Objetiva e Subjetiva .....	45
2.5 As mídias .....	46
2.6 Escrita e virtualização .....	47
2.7 Imprensa e Comunidade Imaginada .....	49
2.8 Vínculos e Globalização .....	54
2.9 O Estado-Nação e os vínculos falsos .....	57
<b>Capítulo III - Internet, cultura e ciberespaço</b> .....	59
3.1 Cibercultura e Desterritorialização .....	59
3.2 Equilíbrio virtual .....	64
3.3 A pós-modernidade .....	67
3.4 Fragmentação identitária e re-significação .....	68



3.5 Individualismo e nacionalidade .....	71
3.6 Comunidade Imaginada e nacionalismo .....	72
3.7 O compartilhamento e a compressão espaço-tempo .....	75
3.8 Os Blogs .....	76
<b>Capítulo IV – Análise de blogs Blogs e Relatos da Comunidade Basca .....</b>	<b>80</b>
4.1 Blogs .....	80
4.2 Relatos .....	104
<b>Considerações finais .....</b>	<b>114</b>
<b>Referências .....</b>	<b>117</b>
<b>Apêndice .....</b>	<b>129</b>

**SOUZA, Raphael Muniz Garcia de [Tsavkko Garcia, Raphael]. Nacionalismo basco e redes telemáticas: Nação, vinculação e identidade.** Dissertação (Mestrado em Comunicação). São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2012.

## **RESUMO**

Através de um processo exploratório e descritivo, uma profunda análise da bibliografia coletada e entrevistas/relatos coletados, além da análise pormenorizada de postagens em blogs selecionados, busca-se analisar o comportamento na internet de membros da chamada comunidade basca, em especial daqueles que se declaram nacionalistas bascos – análise do processo de criação/re-criação de mitos, vínculos formados -, e, ainda, compreender o processo que se percorre até a tomada de consciência sobre o sentimento nacional em um ambiente virtual, em comunidades virtuais, tendo como base a noção de Comunidades Imaginadas propostas por Anderson, a ideia do plebiscito diário e da vontade de ser parte de um grupo, como explicitado por Renan, e a teoria das mídias descrita por Pross. Como se dão os processos políticos e comunicativos pelos quais há apropriação das redes telemáticas por parte do grupo ou comunidade basca? Como emerge o sentimento nacional (de nação) diretamente das interações via internet através da colaboração/interação e vínculos criados através do relacionamento online? Compreende-se a internet como um locus onde compartilhamos e nos re-significamos e que propicia aos indivíduos uma re-territorialização, um sentimento de pertencimento em meio à globalização e conseqüente fragmentação identitária típica da pós-modernidade dentro dos fenômenos da cibercultura. Busca-se compreender as razões pelas quais o movimento nacionalista Basco se ramificou até a apropriação das redes telemáticas, passando por todo um complicado processo de construção nacional, além de ligar a formação de vínculos comunicacionais à ideia de sentimento nacional e de nação, tendo a imprensa como impulsionador inicial de identidade(s) nacional(is) e a internet como novo foco de formação de vínculos através de comunidades virtuais.

Palavras-chave:

Nacionalismo Basco. Identidade. Cibercultura. Comunidade Imaginada. Ecologia da Comunicação. Internet.

**SOUZA, Raphael Muniz Garcia de [Tsavkko Garcia, Raphael]. Basque nationalism and telematic networks: Nation, linking and identity.** Dissertação (Mestrado em Comunicação). São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2012.

## **ABSTRACT**

Through a descriptive and exploratory process, a thorough analysis of the collected literature and interviews/reports collected, and a detailed analysis of selected blog posts, seeks to analyze the behavior on the internet of members of the so-called Basque community, especially those who declare themselves as Basque nationalists. Through a deep analysis of the process of creation/ re-creation of myths, of ties (bonds) formed we aim to also understand the process that runs to the awareness of national sentiment in a virtual environment, within virtual communities, based on the notion proposed by Anderson's Imagined Communities, the idea of the daily plebiscite and the will to be part of a group, as explained by Renan, and the theory of the medias described by Pross. How occur the political and communicative processes by which there is appropriation of such networks by the Basque group or community? How emerges national sentiment (of a nation) directly from the interactions via the Internet through collaboration/interaction and linkages created through the online relationships? We understand the Internet as a locus where we share and re-signify and that provides individuals with a re-territorialization, a sense of belonging in the midst of globalization and consequent fragmentation of identity, typical of postmodernism within the phenomena of cyberculture. We seek to understand the reasons why the Basque nationalist movement branched out to the appropriation of such networks, through a whole in-depth process of nation building as well as linking with the formation of communication links (ties, bonds) to the idea of nation and national sentiment, having the press as an booster of national identity(ies) and the Internet as a new focus of formation of bonds through virtual communities.

## **Keywords**

Basque Nationalism. Identity. Cyberculture. Imagined Community. Ecology of Communication. Internet.

## **Introdução**

A pós-modernidade é mais do que apenas um termo jogado ao vento para definir um estilo artístico ou mesmo para diferenciar aqueles que estão na moda daqueles “ultrapassados”, trata-se, também, de um marco na forma como nos relacionamos com outros e mesmo de como enxergamos a nós mesmos. A fragmentação identitária não é exclusiva da pós-modernidade, mas se exacerba ao ponto de nos perdermos, de nos desterritorializarmos e a internet acaba servindo como uma mão-dupla, nos jogando em um mundo de (dês)conhecimento, de excesso de informação (útil ou não), mas também nos mostrando o mundo, nos permitindo compartilhar em tempo real, comprimindo o tempo e o espaço e, por fim, nos re-territorializando, nos fazendo encontrar o que seria um porto seguro.

A internet, a pós-modernidade, a des-re-territorialização e tudo que vem agregado a estes conceitos – ou na verdade mais que conceitos, leituras da realidade, do tempo-presente – encontram-se com ideais ou mesmo ideais que permeiam a humanidade há muito mais tempo do que podemos imaginar hoje – ainda que possamos tentar: Com a comunidade, com a nação e, de forma mais recente, com a nação, alterando conceitos antes consolidados (ou mesmo que amplamente discutidos sobre suas origens ou mesmo sobre sua ‘invenção”, aceitos como parte ou modificadores comportamento humano) e nos levando até um momento talvez novo, ainda nebuloso, sobre como nos relacionamos, enquanto indivíduos e enquanto comunidade, em um ambiente virtual, em uma rede de controle, mas onde temos liberdade suficiente para criar laços, para fazer crescer sentimentos com características, por vezes, semelhantes àqueles de caráter nacional.

Por “momento novo” devemos entender um momento de compartilhamento ilimitado (ou apenas limitado pela tecnologia disponível), em que não necessitamos de estradas ou de qualquer meio de transporte para “estar” virtualmente em qualquer lugar do globo e nos relacionar com, também, qualquer indivíduo do globo conectado. Não se trata de um viajante que se desloca no espaço, mas de ciber-viajantes que se deslocam no espaço e no tempo, mas sem sair do lugar.

Há um claro alargamento na percepção do indivíduo em relação ao seu pertencimento, as possibilidades se expandem à medida em que o deslocamento virtual

permite a ele ter o conhecimento sobre algo além de sua rede de relacionamentos local, sobre sua realidade imediata baseada nos costumes e características dadas pela sua nação de nascimento ou fixação.

Se por um lado sempre foi possível ao indivíduo se deslocar de sua região/país de origem a outro e, desta forma, confundir ou adotar uma segunda identidade/identificação, a internet permite este mesmo “movimento” sem que seja necessário tal deslocamento físico, mas tão somente o virtual. Não é necessário imergir em uma cultura diferente de forma presencial, mas apenas interagir desde sua casa com outros indivíduos de uma comunidade diferente da sua original, da mesma forma que é possível entrar em contato com indivíduos de origem semelhante, mas que vivam na diáspora, ou mesmo que tenham perdido ou tido pouco contato com a cultura “original” – neste ponto tratamos por ancestral ou anterior – e compartilhar tendo por base signos, mitos e símbolos que identificam a todos com uma comunidade.

Trata-se mais de que uma comunidade de destino, fixa, imutável, presa à origem étnica/nacional, mas uma comunidade que migra, mais ainda, uma percepção/identidade que migra. Nossa identidade apresenta-se líquida, fluida, logo, mutável, e encontra na internet um ambiente um ambiente propício para “caminhar” livremente, formar vínculos, transbordar por fronteiras artificiais, inventadas, ou mesmo comunitárias.

Os blogs, assim como as redes sociais (Facebook, etc) são o campo excelente para se analisar o contato entre indivíduos de uma comunidade ou que venham a formar uma comunidade, ou mesmo que se unem no entorno de uma comunidade já pré-existente e enxergamos no caso basco um uso amplo e extenso destas plataformas virtuais como forma de contato e de formação de vínculos.

Ao acessar as redes sociais, os blogs, o indivíduo imerge – pode vir a imergir – em um ambiente carregado de símbolos e destoam daqueles de costume, há uma inquietação e logo uma busca por compreender o “entorno”, aquele locus de convivência encontrado. Desta busca pode vir a nascer uma vinculação mais forte, dos laços que acabam sendo firmados entre este e outros indivíduos que compartilham dos mesmos símbolos ou mesmo da parte que compartilha do mesmo estranhamento.

Em outros casos é possível verificar que indivíduos que compartilham dos mesmos símbolos, com diferentes intensidades, tendem a se conectar, a se ligar em

ambientes virtuais, com o intuito de compartilhar experiências e mesmo de reforçar ligações trazidas pelo compartilhamento de símbolos, que passam a também agregar mitos, histórias em comum, um passado em comum até a vontade – necessidade – de se manter esta ligação/vinculação.

A blogosfera basca foi escolhida como objeto de estudo por diversas razões, dentre elas a história relativamente única de resistência deste povo frente à séculos de tentativas de invasão e da final conquista espanhola e francesa sem que, porém, mesmo períodos de ditadura tivessem arrefecido o sentimento de comunidade e a identidade deste povo, assim como sua vontade de resistir.

Donos de uma cultura rica e até o momento de origem desconhecida, os bascos são o único povo na Europa, hoje, cuja língua não encontra paralelos ou antepassados reconhecíveis, mas mesmo assim mantém-se viva, usada diariamente na cultura e no cotidiano, apesar de todas as influências e pressões externas.

A blogosfera basca, por sua vez, forma uma teia ou um entrelaçamento singular, com ampla ligação com a diáspora e com uma forte presença online. Ademais, é notável a abundante quantidade de material acadêmico centrado no estudo da cibercultura basca, nos mais diversos vieses.

Nos parece eu outros estudiosos possa ter visões distintas sobre o assunto, mas acreditamos ser válido o estudo aprofundado e a relevância do objeto e dos conceitos aqui apresentados.

Não seria possível empreender tal análise sem antes nos debruçarmos brevemente sobre a história recente do povo basco, sobre o nascimento do chamado “nacionalismo moderno” no final do século XIX e cujos reflexos se fazem cada vez mais presentes, assim como uma análise mais aprofundada de conceitos-chave como identidade, nação e Estado, exaustivamente analisados no primeiro capítulo da presente dissertação.

O papel da imprensa, reconhecido como fundamental por Anderson, Levy, Habermas, McLuhan e outros autores na formação de uma esfera pública, de uma comunidade imaginada ou simplesmente da nação e da ideia moderna de nação/nacionalismo é analisado em profundidade no segundo capítulo. A passagem da

oralidade para a escrita e então para a virtualização, os diferentes tipos de mídia, a Comunidade Imaginada e, enfim, os vínculos formados entre indivíduos são o foco central deste capítulo que busca aprofundar ou mesmo expandir e atualizar o debate iniciado no primeiro capítulo sobre os conceitos básicos de nação e Estado moderno.

O terceiro capítulo irá se concentrar na internet, nos efeitos imediatos trazidos pela globalização, desterritorialização e relacionados (em parte ou no todo) à virtualização e uso constante de ferramentas de comunicação mediadas pela rede para o contato humano. O que entendemos por ciberespaço enquanto um locus de des-territorialização, a pós-modernidade compreendida como fragmentária e caótica, assim como as identidades re-significadas. Amplia-se o debate sobre comunidades Imaginadas, agora sob a luz de um mundo fragmentado e muito mais complexo, onde podemos falar de uma compressão espaço-tempo onde impera a instantaneidade e onde conceitos como “coletivo” e “individual” se alteram ou mesmo se subvertem.

É neste ponto em que buscamos introduzir o conceito de blogs e seus efeitos imediatos na percepção que temos de pertencimento e comunidade. No quarto e último capítulo, munido de todo um background teórico sobre internet, nacionalismo e comunidade basca, buscou-se analisar uma seleção de blogs relevantes, divididos em categorias que serão melhor debatidas futuramente, e relatos de blogueiros ligados ao movimento nacionalista basco sobre suas visões em relação ao uso e a importância da internet na promoção de um sentimento nacional (basco) e do pertencimento a uma comunidade.

Além dos relatos e da seleção de postagens de blogs, o trabalho contou com uma extensa pesquisa bibliográfica e de uma pesquisa de campo, onde foram coletados parte dos relatos, mas também onde foi possível testar hipóteses e compreender melhor não apenas a blogosfera, mas a sociedade basca e como esta vem se relacionando com a crescente importância da internet, em outras palavras, quais mudanças poderiam ser sentidas pela sociedade basca frente à internet e à formação de laços que transcendem fronteiras nacionais e as antigas fronteiras étnico-culturais bascas.

A pesquisa de campo consistiu em uma semana de estudos e contatos com a comunidade basca in loco, ampliando o horizonte da pesquisa a fim de compreender melhor como se dá o processo de identificação dos membros da comunidade no contato

face a face e quais diferenças poderiam ser notadas no ambiente online a fim de facilitar a feitura do trabalho. É importante ressaltar que alguns dos contatos que se transformaram em relatos foram inicialmente feitos pessoalmente, sem o intermédio de computadores, e foi possível imergir na cultura estudada e participar de eventos culturais e compreender melhor o porque ou porquê da vitalidade da língua e da cultura singular basca.

Por fim, a conclusão buscou condensar rapidamente os diferentes conceitos apresentados ao longo do trabalho dando-lhes um sentido e abrindo caminho para um futuro trabalho de doutorado voltado à ideia do sentimento nacional (basco) em diferentes momentos históricos, seja com o advento da internet, com o advento da imprensa ou mesmo sobre a ideia de uma comunidade mesmo antes da formação dos Estados nacionais.



## Cap I - Nação, Nacionalismo e Identidade

### Nação

Nação, em seu sentido político moderno, é uma comunidade de indivíduos vinculados social[mente] [...], que compartilham certo território, que reconhecem a existência de um passado em comum, ainda que diverjam sobre aspectos desse passado; que têm uma visão de futuro em comum; e que acreditam que esse futuro será melhor se se mantiverem unidos do que se separarem, ainda que alguns aspirem modificar a organização social da nação e seu sistema político, o Estado. (Guimarães, 2008: 145).

Em sentido clássico a “nação” é uma ideia genérica de comunidade política, de um grupo de pessoas unidas por laços naturais e eternos (língua, história comum, etc) e, normalmente, dentro de um território relativamente delimitado e possivelmente contíguo.

O termo – ou ao menos seu uso atual e disseminado – vem da Revolução Francesa, do momento em que a nacionalidade passou a ser objeto de propaganda e transformada em moeda de troca política, além de objeto de pressões.

Habermas aponta (2007) as revoluções do final do século XVIII como marco em que as ideias de Estado e Nação se fundem em “Estado Nacional”. Ele lembra que em sua origem, nação significava uma comunidade próxima integrada, vizinha, enquanto na idade média o conceito passou a indicar uma comunidade com língua comum e, mais para frente, passou a ser usada como conceito para diferenciar o “outro”, o estrangeiro dos pátrios. Em dado período o conceito de nação adotou ares políticos, ligados à aristocracia e então, passou a ser ligada ao povo como uma nova forma de integração social em oposição ao feudalismo e baseados em diferentes histórias nacionais e “comunidades imaginadas”.

Foi depois do surgimento da imprensa que foi possível ao habitante de uma vila ter conhecimento sobre seus semelhantes e poder dividir história e cultura e encontrar

semelhanças no outro. Ao mesmo tempo foi possível alargar (em termos geográficos mais que culturais) as fronteiras do *outsider* (Elias, 2000), do “outro”.

Antes, a ideia de comunidade estava relacionada apenas à localidade, qualquer pessoa de fora da vila ou da localidade, por mais que falasse a mesma língua e tivesse costumes mais ou menos semelhantes era tratada como *outsider*, como estranha a esta comunidade.

Com a imprensa foi possível aproximar comunidades esparsas e torná-las unidas, alargando ou empurrando para além as fronteiras da identidade “nacional”. A partir da imprensa surge a nação em oposição à comunidade local.

Ernest Renan (2006) diz que a nação é o plebiscito diário e passível de adesão através da vontade de pertencimento. Cabe ao indivíduo aceitar e querer participar e não ser inserido à força e, acima de tudo mostra sua vontade de criar laços e identidade e de pertencimento. A nação é mutável, é frágil, necessita de constante vigilância e trabalho. O membro da comunidade é ativo e não passivo, é preciso identificar-se positivamente e contribuir para o crescimento ou manutenção da nação.

Esta vontade de pertencer se dá pela troca de informação, baseada em tensões e rituais de vínculos, e é o que gera a sociedade e os diferentes signos ou sua leitura e interpretação é o que forma a nação. O pertencimento se dá pela troca, pelo compartilhamento.

A comunicação propicia os vínculos que nos unem. Os signos e símbolos nos diferenciam dos demais ao ponto de que a identificação com estes símbolos e signos criam laços únicos entre populações: A nação, ligada pela língua, fruto da comunicação e interação.

Nação seria, então, apenas a observação de laços mais fortes e significativos, permeado por símbolos e signos comuns. Estes laços ou vínculos propiciam a formação de comunidades e, daí, nações.

Como afirma Norbert Elias (2000), estes vínculos, entendidos como teias de vínculos, são a gênese da vida em sociedade, da formação de grupos de insiders e outsiders e, conseqüentemente, da ideia de uma nação de indivíduos com identidades similares frente àqueles com, por exemplo, línguas diferentes.

Tradicionalmente a ideia de nação respeita fronteiras geográficas delimitadas (não necessariamente estatais), as nações costumam ter seus membros em contato. A língua de um povo é falada em determinado território e os símbolos ligam esta população.

Existem casos de diáspora e povos separados da sua nação original que, porém, se identificam como parte deste grupo, mas, mesmo neste caso a ideia fundacional do sentimento nacional é a mesma. Apenas os novos integrantes do grupo (os que nascem posteriormente) não tem este contato com a comunidade original, porém compartilham de mesmos signos e símbolos (mitos fundacionais).

Porém, na internet, a nação pode ir além, transcendendo fronteiras étnico-nacionais e agregando todos aqueles que sentem uma forte ligação (vínculo) com signos e símbolos de um grupo, mesmo não estando geográfica e historicamente ligado. (Pross, 1980)

Quando falamos “nós”, estamos falando em indivíduos ligados por vínculos, por uma língua, por costumes e por símbolos e signos diferenciados dos demais. Quando falamos em “outros”, obviamente, tratamos de indivíduos que não fazem parte de nosso grupo por terem língua, costumes, símbolos e signos diferentes nos “nossos”, ou mesmo por não se “identificarem” com nossos símbolos e signos.

A nação pode ser compreendida como “comunidades culturais construídas nas mentes e memória coletiva das pessoas por meio de uma história e de projetos políticos compartilhados”. (Castells, 2008: 69)

Segundo Castells (2008), a era da globalização vem propiciando o surgimento ou o ressurgimento do nacionalismo, através da (re)construção de identidades com base na nacionalidade que se dá como uma oposição não só ao “estrangeiro”, mas ao “diferente” mesmo dentro das fronteiras estatais. Para Gellner (1983) as nações seriam apenas “criações históricas arbitrárias” ou mesmo “tribalismos” em comunidades orientadas a se insurgir e “criar” identidade própria. Hobsbawm parte de princípio semelhante ao afirmar que nações são, por vezes, apenas fruto de tradições inventadas, construídas com propósitos políticos definidos.

Se por um lado a afirmação de Hobsbawm (2004) de que toda tradição é inventada, por outro, esta afirmação poderia servir para deslegitimar todo Estado-Nação moderno e não apenas aqueles povo (ou nações) dispostas a lutar pelo seu próprio Estado – fonte de segurança jurídica e mesmo social para a continuidade e vitalidade de língua e cultura/tradições – ou ao menos para garantir autonomia e respeito à sua diversidade dentro de um Estado já definido.

Se por um lado, como afirma Castells (2008, p. 46), “etnia, religião, idioma e território, *per se*, não são suficientes para erigir nações”, por outro é a experiência, o compartilhamento e, enfim, o sentimento de pertencimento que formam a nação; a ideia de sentir-se parte de um coletivo, mas não de outro. É a história compartilhada, os dramas, os mitos, os símbolos, as alegrias e os heróis que criam o vínculo, além da língua, etnia e localização geográfica.

Não é, enfim, apenas a língua basca e a localização territorial que diferencia os membros desta comunidade da espanhola, mas o sentimento de pertencer à comunidade basca e não à espanhola, a ideia de que possuem laços nacionais baseados em cultura, mito e convivência ancestral.

E a oposição entre perenialistas ou essencialistas (representados por Hobsbawm, Gellner, dentre outros) e modernistas, onde os primeiros acreditam que as nações são processos históricos e sociais (Guibernau, 2009), remontam a antiguidade e deve à etnia sua origem ou sua ligação. A identidade moderna nada mais é que a continuidade ou representação da identidade étnica que vem desde a antiguidade. Já os modernistas defendem a tese de que a cultura nacional é um fenômeno moderno e a identidade nacional deve à revolução industrial e capitalista (com a imprensa e a expansão das línguas) em sua origem (inventada).

Há ainda um terceiro campo, a dos etnosimbolistas que defende um meio termo, em que reconhecem a relativa modernidade das nações, mas não descarta sua origem étnica e história comum. É válido notar que tal classificação é encontrada em Guibernau e pode variar de autor para autor.

Não se pode desprezar o componente étnico da identidade, que por um lado serve como base para o sentimento de pertencimento a um grupo através da sobrevivência deste ao longo dos séculos, um significado histórico (Oiarzabal e

Oiarzabal, 2005). Trata-se da percepção-base dos que estão dentro do grupo (étnico) e fora do grupo (étnico) ainda que, segundo Waters (1990), esta filiação ao grupo étnico possa ser subjetiva e muito mais baseada em percepções e auto-identificação. Por outro lado, há ainda que se levar em conta a identidade coletiva ou memória coletiva, ou seja, o conjunto de práticas e costumes compartilhados por um grupo de indivíduos que nasce da socialização, ou seja, de um processo de aprendizado que temos desde o nascimento em meio a um grupo social (Oiarzabal e Oiarzabal, 2005).

A nação, em sentido clássico, pressupõe uma língua, símbolos e mitos, além de uma memória coletiva que, juntos, perfazem os elementos culturais do grupo. Pressupõe ainda laços, sejam eles familiares, de ancestralidade ou étnicos. Tudo isto em um território delimitado, normalmente o local de nascimento, ao passo que, hoje, enxerga-se a nação mais como um processo de auto-identificação e mesmo de auto-(re)conhecimento, uma comunidade que é imaginada e onde se imagina fazer parte.

Em outras palavras, a nação é o conjunto de práticas culturais de um grupo que se vê como comunidade. É o compartilhamento de uma história e de um presente que é ao mesmo tempo imaginado e fluido, e capaz de agregar indivíduos sem vínculo territorial, mas tão somente pelos objetivos e interesses.

## **Estado-Nação**

O Ciberespaço [...] é visto como uma dimensão da sociedade em rede, onde os fluxos definem novas formas de relações sociais. [...] As relações sociais no ciberespaço, apesar de virtuais, tendem repercutir ou concretizar-se no mundo real. (Silva, 2011).

É possível encontrar em Habermas um argumento que fortalece a tese de que é através da globalização que a importância e relevância do Estado se exacerbam na proteção da nacionalidade. Quando afirma que “desde o final dos anos 1970 [...] essa forma de institucionalização, baseada no estado nacional, se encontra cada vez mais sobre a pressão da globalização [pois esta expressão evoca], em contraposição ao lastro territorial do estado nacional, a imagem de rios transbordando que minam os controles de fronteira e podem levar à destruição do ‘edifício’ nacional”. (Apud Ricúpero, 2008 p. 135).

É curioso notar que a mesma globalização que questiona a noção de Estado – não em todos os lugares da mesma maneira ou com a mesma intensidade – ao mesmo tempo permite e encoraja o fortalecimento de um sentimento nacional de grupos que visam a construção de seu próprio Estado.

A noção de Estado é matriz principal para a criação, fortalecimento e manutenção de uma nação e, portanto, de uma identidade nacional. Estado, segundo Guibernau (1997) pode ser entendido como “uma comunidade humana que detém o monopólio legítimo da força física em um território delimitado”, porém é possível ir além, e também lembrar que cabe o Estado faz também a função de uniformizador ou homogeneizador dos povos em seu interior, buscando criar uma identidade “nacional” única, submissa e tributária do Estado, ignorando a história e os mitos/símbolos das demais comunidades (éticas) dentro do Estado.

Através de Habermas, novamente citado por Ricúpero (2008), é possível notar o paradoxo criado pelos movimentos nacionalistas – e especial o basco – que encontram na globalização o inventivo necessário para a criação de entidades virtuais que acabam por fortalecer as identidades offline, as re-significando e dando nova dimensão. O autor afirma que a globalização afeta “a) a segurança jurídica e efetividade do estado administrativo; b) a soberania do estado territorial; c) a identidade coletiva; e d) a legitimidade democrática do estado nacional”.

Sem dúvida, se por um lado a segurança do Estado Espanhol se vê ameaçada, há entre a comunidade basca uma tentativa de formação do seu próprio ou, ao menos, coloca-se em questão a ideia de um Estado nacional puro no momento em que bascos reivindicam suas características e encontram um polo amplo para divulgação, reprodução e mesmo para angariar apoios.

Não bastasse o “fim da história” (Fukuyama, 1992) ter sido questionado e superado pelas ideologias que ainda sobrevivem no seio dos movimentos nacionalistas, esta teoria se mostra absolutamente superada no que tange o nascimento de movimentos sociais que transbordam fronteiras definidas buscando encampar novas bandeiras e criando tensões ao Estado na busca por uma (re)afirmação identitária e deixando claro que não existe apenas um pensamento hegemônico e dominante e que os indivíduos ainda buscam alternativas.

Na comunidade virtual o indivíduo escolhe de qual comunidade quer fazer parte. Sua motivação principal é seu interesse particular em um ou mais assuntos ou facetas da comunidade eleita por ele e que se percebe uma identificação, uma afinidade, um grupo de pessoas que pensam de modo semelhante, um modelo que lhe agrada ou apenas um local propício para discussões públicas e/ou políticas.

## **Identidade**

(...) entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado. (Castells, 2008: 22).

A identidade é algo que se adquire, é formada com o tempo, mas é ao mesmo tempo “imposta” ou se dá pela sua nacionalidade, pelos costumes de seus vizinhos imediatos, pelos vínculos que se formam entre indivíduos.

Os vínculos podem ser tratados como formadores de identidade, estas que Hall (2001) divide historicamente em três:

- 1) A do Sujeito do Iluminismo, baseada no indivíduo centrado, unificado e racional, permanecendo sempre o mesmo ao longo de sua existência, individualismo;
- 2) A do Sujeito Sociológico, reflexo da complexidade do mundo moderno, baseado na interação entre sujeitos, na relação com os outros, a identidade se modifica na relação entre o “eu” e a sociedade;
- 3) Por fim, a do Sujeito Pós-Moderno, fragmentado, de identidade mutável ou múltiplas identidades de acordo com o momento histórico e com as situações apresentadas.

A identidade passa a ser analisada a partir do Iluminismo, mesma época em que a imprensa passa a se popularizar e espalhar pela Europa, propiciando a formação de identidades não só individuais, mas de grupo, de nação.

Não que não existissem identidades pré-Iluminismo, estas apenas era ligadas apenas ao coletivo, tributárias das ordens da igreja e de senhores feudais. Os seres humanos eram tratados apenas como parte acéfala do grupo e não como indivíduos. Com a imprensa e o iluminismo o homem passa ser dotado de consciência individual ao

mesmo tempo em que passa a enxergar a si como parte de uma sociedade. As identidades hoje, porém, constituem-se em fontes de significado para os atores (Castells, 2008), é por eles originada e se constitui por meio de processos de individuação.

Castells (2008), novamente, propõe três formas e origens de construção de identidades, sendo elas a Legitimadora, a de Resistência e a de Projeto. A primeira é introduzida pelas instituições dominantes da sociedade, ou seja – dentre outros- pelo Estado, imposto pelo nascimento; a segunda é aquela que nasce como resistência à identidade imposta pelo Estado ou pelos atores dominantes, não é imposta, mas desenvolvida em um processo histórico e dialético; ao passo que a terceira se constitui em uma nova identidade que deixa de ser meramente resistente.

O que vemos no seio da sociedade basca, por vezes, é uma identidade de resistência que emerge contra o conquistador espanhol para, finalmente, vir a tornar-se uma identidade de projeto, que além de puramente resistir, adquire características próprias e desenvolve-se em paralelo. Identidade, pois, é um dever, uma ação, é ativo frente ao passivo (Bauman, 2004), é a resistência e/ou a oposição ao outro, à outra identidade.

A ideia de uma comunidade basca surge da resistência frente a uma condição de inferioridade e exclusão e passa a resistir culturalmente expandindo a consciência nacional ao ponto de buscar transformar a sociedade, a reinventar-se e se reproduzir constantemente. Castells (2008) propõe que a identidade dos sujeitos em/na rede se formam não de um processo de desintegração das sociedades civis, mas de um “prolongamento da resistência comunal”, logo, através da resistência de um grupo/comunidade que se prolonga até a rede.

No caso da comunidade basca, é fácil verificar a veracidade de tal afirmação até mesmo ao nos lembrar que o autor de tal análise é, por sua vez, um entusiasta do nacionalismo catalão, que mantém diversos pontos em comum com o basco. É também possível verificar que ao mesmo tempo em que há uma forte resistência da sociedade basca em ser amalgamada ou mesmo engolida pela espanhola – mesmo que tenham ocorrido empréstimos e contatos entre ambas – indivíduos ou sujeitos desta comunidade buscam ampliar sua sensação de pertencimento, ampliar contatos e fortalecer sua cultura



através da internet. Há um processo de resistência ocorrendo tanto online quanto offline, um fortalecendo e alimentando o outro.

Podemos até mesmo falar de uma identidade relacional, ou seja, construída com base em práticas cotidianas, subordinada a diversos mecanismos, estruturas e instituições diferentes, assim como ao bombardeamento de informações trazidos pela própria internet, mas também pela mídia de massas. A identidade relacional pode ser também entendida como a negociação de símbolos e sentimentos que se dá com outros e com o meio em que se vive, com a presença de outros e a influência, além da compreensão sobre os limites da própria atuação e de seu coletivo.

A identidade é uma negociação diária em que afirma-se diante do outro, ou um processo social e relacional que se dá na identificação de elementos comuns entre um grupo e que o diferencia de outro(s).

Norbert Elias, em seu livro sobre os *insiders e outsiders* (2000) nos fala sobre a fictícia cidade de Winston Parva e seu processo de desenvolvimento e a reação da população local frente à uma nova leva populacional que se estabeleceu na cidade e a forma como os “estabelecidos” tratavam os recém-chegados, “os de fora”.

Antes a noção de *insider e outsider* era puramente abstrata, não se devia à identidade em si do indivíduo, mas ao mero fato de não ter nascido e vivido em uma determinada vila, no sentido de puro forasteiro, mesmo que este partilhasse uma origem comum, língua comum e estivessem sob territórios relativamente próximos e semelhantes.

Isto não significa que antes da Revolução Francesa e da ideia moderna de Nação e de Estado as nacionalidades – laços fortes e especiais entre indivíduos de um tipo particular – não existissem, eles apenas não tinham a necessidade de surgirem como resistência à pressão de Estado que utilizam a ideia de nação como fidelizador de indivíduos.

Tratamos, pois, a nação ou a nacionalidade como a construção de comunidades baseadas em vínculos e não como ideologia ou como fidelizador populacional.

Este estudo de Elias serve para analisar como se dá o estranhamento entre aqueles estabelecidos há longo tempo em um território frente aos recém-chegados e nos

serve para analisar, se tomarmos os estabelecidos como autóctones há milhares de anos de um território e os recém-chegados como invasores há algumas centenas de anos (bascos e espanhóis), a forma pela qual a comunidade basca enxerga com estranhamento, mesmo hoje, a presença dos espanhóis – sua língua, cultura e Estado – sobre as tradições e organização política ancestrais bascas.

Ao contrário do exemplo de Elias, porém, não se verifica um sentimento de superioridade por parte dos já estabelecidos ainda hoje e de forma generalizada, ainda que isto se verificasse quando da gênese do nacionalismo basco moderno com Sabino Arana, no século XIX e que será melhor analisado futuramente – e o que comprova sua tese. Mas, ao longo dos anos, esta “superioridade” se transformou em um estranhamento que serve, hoje, para diferenciar bascos e não-bascos, ao ponto do ato de falar a língua basca ser fator importante para diferenciação entre os estabelecidos e os “de fora”, ainda que não exclusivo.

Seguindo ainda Elias e seu estudo de Winston Parva, o autor verificou que o grupo estabelecido tinha a tendência de estabelecer aos outsiders características negativas, algo que Sabino Arana e os pais do nacionalismo moderno basco atribuíam aos espanhóis, ao lhes chamarem de “maketos” (forma pejorativa pela qual os nacionalistas bascos conservadores se referiam aos espanhóis no princípio do século XX), uma expressão que denota inferioridade. Ou seja, aqueles que não se encaixassem no ideal basco (neste ponto idealizado), eram considerados inferiores, ruins, inadequados. É interessante notar que nos primórdios da resistência cultural havia a necessidade de se pregar a superioridade e mesmo idealizar uma comunidade que, por si só, existia enquanto comunidade imaginada.

Observa-se, ao longo do tempo, um crescimento do número de falantes da língua basca, ao mesmo tempo em que as regiões mais “euskalduns” acabam por se mostrar mais ligadas às tradições e onde partidos e movimentos nacionalistas encontram maior apoio.

Não há impedimento para não-falantes da língua basca, ou Euskera, se integrarem e serem reconhecidos como parte da comunidade (original), caso da diáspora ou mesmo de muitos bascos nascidos e criados na região histórica do País Basco mas que não tiveram oportunidade de aprender a língua, mas sem dúvida há uma primazia

pelo uso e disseminação através desta língua, mesmo que através de palavras de ordem e frases curtas de efeito em manifestações, blogs e redes.

No caso da identidade basca, Gordo e Megías (2006) observaram que às relações face-a-face da juventude são acrescentadas as relações online, o que pressupõe uma certa alteração na lógica tradicional, pois amplia-se o alcance e praticamente elimina-se fronteiras e a barreira do tempo. A rede nos faz analisar e problematizar de forma diferente a questão da identidade ao ampliar o campo de estudo/análise e não limitá-lo apenas às relações pessoais e físicas entre indivíduos, mas abarcando todo o mundo e a todos com possibilidade de estar conectados.

A identidade parte de um interesse individual, de uma posição puramente individual de sentir-se parte de um coletivo (ElHajji, 2011). O “eu” que reconhece um “nós” frente a “outros”. É curioso notar como o pertencimento ao coletivo necessita, antes de tudo, de um individual, ou da união de vários indivíduos. A nação nada mais é que uma identidade coletiva, o somatório de múltiplas identidades individuais. O reconhecimento enquanto parte de um coletivo vem da descoberta da própria individualidade (Guibernau, 2009).

Ainda segundo Guibernau (2009), “todas as identidades surgem dentro de um sistema de representações e relações sociais”, ou seja:

Os atores devem ter uma percepção de pertencimento, um sentido de continuidade temporal e uma capacidade para auto-reflexão que informe um processo de reafirmação constante da própria auto-identidade e diferenciação em relação aos outros. (Guibernau, 2009: 24).

Observa-se, por fim, que ao passo que hoje bascos e espanhóis ainda se encarem uns aos outros como outsiders e insiders de suas respectivas comunidades, ao menos para a comunidade basca, certas características talvez ligadas à necessidade imediata de resistência frente a uma “invasão” cultural externa perdem ou perderam espaço ao longo do tempo. A ideia de uma superioridade racial idealizada por um indivíduo declaradamente xenófobo e racista como Sabino Arana e muitos de seus seguidores iniciais foi há muito abandonada, dando lugar a uma visão menos idealizada e mais

realista de uma comunidade de compartilhamento cultural que é diferente, porém não superior ou inferior à espanhola.

As teses iniciais raciais, onde o “ser” basco significava ter não apenas nascido no território, mas também falar a língua e compartilhar integralmente da mesma cultura, além de pertencer a uma família dita tradicional, deram lugar a noções mais fluidas de identidade e pertencimento, onde o sentir-se basco ganha espaço, onde o trabalhar, viver e compartilhar, enfim, o sentir-se, torna-se primordial.

Estados como a Espanha e França tentaram impor seus mitos fundacionais a todas as demais minorias não-francesas ou não-espanholas, e em ambos os casos os fracassos e sucessos podem ser contabilizados.

A França foi a mais bem sucedida, conseguindo sufocar boa parte das minorias (ainda que venha enfrentando o ressurgimento ou surgimento de nacionalismos periféricos na Bretanha, Córsega, Catalunha Norte e País Basco Norte ou Iparralde e, em algumas dessas regiões, com a presença de grupos considerados terroristas), mas a Espanha falhou miseravelmente na tentativa de apagar a história de suas minorias e há séculos enfrenta resistências.

Ao contrário da França, onde boa parte dos seus territórios foram conquistados com base na força, a Espanha se constituiu com base em casamentos dinásticos (salvo a Catalunya, conquistada a ferro e fogo no séc. XVII) e, ao contrário de seu vizinho do norte, não conseguiu implantar um sistema educacional e de transportes tão eficaz e à tempo de neutralizar as movimentações de suas minorias.

Benedict Anderson (2005) afirma serem três as bases do Estado Moderno, nascido da Revolução Francesa: A Educação, as Comunicações e o Exército. E, em todos os casos, a Espanha falhou em impor sua centralidade. Gellner (1983) irá também comentar sobre a importância do sistema educativo para a formação da identidade nacional imposta por um Estado à sua população.

A educação é, sem dúvida, a herança mais importante ou a maior criadora da ideia de uma nação centralizada. A França pós-Revolução Francesa e ainda no século XIX foi rápida em impor e implantar a educação exclusiva em Francês por todo o seu território, relegando as línguas locais à um segundo plano, puramente familiar.

Com a ampliação das comunicações, com a estrada de ferro especialmente, o intercâmbio entre regiões tornou-se ainda mais comum, elevando a importância do Francês como língua franca e tornando ainda mais obsoleta a necessidade de se falar a língua local, relegada agora ao nível de mero dialeto (Watson, 2003).

Antigamente, os exércitos ainda agregavam grandes contingentes populacionais, mas a divisão entre pequenos Estados e as questões relativas à vassalagem evitavam que se formasse uma unidade verdadeiramente nacional, mas a partir do momento em que há uma integração efetiva e uma facilidade maior dos transportes, aliada à uma escola e um sistema educacional exclusivo, sufoca-se o componente local em prol de um estatal.

A França conseguiu grandes sucessos nesta área. A Espanha, envolta em conflitos sectários, em crises dinásticas e extremamente pobre, não foi capaz de implementar tais mudanças e quando tentou fazê-lo, Bascos e Catalães (Galegos em menor grau) já estavam organizados e prontos para resistir.

Esta resistência se deu, então, contra um Estado Ilegítimo, incapaz de impor um único mito fundacional, mas heterogêneo, plurinacional, enfim, um Estado com nações "artificialmente incluídas" e, como tal, frente a duas opções: A resistência cultural ou a Luta Armada.

A inexistência de um sistema educacional homogeneizador mantinha dormente qualquer tipo de nacionalismo como resistência às imposições centralizadoras de um Estado supostamente nacional.

### **Comunidades de vida e destino**

Bauman (2004), em seu livro "identidade" fala em dois tipos de comunidades, as de vida e as de destino, em que na primeira, os indivíduos "vivem juntos numa ligação absoluta" e, a segunda se caracteriza por serem "fundidas unicamente por ideias ou por uma variedade de princípios", ou seja, as comunidades de destino são aquelas que surgem a partir do momento em que se há contato entre uma comunidade com outra diferente, logo, em que o indivíduo é exposto à diversidade.

Bauman vai diferenciar identidade de pertencimento, ao afirmar que meramente pertencer a uma comunidade (de vida) não garante ao indivíduo uma identidade e que apenas quando se é confrontado com o outro é que se cria a noção não só de pertencer a

um grupo, mas de compartilhar e sentir-se efetivamente parte dele. Pertencimento e identidade, por sua vez, não são imutáveis, mas sujeitos a alterações, negociáveis e dependem das decisões tomadas pelos indivíduos.

A ideia de “identidade” nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o “deve” e o “é” e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia - recriar a realidade à semelhança da ideia. (Bauman, 2004: 26).

Na comunidade de destino, cabe ao indivíduo negociar sua identidade e definir (ainda que não seja este um mecanismo necessariamente consciente) seu pertencimento de acordo não com o destino imutável ou como uma opção única, mas quando for possível negociar sua identidade frente às tensões que o circundam.

Na comunidade de destino há um reconhecimento objetivo do pertencimento/identidade que não é necessário na comunidade de vida. Não faz sentido uma identificação ativa, uma demonstração de pertencimento de indivíduos que não sofrem qualquer pressão externa de outro grupo. Não há a necessidade de ser “mais basco” quando em contato com outro basco, mas há, por vezes, a necessidade de diferenciar-se do espanhol ou do francês quando confrontado.

Talvez seja possível se falar em um terceiro tipo de comunidade, uma comunidade de tensão ou fronteira (Monteiro, 2009) na qual comunidades que vivem juntas passam também a, na internet, devido a dinâmicas sociais diversas, resistir frente a outras comunidades e adotar ou transparecer princípios e ideias. É a possibilidade de indivíduos ligados por laços de sangue, por exemplo, terem também que ativamente defenderem ou demonstrar sua identidade. Ao mesmo tempo, são comunidades que, apesar de vida, possuem diversas dinâmicas em seu interior, o que abarcaria a parcela de bascos que porventura se identifiquem também com a comunidade espanhola/francesa ou mesmo outras.

Antigamente, até pelo menos a formação dos Estados-Nacionais e a Revolução Francesa, propiciando um maior intercâmbio ou uma maior mobilidade entre indivíduos, as relações sociais não ultrapassavam as dezenas de quilômetros, a vila, a região. Desta forma, a maior parte dos contatos entre indivíduos eram com outros que

professavam língua próxima, religião e costumes, inexistindo a necessidade de se diferenciar culturalmente do vizinho. Mas a partir do momento em que a sociedade passa a se tornar mais fluida, a movimentar-se mais e que os Estados passam a encerrar diferentes comunidades/grupos étnicos/linguísticos e, finalmente, a impor uma educação em uma única língua chegando ao ponto de impor significativas mudanças culturais, cria-se a necessidade de se diferenciar.

As vizinhanças se ampliam, o transporte passa por uma revolução e isto possibilita o nascimento da identidade, enquanto algo ativo, propositivo e não apenas passivo e inerente ao indivíduo. Um basco passa a não ser um basco apenas por viver dentro do território histórico, mas por identificar-se, por agir como tal.

A identidade nacional é um fenômeno de natureza fluida e dinâmica (Guibernau, 2009), por um lado à consciência sobre uma identidade e os fatores que levaram o indivíduo a isto pode permanecer os mesmos por décadas, séculos, mas também podem sumir de um momento para o outro.

Ao caso basco, mais um problema, a sua divisão entre dois Estados, o francês e o Espanhol, com cada lado opressor forçando sua língua, sua cultura e seu modo de vida, criando uma tensão em uma comunidade dividida que cada vez mais sentia a necessidade de reagir e, então, demonstrar sua própria e diferenciada identidade. O Estado acaba por criar uma nova ideia de nação – mesmo que nasça baseado em uma ou outra nação anterior, mas esta acaba mudando e se moldando -, tornando necessária a resistência das periferias e, por vezes, mesmo daquela majoritária, pois mesmo ela acaba por ser alterada, “refinada”.

Na França, por exemplo, o “ser francês” passava por saber falar a língua francesa que, nos tempos da Revolução Francesa, não era falada por mais que uma pequena porção de pessoas em torno de Paris e região. A solução foi o de impor a língua e costumes, via escola e burocracia – e exército – às demais nações, buscando anulá-las, ao passo que emprestava delas elementos, forjando uma nova identidade nacional.

Esta imposição vai de encontro com o que Guibernau (2009) descreve como a dimensão psicológica da identidade, ou seja, com a “consciência de formar um grupo baseado na proximidade sentida que une os membros de uma nação”. Em outras

palavras, a imposição via burocracia por parte de um Estado a indivíduos de um coletivo vai ao encontro com o “sentir”, com a dimensão psicológica e, também, com a crença em uma cultura e história comum, com a dimensão cultural de valores e costumes.

De certa forma, históricas e mitos podem ser criados e recriados, como afirma Hobsbawm, mas por outro, a dimensão psicológica carece de outros elementos para afirmar a identidade. Há limites para a manipulação de elementos no entorno dos indivíduos, ao passo que a identidade se encerra no “terreno do subconsciente e do ‘não racional’” (Guibernau, 2009).

A ideia de identidade, ainda segundo Bauman (2004), foi “forçada” aos indivíduos e chegou até eles como uma ficção, tanto para aqueles que pertenciam ao grupo majoritário/formador da “identidade nacional” – que a partir de dado momento passariam a englobar grupos outros e a expandir – quanto para os demais, que se viam forçados a pertencer a outro grupo. Rompe-se a ideia de uma comunidade imaginada e impõe-se uma comunidade fictícia, ampla, sem identificação efetiva com os atores.

Fala-se, portanto de uma identidade nacional frente a um “agregado de indivíduos do Estado” (Bauman, 2004), uma comunidade coesa, porém precária, com a necessidade de eternamente reafirmar sua identidade, suas diferenças para com os demais, os *outsiders*. Bauman irá dissociar a “identidade nacional” das demais identidades ligadas às comunidades de destino, chamando a nação de uma “convenção arduamente construída” e a ligando ao Estado, em oposição às “identidades menores”, com ou sem objetivo nacional.

Talvez seja ainda possível falar de uma comunidade de fronteira ou múltipla, em que podemos ter múltiplos pertencimentos e, obviamente, múltiplas identidades. Compartilhar e sentir parte de mais de um grupo e se verifica, por vezes, junto a grupos ou sociedades minorizadas, forçadas a viver sob um Estado dito nacional em que, depois de muitos anos de convivência, passam a se reconhecer como parte tanto da minoria quanto da maioria populacional, pertencendo a ambas e compartilhando do destino de ambas.

Mesmo que as duas comunidades (ou mais de duas) decidam tomar caminhos diferentes, via a formação de um novo Estado, é possível que um indivíduo continue se



sentindo, pertencendo e compartilhando dos destinos de ambas as comunidades. Isto é facilmente verificado em comunidades diaspóricas, onde os indivíduos ao mesmo tempo compartilham do destino de sua comunidade “étnica” e de sua “nova” comunidade, caso dos bascos que vivem nos EUA ou na América Latina e que se sentem tanto ligados à comunidade local quanto à cultural/étnica.

É igualmente possível, por outro lado, que um indivíduo de origem basca acabe por abandonar sua identidade e não se sinta parte desta comunidade quando na diáspora, assim como pode sentir-se um estrangeiro em seu país de nascimento ou moradia e tenha por identidade apenas a basca. A identidade é algo construído, é alvo de esforço e de uma escolha (mesmo que inconsciente). O “pertencer” é mais do que simplesmente nascer ou viver, é um processo de construção diário e constante.

### **O Nacionalismo Basco**

Sabino de Arana y Goiri, nascido de uma família de classe-média Carlista na Bilbao de 1865, enveredou pelos estudos pseudo-históricos de um passado mítico basco, cunhou novos termos na língua basca para definir a nação (Euskadi ou Euzkadi na grafia de seu tempo, ou “terra dos bascos”, que por si só possui um forte conteúdo racista) e fundou o Partido Nacionalista Basco, sob o lema *Jaungoikua eta lege zarrak* (“Deus e Leis Antigas”, fazendo referência aos Foros, antigo sistema de autogoverno Basco que durou por séculos), agregando diversos grupos dos setores conservadores e nacionalistas da sociedade basca (Watson, 2003).

Arana se opunha de forma ferrenha ao liberalismo e ao laicismo e suas ideias se baseavam no forte preconceito racial contra não-bascos (apelidados de *Maketos*), o que de certa forma não destoava dos conceitos de superioridade racial adotado pelos Castelhanos na época ou mesmo pelos alemães de algumas décadas depois, e na noção de ruralismo, de uma sociedade rural, antiga, conservadora, voltada para a vida no campo e para Deus, tendo na igreja o ponto focal da sociedade (Granja Sainz, 2002)

Mas, sem sombra de dúvida, a ideia de independência original foi a que mais se desenvolveu e perpetuou no imaginário basco (Granja Sainz, 2002). Os Bascos jamais haviam sido conquistados ao longo de toda sua história. Os Romanos não os haviam submetido, mas conviviam lado a lado de forma respeitosa, todos os grandes reinos posteriores haviam usado os bascos como guerreiros e mercenários, sem, porém, terem

efetivamente os controlado. Os bascos chegaram ainda a constituir um reino, o de Navarra, que foi por séculos um dos mais poderosos da península hispânica.

Através de conquistas e casamentos, o Reino de Navarra passou às mãos dos reis de Castilha, sem que os bascos perdessem seu autogoverno, através dos chamados Foros (Fueros ou Fuerak), um sistema legal pelo qual os bascos entregavam à nascente Espanha a responsabilidade de tomar conta de sua política externa e defesa, mas garantindo aos bascos ampla liberdade interna, basicamente sem qualquer intervenção por parte do reino espanhol.

Este concerto durou até o início das Guerras Carlistas, guerras pela sucessão do trono espanhol, que colocou o País Basco no centro de uma série de guerras sangrentas a partir de 1839, já que defendiam o pretendente Carlista ao trono espanhol que, em teoria, lhes havia garantido a manutenção dos Foros e de sua quase independência.

Com as sucessivas derrotas, o governo central, como punição, passou a diminuir cada vez mais o alcance dos Foros, até sua eliminação total que, pela primeira vez, significou o controle do País Basco por uma potência estrangeira em pelo menos 2.500 anos de sua história (Kurlansky, 1999).

Este último mito acabou por ser também relevante para a ETA, como uma forma de justificar a luta de libertação nacional de uma nação submetida, colonizada pela Espanha. Curiosamente há menos tempo sob domínio espanhol do que as colônias africanas, por exemplo, dominadas por mais de 300 anos em alguns casos.

O real significado dos Foros é deixado de lado por muitos autores, que preferem colocar o País Basco como parte integrante do Estado Espanhol - ou do Reino de Castela - desde pelo menos a dissolução final do Reino de Navarra quando, na verdade, a realidade é bem diferente. Durante séculos os reis espanhóis foram até Guernica se ajoelhar perante a Árvore de Guernica (Gernikako Arbola) e jurar respeitar os Foros e a liberdade dos bascos (Kurlansky, 1999).

Internamente os bascos gozavam de total autonomia, se autogovernavam, ainda que abrissem mão da defesa e das relações exteriores. Esta situação, até hoje, confunde pesquisadores e leigos quanto à virtual independência que gozavam os bascos sob o regime dos Foros.

Apenas após a Revolução Francesa, quando a ideia de um Estado centralizado baseado em educação, comunicações e exército toma forma, e na importância da imposição de uma única língua, nacional, se apresenta como realidade objetiva, é que a Espanha começa timidamente a tentar minar os Foros e efetivamente dominar o País Basco, pondo fim a qualquer possibilidade de soberania.

Até o fim das guerras Carlistas, já em meados do século XIX, o País Basco é virtualmente independente, mas acaba sendo finalmente conquistado e tem os foros abolidos em 21 de julho de 1876. Em 1878 o País Basco passa a pagar impostos à coroa, algo que nunca havia feito antes.

A situação permanece assim até que o País Basco consegue novamente sua independência por alguns meses em 1936 e 1937, durante a Guerra Civil Espanhola - tendo sido inclusive reconhecido pelo Vaticano (Lessa e Suppo, 2003), para se ver depois dominado por Franco. A partir de então, a repressão apenas cresceu.

Durante o chamado Franquismo, a língua basca foi proibida, assim como manifestações culturais tornaram-se clandestinas e a ideia de uma nação basca foi constantemente suprimida. Buscava-se anular a identidade basca e substituí-la à força pela espanhola, movimento que mostrou-se ineficaz a longo prazo, e resultou em uma cruenta guerra de guerrilha entre o governo espanhol e a sociedade basca, organizada primeiramente em guerrilhas nas montanhas da região e posteriormente em torno da ETA (Euskadi Ta Askatasuna, ou Pátria Basca e Liberdade), grupo fundado em 1952.

A ETA (Euskadi Ta Askatasuna – Pátria Basca e Liberdade) nasce do trabalho de militantes nacionalistas insatisfeitos com os rumos que o PNV - direita cristã - tomava, ou mesmo com os rumos da Ação Nacionalista Basca (ANV), partido de esquerda nacionalista fundado nos anos 30, que consideravam por demais tímidos e insuficientes na luta pela libertação do País Basco (Villalón, 2000). Estes militantes nacionalistas se reuniam e eram apoiados largamente por facções anti-franquistas da igreja católica, em especial pela ordem dos Jesuítas.

A ETA nasce com o ideal de independência, tendo na luta contra Franco uma primeira etapa para a consecução de seus objetivos. Desde o princípio a ideologia que permeia a ETA é a de recuperar e valorizar a cultura e língua bascas (Llera, 1992), ao contrário do senso comum que via na ETA apenas um grupo anti-franquista.

Este caráter eminentemente nacionalista se verifica pelo fato de que 90% dos ataques do grupo se deram após a morte de Franco, em especial durante os anos de discussão do Estatuto de Autonomia Basca (1979), da formação do primeiro Governo Basco (1980) e da Constituição Espanhola (1978)

Por um lado, o nascimento da ETA em um período de forte repressão, as transformações ideológicas constantes e os rachas e divisões do grupo contribuíram para o número limitado de ataques e assassinatos políticos durante os anos de franquismo, e por outro, a chegada da democracia - ao menos nos moldes ditados pela Espanha - se apresentava como o momento mais propício para a consecução dos objetivos Earras e, também, marca o auge organizativo da organização.

O Marxismo passa a ser parte do ideário da ETA em um processo de discussão interna durante as primeiras três assembléias do grupo, tornando-se efetiva a partir da IV Assembléia (1964), no auge das lutas de libertação africanas e asiáticas, quando a ETA se afasta do PNV e começa a se aproximar dos movimentos operários de massa (Llera, 1992)

Nesta época o próprio PNV – cuja direção se encontrava no exílio e logo depois seu líder máximo, Aguirre, falece em Paris – via enfraquecer sua presença e a penetração no País Basco sob ocupação espanhola. As novas gerações, nascidas já sob a ditadura ou muito novos quando da Guerra Civil, já não tinham mais no PNV um modelo e desconheciam as novas lideranças.

Coube à ETA reescrever os ideais Aranistas (originalmente racista, integristas e xenófobos, cujo ideal de nação rural e bucólica contrastava com o forte crescimento industrial basco) e torná-los não só mais palatáveis ao proletariado urbano, como também mais atuais e conectados à realidade pela qual passava a Europa e o mundo nos anos 50 e 60.

Durante o regime de Franco (1939-1976), as torturas, execuções e prisões eram lugar-comum. Com a chegada da democracia acreditava-se em um novo tempo, um processo de debate democrático. Engano. O período posterior à ditadura, conhecido como Guerra Suja, patrocinado e financiado pelo governo do premiê socialista Felipe González (1982-1996), deixou dezenas de mortos em ações de grupos

de extrema-direita cujo objetivo era o assassinato político de membros da ETA, de partidos nacionalistas bascos e da militância Abertzale. A repressão financiada pelo Estado, na Espanha, permanece inalterada até os dias de hoje. (TSAVKKO GARCIA, 201: 46).

Após a chamada democratização pós 1975 e a morte de Franco, a sociedade basca floresceu, com a língua basca passando a ser ensinada nas escolas em currículo obrigatório, canais de TV e rádios passaram a também transmitir em basco e houve um resgate da cultura proibida por décadas de ditadura. Ao longo dos anos este renascimento transbordou até a internet, com a criação de sites, blogs e diversas comunidades bascas, em euskera ou em castelhano (e em menor parte em francês), levando à internet a cultura basca e permitindo um maior contato entre cidadãos no território histórico e também na diáspora.

### **O “ser” basco**

Particularmente, Linz (1985) concluye que la identidad vasca es una combinación de tres criterios complementarios: primordial (descendencia – ‘jus sanguinis’ -, y lengua); territorial (nacimiento – ‘jus soli’ -; y trabajar y/o vivir/residir en el País Vasco – ‘jus laboris’ -, y/o - ‘jus domicili’ -); y subjetiva (auto-percepción, voluntad de ser vasco –concienciación de pertenencia a una colectividad histórica -). (Oiarzabal e Oiarzabal, 2005: 50).

Os autores demonstram através de dados oficiais coletados pelo governo basco e outras organizações que o “sentir-se” basco depende de múltiplos fatores e que a identidade basca é deveras fluida. Para muitos é necessário ter nascido na região ou falar a língua para ser basco, para outros apenas viver, ou ser filho de um dos pais bascos e, para outros, até mesmo apenas trabalhar ou residir no território histórico para, finalmente, ser apenas um sentimento, independentemente de qualquer outro fator.

Até a Guerra civil Espanhola era comum que, para ser considerado basco, fosse necessário falar a língua, mas depois de décadas de repressão e com um número de falantes do euskera declinando e mal passando dos 30%, os conceitos começaram a mudar. As migrações, assim como o processo acelerado de urbanização, acabaram por fazer mudar os conceitos de “nacionalidade” ainda mais.

A identidade basca se mostra incluyente, aberta e de forma alguma estática, o que mostra a facilidade que teve para se integrar à internet, com milhares de blogs e comunidades sendo abertos e mantidos, intercambiando com diferentes culturas e línguas e fazendo a ponte com a diáspora e com outros indivíduos que se sentem parte da comunidade.

Desta forma, é possível encontrar indivíduos com mais de uma identidade, especialmente na diáspora, onde é possível “ser” basco e australiano, basco e argentino, basco e brasileiro sem que um estudioso possa colocar em questão as decisões individuais de indivíduos que se sentem parte de um grupo (Totoricagüena, 2000). Cabe ao indivíduo identificar-se com um grupo e acreditar compartilhar de características suficientes deste para a ele pertencer.

É comum, no País Basco, encontrar indivíduos que ao mesmo tempo se sentem bascos e espanhóis, ou bascos e franceses e que, mesmo assim, possam se colocar como nacionalistas bascos ou como anti-nacionalistas, preferindo a manutenção da região junto à Espanha.

A internet propicia uma aproximação entre grupos bascos tradicionais (no território histórico) e os da diáspora, permitindo um intercâmbio entre os grupos em uma troca em tempo real. Em maior parte as comunidades diaspóricas podem buscar sua re-significação junto às comunidades tradicionais e em menor parte estas podem vir a agregar elementos transitórios e híbridos das comunidades que deixaram o território histórico basco, demonstrando o caráter fluido da identidade nacional e sua constante mutação e adaptação.

Segundo Alonso e Arzo (2003), é na internet que os conflitos políticos e culturais tendem a ser melhor discutidos e mesmo resolvidos, sendo talvez a “última oportunidade para a cultura basca sobreviver à era globalizada”. Da mesma forma que línguas não gramatizadas e sem o suporte da imprensa tendem a enfraquecer e mesmo morrer, culturas que permanecerem fora da internet tendem a perder também espaço.

Sem a internet a assimilação das comunidades diaspóricas tende a ser maior, especialmente se estas estiverem conectadas, mas impossibilitadas de manter contato com bascos no território original, ao passo que a comunidade tradicional perderá espaço e se verá refém, por exemplo, de outros vernáculos e de ambientes desconhecidos para

veicular suas ideias e sentimentos.

É fato que boa parte da comunicação entre a diáspora e a comunidade original, e mesmo entre esta se dá em castelhano, em parte pela repressão ferrenha de Franco à língua basca, mas também é verdade que por vezes o castelhano serve como veículo da cultura basca que é híbrida, não é pura e sofreu empréstimos e influência dos espanhóis e franceses. O castelhano não é estranho aos bascos e da mesma forma promove a cultura, mitos e símbolos bascos para a diáspora e para os que não falam a língua mas se identificam com o povo/cultura, e, por vezes, promovem o fortalecimento do euskera, permitindo que novas gerações busquem aprendê-la.

## **Capítulo II – Imprensa, Mídia, Vínculos**

### **Da oralidade à escrita**

Se por um lado Anderson (2005) defende que é da imprensa, da ideia e propagação da imprensa que nascem as nações, o sentimento nacional – ideia retomada por Levy (2008) quando este separa em período oral (tribos), escrito (cidades), impresso (nação) e, finalmente, a era das redes, cujos fenômenos Levy ainda não podia prever – por outro as redes que apontam para uma nova forma de nacionalismo, uma nova ideia de territorialidade em meio à desterritorialização pós-moderna (Ortiz 1999, 2004; Haesbaert, 2002, 2004) e a formação de novos núcleos.

Para Levy, a oralidade representa o princípio da vida em sociedade onde o tempo se baseia na memória e em seus limites. Não há nenhuma forma de “armazenar as representações verbais para futura reutilização” (Levy, 2008). Segundo Levy o período da oralidade primária estava ligada ao nomadismo e o alcance da noção de comunidade do ser humano se restringia ao grupo em movimento e à capacidade dos indivíduos de manterem sua memória sempre fluindo através da oralidade repassada para os descendentes.

Levy separa a oralidade primária da secundária, sendo a primeira característica de povos sem escrita, enquanto a segunda estaria relacionada à interpretação da palavra escrita, ao discurso e à expressão.

A capacidade técnica de agrupamentos humanos – oralidade, escrita, imprensa – está diretamente relacionada com sua evolução social. A escrita dá ao homem a capacidade de garantir o controle de vastos territórios através do registro de suas posses, que vão além da mera posse baseada na confiança trazida por juramentos e achismos.

A escrita inaugura a época das “grandes civilizações agrícolas da antiguidade”, está ligada ao sedentarismo recém-adotado por parte da humanidade e da necessidade de se deixar registrada a história, as leis e costumes dos homens, assim como, primordialmente, garantir um controle e perpetuar o conhecimento sobre as colheitas.

Com a escrita, foi possível ao homem firmar contratos que podiam durar além do período de uma vida e sem abrir espaço para interpretações e enganos, o que estava escrito era a lei. A palavra escrita garante a eficácia de tratados firmados e sua



longevidade, ao passo em que a imprensa perpetua a palavra escrita, dando-lhe publicidade e alcance. Repercussão é a palavra de ordem, a imprensa permite que eventos acontecidos em um lugar sejam conhecidos a milhares de quilômetros em pouco tempo, passando a ideia de integração e unidade.

A escrita perenizou o conhecimento e deu novo significado ao tempo, criando um intervalo entre a emissão e a recepção da mensagem (Levy, 2008) e, além disso, propiciou ao poder estatal comandar os signos e também os homens, não dando brechas para incompreensões sobre ordens, leis e funções de cada cidadão dentro de um Império ou simples Cidade-Estado.

Com a escrita foi possível ao homem controlar vastos territórios, mantendo não só registros de suas posses, mas controle sobre impostos e cargos. A escrita faz o homem migrar da tribo e do nomadismo para a sociedade, quiçá para a comunidade e permanecer sob um mesmo território.

A diferença entre sociedade e comunidade pode ser encontrada em Weber, que apontou a existência de ações e relações sociais de forma comunitária e de forma societária, sendo a primeira fundada sobre o sentimento subjetivo de pertencimento a uma mesma coletividade e a segunda em um compromisso e na associação voluntária dos indivíduos para defenderem seus interesses.

A imprensa, porém, populariza a escrita, permite que mais pessoas tenham acesso à palavra escrita em regiões próximas ou distantes, criando uma sensação de comunidade e de pertencimento.

### **Esfera pública, imprensa e nação**

Habermas irá além no estudo do surgimento de uma burguesia nacional relacionando o fato com o surgimento do capitalismo e da imprensa, afirmando que a emergência de uma nova classe social, a burguesia, precipita a emergência do Estado, este visando garantir e resguardar mercados e o controle da economia – dita – nacional. A burguesia, sujeita da própria modernidade, impulsiona o Estado moderno.

Para satisfazer as crescentes exigências do capital e compartilhar os crescentes riscos, essas companhias elevam-se logo ao estatuto de sociedade por ações. Mas, para ir mais avante, elas precisam de garantias políticas mais

seguras. Os mercados do comércio exterior passam a ser agora, com justiça, considerados como “produtos institucionais”; resultam de esforços políticos e de força militar. A antiga base, o território nacional. Começa então aquele processo que Heckscher descreveu como sendo a nacionalização da economia cidadina. É certo que só a partir daí é que se constituiu o que, desde então, é chamado de “nação” – o Estado moderno com suas instituições burocráticas e uma crescente necessidade de dinheiro, o que, por sua vez, retroage rapidamente sobre a política mercantilista. (Habermas, 1984: 30-31).

É válido notar, no entanto, que as fronteiras estatais nem sempre respeitaram fronteiras efetivamente nacionais. Os interesses da burguesia, por vezes, passavam por cima dos de comunidades específicas, causando uma visível tensão, em especial posteriormente à Revolução Francesa, em que a força militar – e em especial a educação – passaram a ter uma prevalência ainda maior na vida cotidiana.

Habermas chama esse espaço conversacional, de interação, ação comunicativa e mesmo deliberação entre burguesia de esfera pública, que é inaugurada com o Estado moderno, pressupondo um controle por parte desta instituição dos rumos daquela nação. Há, no entanto, clara relação de interdependência entre Estado e burguesia que, de forma alguma, é homogênea, apesar da aparente independência dos atores que conversam, pois, no fim, a conversação costuma se dá dentro dos marcos do Estado e versar sobre ele.

A literatura e os jornais foram factores responsáveis pelo nascimento da esfera pública. Os meios de comunicação, em particular, alargaram as economias de mercado e com isso se desenvolveu o comércio de notícias. (Silveirinha in Correia et al, 2010: 35).

Para garantir o espaço aos múltiplos interesses da burguesia, nasce – ou se fortalece e diversifica – a imprensa. Sua função é a de garantir a publicidade das ideias e ideais dos mais diversos grupos, servir como ponte entre a emissão e a recepção, dando origem à prática da opinião pública.

Para garantir ampla cobertura, logo, amplo alcance, a mídia impressa precisava “falar” a língua da população, ou seja, os jornais precisavam ser escritos nos mais diferentes vernáculos populares. Desta forma, por mais que Habermas vislumbre uma esfera pública associativa (em sentido weberiano), é também verificável o papel da imprensa na emergência de identidades mais próximas da forma comunitária. Faz-se

emergir um sentimento comunitário a partir do reconhecimento de outros indivíduos em uma mesma coletividade humana, partilhando histórias em comum e com valores e costumes semelhantes.

Em resumo, da mesma forma que a imprensa, instrumento da burguesia para propagação de seus ideais dentro de um Estado criado para garantir o controle de mercados e da economia, esta também serve à formação de comunidades que podem transcender as fronteiras estatais e que, na verdade, respeitam lógica absolutamente diversa.

A internet, por sua vez, exacerba esta capacidade de formação de comunidades, visto que a imprensa necessita(va) de uma burguesia forte para bancá-la e, em geral, esta burguesia acabava por delimitar seu alcance e esforços às fronteiras nacionais, ou seja, servia para garantir a um Estado as cores nacionais necessárias para sua manutenção.

Em outras palavras, é mais comum encontrarmos uma mídia impressa em castelhano em todo o território do Estado Espanhol que uma mídia em basco ou catalão, de alcance limitado e relativamente mais moderna. Não é fácil pensar em uma mídia impressa em Occitano ou em Franco-Provençal, línguas do sul da França, e sim em uma mídia majoritariamente em língua francesa. Na internet, porém, há uma maior fluidez e mesmo uma maior facilidade na disseminação de uma mídia em vernáculos locais com capacidade para, senão concorrer, fazer alguma frente à mídia impressa no vernáculo majoritário ou “estatal”.

### **“O arquiteto do nacionalismo”**

Marshall McLuhan, no livro “Os meios de comunicação como extensões do homem” (1974) conecta a ideia da imprensa – homogeneizadora e capaz de amplificar sentimentos ao mesmo tempo em que integra indivíduos – à da formação do nacionalismo enquanto manifestação política.

Anderson afirma que a imprensa permitiu que indivíduos distantes entre si, mas falantes da mesma língua, compartilhassem histórias comuns e enxergassem uns aos outros como parte de uma mesma comunidade (imaginada), enquanto McLuhan vai além e afirma que a unificação política das populações por meio de suas línguas só seria

possível através da imprensa que transformaria cada idioma em meio de massa de amplo alcance.

Esta ideia encontra eco em Habermas, para quem a imprensa acaba funcionando como um meio de massa de amplo alcance, inicialmente entre a burguesia, com o objetivo de garantir mercados e, posteriormente, de manter mercados em contato, ou ao menos os burgueses de diferentes mercados em contato.

McLuhan afirma que a imprensa (ou a tipografia) acabou com séculos de paroquialismo e com o tribalismo, permitindo a extensão das mentes e das vozes dos homens “para reconstruir o diálogo humano numa escala mundial” (McLuhan, 2011).

Assim como Levy, McLuhan enxerga no alfabeto, na escrita, a superação do tribalismo puro – do nomadismo, para Levy -, com a possibilidade da difusão do conhecimento de forma ampla. A imprensa, por sua vez, veio junto (ou mesmo trouxe, como afirma o autor) o nacionalismo, o industrialismo, os mercados de massa e, enfim, concorda com Habermas e a ascensão da burguesia nacional.

A imprensa transformou vernáculos em meios de massa, integrando indivíduos dispersos e forjando a ideia de uma nação e, então, foi possível se pensar na integração política e institucional de diferentes populações.

A internet vem para exacerbar esta integração, ao mesmo tempo em que também desagrega. Territorializa e desterritorializa, cria e destrói. Não se trata, porém, de falar em um determinismo tecnológico, mas tão somente compreender que somos influenciados pelas tecnologias, seja ela a internet ou a imprensa, ao mesmo tempo em que somos moldados ao passo que não se pode imaginar o mundo de hoje sem a internet, assim como o século XIX sem o vapor ou a própria imprensa, e moldamos nossas vidas no entorno das possibilidades tecnológicas, mas sempre buscando ir além.

As tecnologias moldam o tempo e o espaço, ou melhor, a percepção que temos deles e como reagimos a respeito (Scolari, 2009). A noção de distância mudou ao longo dos milênios e séculos, e a tecnologia dos transportes e posteriormente de comunicação encurtaram distâncias, permitiram um compartilhamento (mais) imediato ao ponto em que chegamos à web, e ao compartilhamento bi-multi-direcional (quase que) instantâneo.

## **Opressão Objetiva e Subjetiva**

A imprensa moderna acaba por desvelar duas características de opressão (Guibernau, 2009) que foram se aprofundando ao longo do tempo e que puderam ser mais sentidas com a emergência do Estado-Nação moderno pós-Revolução Francesa, a objetiva e a subjetiva.

Situação de opressão objetiva pressupõe uma repressão sistêmica contra a língua, costumes e manifestações culturais de um determinado grupo, ao passo que uma situação de opressão subjetiva pode ser compreendida como a negação da independência em situação de ancestralidade ou histórico anterior de independência, ou seja, ao passo em que a imprensa propicia o surgimento de comunidades imaginadas que não respeitam fronteiras estatais – escapando de sua “função inicial” de garantir à burguesia o controle estatal da economia e mercados mediante uma opinião pública -, este Estado busca garantir a uniformização interna da nação.

A opressão objetiva pressupõe uma ação por parte do estado contra a nação minoritária, ao passo que a opressão subjetiva apenas se constitui na negação de direitos (históricos).

Em outras palavras, há uma tensão constante entre Estado e Nação, pois este segundo não respeita as fronteiras e limites ditados pelo primeiro, tendo como pano de fundo ou impulsionador a imprensa, responsável por aumentar ou mesmo criar a tensão.

Questão dos centros de poder geográficos: O centro com mais poder impõe sua língua à periferia. Madrid, por exemplo é centro incontestável de poder da Espanha, impõe o espanhol enquanto língua necessária para ascender socialmente. Trata-se de um *cluster* de poder. Há uma pressão objetiva sobre outros centros menores ou regiões menos relevantes politicamente para que se submetam ao poder central.

As periferias de poder ou clusters nacionais dependem da boa vontade dos centros de poder para sobreviver em muitos casos. Decisões são tomadas exclusivamente pela maioria nacional. A minoria se sente desfavorecida frente a esta tutela.

Quanto à questão da ancestralidade, nações com alguma antiguidade tem sua história diminuída, apagada ou simplesmente negada em busca de uma uniformização

estatal, como é o caso dos bascos, catalães, dentre outros, que eram independentes ou o foram por séculos e mesmo que se resolva hipoteticamente a opressão objetiva, a idéia da ancestralidade e da independência perdida permanece viva, impulsionando o nacionalismo.

A Escócia e a Irlanda são exemplos em que as línguas ancestrais não tem um papel relevante no nacionalismo e sim a cultura e a ancestralidade, a história de independência até tempos modernos.

Por outro lado, buscando aproximar o estudo ao caso latino americano, conflitos de caráter nacionalista podem ter resoluções mais simples, pois a pressão objetiva verifica-se em menos casos – normalmente a língua da colônia é uma língua européia e não há nenhum histórico ancestral de independência relevante para sustentar continuidade por parte de grupos conflituosos (levando em conta casos em que as comunidades indígena sejam francamente minoritárias, como no Brasil, Argentina ou mesmo nos EUA). Mas a questão torna-se mais complicada quando há efetivamente uma ancestralidade.

O Canadá é exemplo de colônia em que se resolvendo situação objetiva, a opressão que existe do Estado majoritariamente anglófono frente à minoria francófona do Quebec, o nacionalismo arrefece, ao passo que a Bolívia ou mesmo o Canadá quanto ao trato com suas nações indígenas, possuem questões sensíveis quanto à ancestralidade (caso do Canadá) e à língua e ancestralidade (caso da Bolívia).

### **As mídias**

Harry Pross, em 1972 classificou as mídias em três grupos (Pross in Menezes 2007). A mídia primária seria a que se resume ao corpo e às linguagens naturais, das relações face a face; a secundária, como uma forma de vinculação mais especial, em que o homem utiliza artefatos para comunicar-se, desde pinturas até a escrita, a imprensa e os livros.

É a partir desta fase em que o homem passa a formar os laços nacionais, em que ele se afasta de sua pequena comunidade de relações primárias e passa a comunicar-se – e vincular-se com uma sociedade maior que, apesar de tudo, mantém significativas semelhanças com a sua vila.

O homem passa da identificação familiar, da micro-identificação com sua cidade para uma outra forma de vinculação, a identificação de traços comuns em comunidades que não necessariamente estão localizadas na sua esquina, mas talvez a centenas de quilômetros.

Através da imprensa o homem passa a se ver como parte de um grupo muito maior e, ao mesmo tempo, reconhece a presença de outros que compartilham valores diferentes, línguas diferentes.

A mídia terciária ou eletrônica já nos propicia uma exacerbação destes vínculos encontrados quando da mídia secundária. O suporte passa a ser a internet e a própria imprensa é re-significada. Não mais nos limitamos às informações de nosso país ou região, mas somos levados ao mundo e, claro, podemos criar vínculos que transbordam fronteiras físicas.

A internet supera o mero papel impresso e os limites geográfico-territoriais e passa a abarcar toda a população mundial, sem barreiras físicas, para quem possua uma conexão à internet, permitindo, assim, a consciência da existência de outros povos, grupos, linguagens e idéias e ao mesmo tempo a criação de uma identidade comum em meio à diversidade.

### **Escrita e virtualização**

McLuhan cunhou o termo “destribalização” para classificar o período em que a escrita – doravante a imprensa – substitui o universo tribal, oral, de conversas ao redor da mesa (Menezes, 2007), o período em que os alfabetizados “podem ler a respeito de temas e problemas que estão muito distantes da ‘tribo’”.

McLuhan nos mostra ainda a importância da escrita ao afirmar que, a partir dela, podemos compreender traços fundamentais da nossa própria cultura (Menezes, 2007): homogeneidade, uniformidade e continuidade (da escrita). Traços estes que são definidores de uma nação. A homogeneidade e uniformidade étnica e lingüística da sociedade e a continuidade dos símbolos. A partir da mídia terciária estas características ficam ainda mais marcadas.

Como afirmou Menezes (2007), a escrita inaugurou a era do virtual, da presença virtual em que uma pessoa pode manter um vínculo especial ou uma relação profunda com o emissor sem, por exemplo, sequer conhecê-lo e a centenas de quilômetros.

A imprensa amplia esta capacidade virtualizante através de seu alcance e, se pensarmos na mídia terciária – internet – teremos a abolição completa de fronteiras e limites para os quais estes vínculos podem ser criados. Para Deutsch (1966) “O aspecto essencial da unidade de um povo... é a complementaridade ou relativa eficiência da comunicação entre indivíduos”, ou seja, é através da comunicação que os vínculos se formam.

A língua é uma barreira natural e muitos vínculos são formados quando da compreensão de uma ou outra língua por parte de indivíduos que, então passam a poder se identificar com um grupo através da possibilidade de compartilhamento e compreensão. Apenas através da comunicação – da compreensão do interlocutor – é que se é possível realizar a recombinação de informações.

É óbvio que estes vínculos, mesmo sem limites impostos por fronteiras, teriam um limite, e este é o da identificação, da língua, da leitura e interpretação de símbolos que, aliás, não morrem enquanto deixarem registros, apenas se atualizam, renovam ou perdem sentido.

É difícil imaginar que um indivíduo incapaz de compreender a língua do interlocutor ou de um grupo, logo, seja incapaz de se comunicar com eles, possa identificar-se com o grupo e formar vínculos.

Foi através da imprensa, ou seja, da utilização e expansão dos vernáculos que se pensou primeiramente numa identidade nacional, numa nação moderna, e na internet isto não é diferente. Se por um lado Anderson afirma que a língua impressa é a que “inventa” o nacionalismo, por outro, na internet, o mesmo não necessariamente se verifica.

Em outras palavras, o uso que muitos bascos, através de blogs e perfis de redes sociais fazem da língua castelhana para suas conversações não os torna menos bascos e mais espanhóis, mas por outro lado, um indivíduo incapaz de se comunicar em ambas estas línguas encontra uma barreira quase intransponível.



Pode-se afirmar que a imprensa cumpriu e ainda cumpre seu papel de uniformizar e mesmo de criar consciência (nacional), porém a internet vai além, permitindo um melhor compartilhamento e exacerbação do sentimento de pertencimento, indo além da escrita, mas chegando até as hipermediações, à imagem e ao som, tornando mais fácil o intercâmbio e a identificação.

### **Imprensa e Comunidade Imaginada**

Através de Benedict Anderson (1989, 2005) e Levy (2003a, 2003b), temos na Imprensa o marco do surgimento da nação moderna, quando o vínculo comunicacional se expande da mera relação face-a-face para a formação de vínculos através da mídia impressa, cobrindo grandes distâncias e disseminando símbolos comuns por toda uma população. Habermas irá também retomar esta análise em seus estudos sobre a formação de espaços públicos.

A imprensa nasce junto com o Capitalismo, com a ascensão da burguesia e dela se retro-alimenta. Ela se desenvolve, também, durante a Reforma Protestante, que em muito contribuiu para a criação de identidades nacionais ao promover ou incentivar a tradução da bíblia para diversos vernáculos locais, fortalecendo seu uso e perpetuação e possibilitando ou facilitando a identificação de comunidades. Substitui-se paulatinamente a “comunidade imaginada da cristandade” pela comunidade imaginada baseada na identidade nacional.

A imprensa, portanto, inaugura o período que tomamos por Modernidade definida por Giddens como um “estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influencia.” (Giddens, 1991). A Modernidade é a era do consumismo, da racionalização da vida e do sujeito, do capitalismo e, por fim, da industrialização.

A imprensa substitui a oralidade que ainda dominava a sociedade, permitindo que “histórias nacionais” sejam repassadas literalmente, sem “chiados” durante a transmissão. Há, então, uma maior acessibilidade aos cidadãos de uma comunidade dos escritos que tratam de antepassados em comum. As histórias não ficam limitadas aos bardos e aos guardiões orais, mas são “democratizadas” ou ao menos mais facilmente disseminadas, facilitando a construção de um passado imemoriável de uma origem

comum daquela comunidade.

Levy (2003a, 2003b) considera a fala como o ponto de inflexão na criação de uma sociedade. A partir do momento em que o homem fala e cria sua língua, cria seus primeiros vínculos. Ao utilizar-se da mídia primária – seu corpo – o homem passa a viver em sociedade.;

A escrita marca o momento em que o homem começa a viver em vilas, em cidades, é ainda o ponto de intersecção entre a mídia primária e a secundária, é o princípio do uso de ferramentas para se comunicar. O homem, com a escrita, passa a não só viver em sociedade, como a organizá-la, criando limites e regras.

Levy (2003a, 2003b) continua descrevendo o advento da imprensa como formadora da nação, pois, dentre outras, marca o limite entre aqueles que podem compreender o que foi impresso (língua) e aqueles que podem ser definidos como “outros”.

Anderson (2005) concorda com Levy (2009) e relega à imprensa o papel de formadora da ideia moderna de nação, por nos aproximar, por criar a ideia de “nós” (não só pela língua que todos compreendemos, mas por aproximar histórias e pessoas em um amplo território).

Os vínculos criados pela língua e os signos descritos por ela são pais do sentimento nacional, da ideia de comunidade imaginada.

A imprensa foi a grande responsável por solidificar e mesmo ampliar os laços ou vínculos entre os indivíduos, entre criar uma fonte de identificação primordial – a língua – entre indivíduos que, de outra forma, poderiam estar desconectados.

Caracteriza-se como eurocentrismo ou mesmo orientalismo, porém, a crença de que a nação deve apenas ao Estado ou à revolução industrial/imprensa seu “nascimento”, pois despreza a formação de nações pelo resto do mundo, como nações indígenas ou diversas nações africanas e asiáticas. Se por um lado, na Europa, verificasse a importância da imprensa para a formação da consciência nacional moderna, por outro, não é possível desprezar a bagagem cultural das diferentes comunidades que viriam a se firmar.

Se por um lado a imprensa, ainda no século XVI se mostra como o primeiro embrião da ideia de nação, de comunidade (Anderson, 2005), por outro lado seu alcance era deveras limitado e pouco penetrava nos grotões da Europa ou tinha força suficiente para realizar grandes mudanças no cotidiano de populações majoritariamente analfabetas.

Na Europa, em muitos casos, a imprensa serviu especialmente para reforçar a noção de outsiders e marcar as diferenças entre as diferentes comunidades, ou seja, serviu para reforçar e dar tons nacionais a comunidades já estabelecidas. O que antes eram comunidades com pouca mobilidade, enraizadas em territórios ancestrais, com a imprensa e os transportes passam a se locomover e a reconhecer como parte de sua comunidade agregados mais amplos e distantes.

Se por um lado a língua foi grande fator de unidade desde os primórdios, hoje, com o advento da internet, é possível uma ligação ou re-ligação, uma rede social na qual outros vínculos são criados, que transcendem o relacionamento tradicional entre homem-grupo.

Vínculos nada mais são que laços fortes entre indivíduos que, tomando Anderson como exemplo, podem alcançar grandes distâncias através da imprensa, e criar o conceito de nação que transcende as fronteiras de pequenas comunidades (cidades ou vilas). São estes vínculos que fazem com que os indivíduos imaginem sua comunidade como distinta e diferente das demais (Guibernau, 2009) e a língua tem importante papel, pois é difícil acreditar que pessoas com línguas diferentes e com dificuldades de comunicação possam, a princípio, formar parte da mesma comunidade.

Segundo Anderson, (2005) se a imprensa facilitou o processo de criação de uma identidade (nacional) por estreitar laços, criar uma linguagem comum e aproximar os indivíduos.

Seguindo o pensamento de Anderson (2005) podemos compreender três períodos-chave de criação de um sentimento nacional, tendo a imprensa – compreendida como imprensa-papel e imprensa-internet – como ator principal. Retirando da igreja o monopólio dos livros e, em consequência, do conhecimento:

1. Séc. XV: Embrião do sentimento nacional, invenção (ocidental) da

imprensa e difusão crescente de livros e conhecimento. A partir deste momento as idéias das elites tornam-se mais fáceis de acessar.

2. Séc. XVIII: Através de vários processos históricos, o nacionalismo como conhecemos hoje desponta como uma ideologia forte e presente. O nacionalismo, então, se prende a diversas ideologias e pensamentos políticos e passa a permear nossa sociedade diariamente.

3. Séc. XX/XXI: Com o advento da internet o nacionalismo alcança novos patamares, passa a ser transnacional (Appadurai, 2004) e rompe as fronteiras físicas. Lemos (2002) acrescenta ainda o telefone, a TV e o Rádio pelo potencial do primeiro em facilitar a comunicação a longas distâncias e os demais por facilitar a propagação de informação às massas, a um maior número de pessoas.

A comunidade imaginada nada mais é que uma comunidade soberana e limitada (nação) onde seus membros, mesmo que nunca conheçam a todos os demais, se sentirão como parte de um mesmo grupo e se identificarão como um mesmo grupo. Este sentimento nasce do compartilhamento não só de uma língua, mas também de uma história em comum e de mitos, que são criados, inventados e re-inventados constantemente.

Esta invenção e re-invenção de mitos não torna a nação, como afirma Gellner (1964), falsa ou ilegítima, mas tão somente reforça a idéia de que a nação é, como supõe Renan, um plebiscito diário e depende não só de consentimento, mas de uma vontade objetiva (mesmo que inconsciente) do indivíduo de fazer parte da comunidade. A nação é idealmente uma fraternidade pelo qual pessoas estão dispostas até mesmo a dar suas vidas para garantir sua sobrevivência.

A identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação; uma intenção de devorar e ao mesmo tempo recusa resoluta a ser devorado. (Bauman, 2004: 84).

Zubrzycki, citado por Bauman (2004) fala da oposição entre o modelo cívico da nacionalidade, onde “a identidade nacional é puramente política”, ou seja, é escolha individual de pertencer a uma comunidade, e a versão étnica, onde a “identidade nacional é puramente cultural”, é dada ao nascer. A tese da Comunidade Imaginada, porém, se sustenta no meio, ao compreender o poder da imposição do nascimento sobre

o indivíduo, mas também permitindo uma escolha. Efeitos culturais, étnicos e políticos se sobrepõe na formação da identidade, cabendo ultimamente ao indivíduo – mesmo que de forma inconsciente – sua identificação, mas baseada por critérios que perpassam pelo étnico.

Não basta ao indivíduo apenas nascer basco, mas é preciso sentir-se basco, ao passo que basta sentir-se basco sem a necessidade de sê-lo por nascimento efetivo, mas é necessário que exista uma carga política, um fator ativo de identificação. Por mais que possa ser uma escolha (consciente ou não), a identidade precisa de certos elementos para existir ou para ser, e parte disto é a carga cultural, é a história compartilhada e o sentimento de pertencimento a uma comunidade.

Um basco nascido e criado na Argentina pode sentir-se pertencente a ambas as comunidades, ou parte de apenas uma delas ou mesmo de nenhuma, tudo dependerá não apenas de sua escolha individual, mas também da bagagem cultural e mesmo do ambiente político que o cerca. Análises que buscam criar parâmetros específicos sobre a identidade esbarram na capacidade humana de mudar, perceber e de sentir.

Como vemos, hoje, com o advento da Internet, a formação de vínculos não se limita mais à um grupo pequeno ou limitado por fronteiras, mas passa a abarcar todo o mundo, abrindo a possibilidade de novas formas de identificação e vinculação entre indivíduos.

A internet se apresenta como uma grande (r)evolução por facilitar a troca de informações não só em tempo real mas também por transformar qualquer pessoa com um computador em agente, o internauta não é apenas um ouvinte/leitor passivo, mas um ator/autor ativo e participativo em um ambiente aberto e – teoricamente - fora do controle estatal.

A nação moderna, ou a comunidade imaginada, nasce como uma resistência à imposição estatal de uma língua, de uma centralização/unificação, porém a ideia de nação/identidade, enquanto algo fluido, vem da diferença entre nós e os outros, insiders e outsiders, logo, é possível afirmar que mesmo antes do Estado já se podia falar em uma “nação” enquanto uma comunidade de vida (Bauman, 2004) ou imaginada (Anderson, 2005).

## Vínculos e Globalização

Globalización implica, aunque de manera desigual y asimétrica, procesos acelerados, crecimiento de instituciones globales, producción y distribuciones de productos globalmente, la internacionalización de producción, finanzas, división de trabajo, información y movilidad a nivel mundial. También supone la desterritorialización del mundo que se asume estar dividido exclusivamente en líneas territoriales nacionales clásicas y herméticas. (Oiarzabal e Oiarzabal, 2005: 54).

Retomamos Habermas (apud Ricúpero, 2008) e sua tese da destruição do “edifício nacional” mencionado no primeiro capítulo deste trabalho, onde o autor afirma que a importância e relevância do Estado se exacerba na proteção da nacionalidade.

O que se coloca é a demolição do edifício nacional artificialmente criado por Estados que tem por base a falsa imagem de Estado-Nação perfeitos mas que, internamente, se configuram como Estados com múltiplas nações, com múltiplos vínculos entre seus cidadãos. Podemos até mesmo falar em dupla identificação, quando um indivíduo ao mesmo tempo se reconhece como parte de mais de um grupo – caso de muitos Bascos que se enxergam tanto bascos quanto espanhóis sem qualquer prejuízo pessoal ou mesmo de Bretões que se enxergam ao mesmo tempo bretões e franceses – ou mesmo em múltiplas identificações.

Vemos a Globalização como um fenômeno pós-moderno (não exclusivamente, mas de maneira exacerbada e clara) caracterizado pela escala transnacional dos fluxos de capital, comunicações, migrações, turismo e cultura (Buarque de Holanda, 1999), ou seja, um fenômeno presente desde que o homem iniciou os mais rudimentares processos de troca e contatos entre tribos e agrupamentos humanos, mas que se exacerbou na pós-modernidade rompendo fronteiras nacionais, culturais e lingüísticas, usando a internet como um de seus principais instrumentos, intercambiando e aproximando populações humanas, culturas, costumes e etc.

Segundo Buarque de Holanda (1999), globalização é um processo ao mesmo tempo agregador e fragmentador, proporciona tanto homogeneização quanto diferenciação e, no caso específico deste estudo podemos compreender estas afirmações

quando enxergamos as os vínculos comunicacionais formadores de comunidades como agregadoras e re significadoras.

Para Oiarzabal e Oiarzabal (2005), ao contrário do pensamento popular, a globalização não propicia a desapareção de identidades locais, mas incrementa as oportunidades de “mudar o marco”, acentuando distintas identidades e critérios de pertencimento. Grupos transnacionais que compartilham identidades tendem a ampliar suas relações na rede e compartilhar de forma facilitada, ao passo que podem diferenciar-se de outros mais facilmente, ao deixar claro marcas típicas de sua identidade.

Longe de apenas propiciar uma convergência de culturas que poderia levar à integração total, a expansão das comunicações permitiu a maior diferenciação entre grupos e, ao mesmo tempo a tomada de conhecimento de grupos diaspóricos de sua identidade. A globalização impõe um grande problema aos diversos grupos que é a da homogeneização, da unificação sob o signo do mercado e do consumo, mas ao mesmo tempo permitiu a criação de um campo fértil de reterritorialização em que as diferenças são também ampliadas.

Sites e blogs em línguas e dialetos minoritários, comunidades específicas divididas não só por gostos, mas por características de povos e culturas propiciaram uma diferenciação em meio à globalização coma criação de canais de interação que unificam e aproximam indivíduos dispersos. O vínculo afetivo entre os indivíduos, nestes casos, se dá antes mesmo do online, que passa a ser reflexo inicial do offline até ganhar vida própria em determinado momento. O ciberespaço potencializa o surgimento de comunidades virtuais, ou seja, potencializa que o offline chegue ao virtual e se transforme. Símbolos, mitos e a noção geral de identidade nacional são transpostas ao virtual e, então modificadas, adaptadas e reproduzidas.

Ao mesmo tempo, os contatos entre diferentes grupos promovem uma maior auto-identificação entre seus membros, ao passo que grupos relativamente antigos passam a agregar novas características e a se tornar mais permeáveis.

O sentimento nacional seria, então, forma de reação à fragmentação identitária, o vínculo forte e específico entre indivíduos que se identificam com símbolos e signos comuns, e, em meio à globalização, seria acrescido de novos valores, chegando ao

ponto de agregar novos atores – diáspora com contatos mais simplificados ou mesmo indivíduos que apenas descobriram uma identificação com um grupo.

Novo ator que surge da globalização – ou mesmo propiciando um maior aprofundamento desta – é a internet, que não destrói as bases da nacionalidade tradicional, mas propicia uma aproximação entre grupos e indivíduos dispersos.

Castells (2008) defende um inter-relacionamento entre as culturas interligadas (conectadas) pela globalização, ou seja, é possível falar em vínculos fortes para além da visão tradicional, vínculos criados a partir de relacionamentos na internet.

Segundo Hall (2001) e Harvey (1993), a globalização cria uma compressão espaço-tempo sobre a identidade nacional, ou seja, “ações multilaterais [...] se realizam em tempos desiguais sobre cada um e todos os pontos da superfície terrestre” (Santos, 1978). A aceleração dos processos globais está tornando o mundo menor, as distâncias mais curtas; o tempo menos delimitado e a velocidade dos meios de comunicação e da internet criam uma nova forma de experimentar o tempo, propiciando a instantaneidade das relações sociais.

O que se vê hoje, enfim, é a possibilidade de se ampliar os vínculos, os vínculos nacionais, exportar e dar publicidade em nível mundial a símbolos e signos antes limitados geograficamente. A imprensa adota nova forma, assim como as sociedades, que se tornam mais fluidas e ao mesmo tempo mais inter-conectadas.

Se antes a imprensa funcionava como um agregador, como uma ferramenta ou meio de fomentar sentimento nacional (criação de uma comunidade imaginada) através da identificação criada entre atores, a internet apenas exacerba esta função, passando por cima de fronteiras nacionais definidas e agregando ainda mais pessoas, possibilitando a formação de vínculos sólidos em distâncias superiores às tradicionais fronteiras nacionais.

Ao mesmo tempo o bombardeamento de signos e significados através da internet – de forma ainda mais forte e constante que através da televisão – acabam por tornar ainda mais forte a necessidade de ligação com as raízes, de identificação com um grupo frente à fragmentação identitária em curso. A defesa da identidade torna-se questão de honra e os vínculos entre indivíduos são estreitados.



## **O Estado-Nação e os vínculos falsos**

Se por um lado Sinclair (2002) defende que o Estado-Nação vem perdendo sua força diante dos fluxos de relações globais, compreendidos, mas não só, pelas trocas comerciais sem fronteiras, pela internacionalização e multinacionalização das cadeias produtivas, pelo turismo e pelos contatos virtuais através do computador e das redes telemáticas, por outro vale afirmar que ao mesmo tempo os indivíduos passam a notar mais as especificidades de seu próprio meio, passam a observar as diferenças mais marcantes entre grupos humanos, entre nações.

Ao ser exposto às diferenças o homem passa a ter maior noção de sua própria realidade e da vitalidade de seus vínculos com seu entorno.

É comum a alguns acreditar que o Estado nacional chegou à sua velhice (Mann, In Balakrishnan, 2000), porém, ainda que este enfraquecimento de fato exista, não é tão profundo ou perigoso como comumente é pregado. O grau de enfraquecimento é claramente diverso entre os diferentes Estados, que são relativamente modernos, e, ainda que enfraquecido frente aos nacionalismos subnacionais, ao transnacionalismo, e outras forças variadas, ele continua a prevalecer no militarismo, nas comunicações, na regulação econômica e social, enfim, na Sociedade (Mann, in Balakrishnan, 2000).

Porém este enfraquecimento do Estado nacional – ainda que desigual, limitado – leva a um enfraquecimento da identidade dos sujeitos. Historicamente a identidade está atrelada aos Estados e ao desenvolvimento do capitalismo – ao menos no séc. XX e quando falamos no homem moderno ou pós-moderno (Hall, 2001) – de um lado o Estado de bem estar social ligou de maneira duradoura os indivíduos do norte aos seus Estados-nacionais e por outro os movimentos nacionais do “terceiro mundo” ligaram os indivíduos desta região a uma noção de nação nunca vistas antes na região.

Na Europa, os Estados modernos tentaram destruir as bases de vinculação de indivíduos e criar uma supra-identidade ligada a nação mais forte ou proeminente do Estado, mas em geral falhou, causando a onda de movimentos separatistas atuais que buscam retomar sua identidade tendo por base seus vínculos ancestrais.

Já no terceiro mundo, Estados ainda mais artificiais buscaram amalgamar uma imensa gama de imigrantes em uma única nação, algo que foi bem sucedido, por

exemplo, no Brasil, mas mostrou-se artificial quando se trata de Bolívia ou Equador, em que nações indígenas reivindicaram por séculos sua identidade diferenciada da dos conquistadores espanhóis.

No fim do séc. XX, os então marginais movimentos nacionais ou regionais (regionalistas) dentro dos Estados já consolidados começaram a despontar com força renovada e buscar um lugar ao sol, a crise do Estado de bem estar social, a queda do Muro de Berlin, o surgimento de novos Estados das cinzas da URSS e os fluxos econômicos e a transnacionalização das empresas e relações em escala jamais vista antes trouxeram uma nova onda de fragmentação de identidades.

O sentimento de pertencimento, ou vínculo entre membros de um grupo – ou grupos – se dá nas esferas simbólicas, mas também se dá por práticas sociais e estas enfrentam constante possibilidade de mudanças e re-interpretações.

Os vínculos entre grupos nacionais se fortalece na diversidade e na adversidade, se por um lado o Estado perde espaço, por outro entendemos que é o Estado baseado em configurações artificiais de vínculos de pertencimento que entra em crise e não aquele relativamente homogêneo, traçado em linhas nacionais.

## Capítulo III - Internet, cultura e ciberespaço

### Cibercultura e Desterritorialização

A internet se configura como um ambiente ou locus onde compartilhamos e nos re-significamos enquanto indivíduos. O ciberespaço pode ser encarado como um mundo, um espaço e um lugar (Scolari, 2009) onde ocorrem relações sociais e formam-se laços sociais em um espaço re-significado.

O objetivo principal do presente capítulo é o de analisar a internet como um ambiente de fragmentação identitária e desterritorialização causada pela globalização e situando-a como um ambiente onde somos diretamente influenciados pela chamada compressão espaço-tempo; e apresentá-la como um campo singular de re-significação, e relacionamento que vem de encontro com o individualismo dos últimos tempos, face à crescente necessidade de compartilhamento.

A Internet é o coração de um novo paradigma sociotécnico, que constitui na realidade a base material de nossas vidas e de nossas formas de relação, de trabalho e de comunicação. O que a Internet faz é processar a virtualidade e transformá-la em nossa realidade, constituindo a sociedade em rede, que é a sociedade em que vivemos. (CASTELLS, 2003: 287).

A Internet é mais que uma simples tecnologia, é um meio de comunicação, de relação, de interação, por meio do qual se estrutura essa forma organizativa de nossas sociedades e nossas relações sociais, dando a elas novos sentidos e significados que são apropriados pelos indivíduos e, então, modificados, reconstruídos e redefinidos. Através da citação de Castells pode-se concluir que existe uma cibercultura bem definida, entendida como a ação social no ciberespaço, ou seja, há uma re-significação do ciberespaço, resultado da ação de indivíduos, que forma uma cibercultura específica.

Hoje, embora a sociedade esteja conectada mundialmente via rede de computadores, o indivíduo ainda sente necessidade de se integrar a grupos com os quais tenha alguma identificação; de interagir para viver em sociedade através, por exemplo, da formação de comunidades virtuais [caso das comunidades micronacionais] como

uma estratégia do indivíduo inserido em uma sociedade em rede de se fazer reconhecer por meio de uma ou várias identidades (Corrêa, 2005).

Ainda segundo Corrêa (2005), o modo de atribuição dessa(s) identidade(s) é fundamentalmente uma escolha pessoal e eletiva, sendo esta a principal diferença do modelo tradicional de atribuição de características identitárias, como, segundo a autora, as identidades culturais e nacionais, resultado de processo de imposição.

A busca por uma nova ou novas identidades, através das comunidades virtuais e das redes de comunicação, são nada mais que reflexos da globalização e do fenômeno da pós-modernidade que vai de encontro com a idéia clássica de sociedade bem delimitada, causando então um enfraquecimento e fragmentação da identidade nacional (Hall, 2001) que é logo re-significada ao se adotar uma nova identidade – tanto subjetiva quanto objetiva – micronacional.

A globalização, ainda, é responsável pelo fenômeno conhecido como Desterritorialização (Ortiz, 1999, Haesbaert, 2004, Appadurai, 1990) das relações culturais através da ampliação da identidade individual em uma identidade coletiva e que não respeita barreiras nacionais e não precisa de um território para se fixar. Esta identidade coletiva é o reflexo da busca dos indivíduos por uma identidade baseada em interesses comuns, por características não-impostas ao indivíduo pelo Estado-nacional e que foram fragmentadas.

Os indivíduos vão à internet em busca de quem a ele seja semelhante e encontra no micronacionalismo um campo fértil de re-significação ou reterritorialização (Appadurai, 1990, 1997, Haesbaert, 2004) de sua identidade individual. Segundo Appadurai (1990) e Haesbaert (2004), toda desterritorialização gera novas formas de reterritorialização e o micronacionalismo nada mais é que uma manifestação deste fenômeno. Na internet os indivíduos buscam formar sociedade, ou melhor, socialidade (Maffesoli, 1996) por sentir cada vez mais a necessidade de se envolver com pessoas que compartilhem algo em comum em um período de desterritorialização (Ortiz, 1999, Haesbaert, 2002, 2004) e fragmentação identitária.

A aparente fragmentação identitária, ou melhor, a desterritorialização dos bascos, divididos entre vários Estados se coloca frente à reterritorialização trazida pela rede e pela unificação virtual da comunidade em um único ambiente ou em um única

rede forte ou clusters mais ou menos interligados Para Haesbaert (2002), o território não é apenas algo físico, mas também compreende uma dimensão política e especialmente cultural, ou seja, aquele marcado por suas identidades. As concepções culturais e políticas são de difícil delimitação, por vezes possuem fronteiras fluidas, e no caso aqui estudado, a concepção cultural do território mostra-se mutável e ampla, passando por blogs que podem ter vida efêmera, até comunidades virtuais diversas.

Por Socialidade, entendemos um processo de tribalização onde o conjunto de práticas cotidianas escapa do controle social rígido do Estado e da sociedade onde o “presente” é o tempo principal.

Por fragmentação identitária compreendemos a busca por uma nova ou novas identidades – ou mesmo pelo reforço ou re-encontro com nossa identidade nacional estabelecida -, através das comunidades virtuais e das redes de comunicação, enquanto nada mais que reflexos da globalização que vai de encontro com a ideia clássica de sociedade bem delimitada, causando então um enfraquecimento e fragmentação da identidade nacional (Hall, 2001) que é logo re-significada, transformada ou mesmo re-encontrada e reforçada.

Por sociedade clássica e bem delimitada entendemos a Modernidade, definida por Giddens como um “estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influencia.” (Giddens, 1991). A Modernidade é a era do consumismo, da racionalização da vida e do sujeito, do capitalismo e, por fim, da industrialização.

A globalização é, ainda, responsável pelo fenômeno conhecido como Desterritorialização (Ortiz, 1999, Haesbaert, 2004) das relações culturais através da ampliação da identidade individual em uma identidade coletiva e que não respeita barreiras nacionais e não precisa de um território para se fixar. Esta identidade coletiva é o reflexo da busca dos indivíduos por uma identidade baseada em interesses comuns, por características não-impostas ao indivíduo pelo Estado-nacional e que foram fragmentadas.

É preciso compreender, porém, a identidade basca como uma identidade que extrapola a noção clássica de Estado-nação, visto que a população que comumente assim se identifica pertence não só a dois diferentes Estados (ditos nacionais, mas na

verdade apenas agregadores de diferentes ideais nacionais), mas também a uma significativa diáspora espalhada pelo mundo.

O advento da internet trouxe diversas mudanças para a sociedade. Entre essas mudanças, temos algumas fundamentais. A mais significativa, para este trabalho, é a possibilidade de expressão e socialização através das ferramentas de comunicação mediada pelo computador (CMC) (Recuero, 2009: 24).

Se por um lado a internet funciona como ambiente propício à desterritorialização e fragmentação identitária, onde se é possível adquirir múltiplas identidades, “ser” diferentes personagens e avatares, por outro é possível notar que indivíduos buscam entrar em contato com aqueles que pensam e se sentem iguais, com indivíduos que por vezes podem ser vizinhos, mas encontram-se na internet para compartilhar sentimentos e ideias, por vezes, relacionadas à cultura local/nacional.

Para Bauman (2004), somos habitantes de um mundo líquido em que mantemos nossas referências comuns, enfim, nossas identidades, em movimento, ou seja, nos mantemos móveis ao tempo em que nos mantemos também unidos, às duras penas. Para ele a identidade é tênue, frágil, e mutável.

Os indivíduos vão à internet em busca de quem a ele seja semelhante e encontra na internet um campo fértil de reterritorialização (Appadurai, 1990, 1997, Haesbaert, 2004) de sua identidade individual. Segundo Appadurai (1990) e Haesbaert (2004), toda desterritorialização gera novas formas de reterritorialização e na internet podemos observar nada mais que uma manifestação deste fenômeno. Na internet os indivíduos buscam formar sociedade (Maffesoli, 1996) por sentir cada vez mais a necessidade de se envolver com pessoas que compartilhem algo em comum.

Se por um lado é possível que indivíduos adotem identidades relacionadas às atividades puramente virtuais, como identidades relacionadas aos jogos ou outras atividades, por outro é notável o uso das ferramentas virtuais, das comunidades e do locus virtual para a ampliação da percepção de identidade nacional e para o intercâmbio e reprodução da cultura nacional.

Após décadas de repressão política, incidindo diretamente na cultura e na língua

nacional, a internet aparece como um locus de total liberdade para o compartilhamento da cultura nacional e para o uso e promoção da língua popular, promovendo seu ressurgimento e espalhamento além das fronteiras delimitadas politicamente pelos Estados-nacionais onde habita a população basca – não sem, obviamente, sofrer pressões espelhadas nas relações offline.

Cibercultura é todo artefato ou produto, todo comportamento individual e coletivo, toda ideologia e conceito que resulta da aplicação de novas tecnologias de informação. (Alonso e Arzoz, 2003: 11)<sup>1</sup>.

Na internet pode-se deparar com o processo de multiterritorialidade (Haesbaert, 2004), que trata da vivência e intervenção concomitante de/em múltiplos territórios, uma flexibilidade característica do mundo pós-moderno e facilitada pela internet.

Fato mais marcante das alterações trazidas pela internet está na alteração na noção de localidade geográfica (Recuero, 2009), na expansão das interações sociais por novas vias, diferentes da desterritorialização causada já pelo telefone, pelas cartas e outros meios, pois hoje há uma pulverização da noção de espaço/tempo e imediatismo como não era visto antes. Simplifica-se, muda-se o conceito de lugar, de locus na internet ao ponto do “lugar geográfico” perder sentido enquanto as pessoas buscam novas formas de conectar-se e encontrar espaços de interação social.

É preciso, porém, compreender que por mais que a noção de espaço ou lugar geográfico perca espaço ou mesmo sentido, a comunidade basca não abandona seu referencial territorial histórico, mas se expande para abarcar indivíduos diaspóricos e/ou deslocados.

Comunidades virtuais são comunidades simbólicas onde os membros se conectam via trocas simbólicas e não por relações face-a-face. São agregados sociais que surgem da rede e na rede “baseadas em interesses comuns e não em fronteiras ou demarcações territoriais fixas” (Lemos, 2002) ainda que no caso basco tenham uma origem que também remonta a própria história e cultura/tradições deste povo.

---

<sup>1</sup> “Cyberculture (is) every artifact and product, every individual and collective behavior, every ideology and concept stemming from the implementation of new technologies of information.”

É preciso notar, novamente, que nem toda agregação virtual pode ser chamada ou considerada comunitária, para isto é necessário que haja um grau de relacionamento entre os membros em que haja afinidade, compartilhamento de emoções, trocas simbólicas e um sentimento de comunidade, de pertencimento entre os indivíduos. Não basta apenas ler ou linkar um blog, mas sentir-se parte desta rede formada por dezenas/centenas de indivíduos que, pro sua vez, são a representação online de uma comunidade ainda maior.

### **Equilíbrio virtual**

Os bascos em seu exercício de equilíbrio entre dois ou mesmo três mundos (o espanhol, o francês e o basco propriamente dito, sem contar com os casos na diáspora) são forçados a viver em uma espécie de multiterritorialidade (Alonso; Arzoz, 2003), tendo de saber quando e como utilizar uma das línguas aprendidas ao longo da vida, tendo de se comportar de acordo com o ambiente cultural inserido em dado momento e se equilibrando entre diferentes culturas, costumes e mesmo organizações políticas.

Conflito político e cultural, no entanto, desempenha um papel vital na formação da cibercultura Basca emergente porque existe uma sensação de que este novo campo cultural poderia ser o lugar privilegiado para resolver ou transcender os conflitos políticos. Também poderia ser a última oportunidade para a cultura basca, como tal, para sobreviver na era globalizada (Alonso; Arzoz. 2003: 17)<sup>2</sup>.

Ao longo dos séculos, os bascos tiveram de ser capazes de agregar aquilo que lhes era interessante (ou mesmo necessário a sua sobrevivência) das duas culturas vizinhas, a espanhola e a francesa, ao mesmo tempo em que forçavam a diferenciação de diversas características próprias. Ou seja, ao mesmo tempo em que agregavam elementos, buscavam manter uma clara diferenciação em relação às culturas e povos vizinhos. O forte sentimento nacional que permeia os bascos vem deste eterno conflito ou desta imensa tensão entre a cultura própria e a cultura de fora que acaba por se aproximar e se confundir.

Em outras palavras, o conflito cultural sempre esteve presente e também se

---

<sup>2</sup> “Political and cultural conflict, however, plays a vital role in shaping the emerging Basque cyberculture because there is a feeling that this new cultural realm could be the privileged place for resolving or transcending those political conflicts. It also could be the last opportunity for Basque culture as such to survive in the globalized era.”



mostrou importante na formação e desenvolvimento da cultura basca e isto se mostra presente também na cultura virtual ou cibercultura basca e no uso que faz este povo da internet e de suas ferramentas e em como mantém contato com a diáspora e com as comunidades que são artificialmente divididas por fronteiras alienígenas ao povo basco propriamente dito.

Não se fala de deslocamento físico em si ou apenas, mas em interação à distância através das redes onde é possível “estar” em diversos lugares ao mesmo tempo em uma verdadeira “mobilidade virtual”, no que Lemos (2002) também chamará de “territorialidades simbólicas”, ou seja, a formação de coletivos, de comunidades, um locus de interação social integrado ainda que os indivíduos se vivam em cidades ou até países diferentes. É possível hoje não só contatar, mas também agir sobre territórios totalmente distintos do nosso sem que precisemos nos locomover fisicamente (Haesbaert, 2004), criando assim a ideia de multiterritorialidade e “territórios-rede”.

É possível ao basco da diáspora argentina manter contatos em tempo real e ter a sensação de presença ou mesmo de “estar” em um locus virtual, em uma comunidade virtual, com um basco de Bilbao, principal cidade basca na porção espanhola do território histórico basco.

Formam-se territórios-rede em que inexiste a distância territorial entre indivíduos e é possível compartilhar cultura e histórias sem impedimentos territoriais, mas tão somente pelo compartilhamento virtual e interações online.

Os blogs, com seus campos de comentário, suas redes ou “webrings” e intercâmbio de notícias e impressões servem como territórios simbólicos de troca onde as distâncias físicas não impedem a capacidade de compartilhamento e nem na percepção da identidade.

Há, e não seria possível esperar o contrário, porém, uma clara fragmentação identitária em torno deste processo de compartilhamento e da formação de territórios simbólicos ou em rede. A inserção da população basca em Estados ou unidades políticas “estrangeiras” acaba por criar empecilhos à um compartilhamento livre de cultura, sentimentos e percepções. É possível notar, nas mais diversas pesquisas conduzidas por organizações bascas, em especial o Euskobarómetro da Universidade do País Basco que uma parte significativa da população mantém mais de uma única identidade, por um

lado se identifica como basca, por outro também se identifica como espanhola, como francesa ou mesmo com ou de acordo com a “nacionalidade” do país em que se nasceu (seja Argentina, Venezuela ou mesmo o Brasil).

A fragmentação da identidade faz o indivíduo viver em uma outra realidade, sem barreiras espaciais, temporais e geográficas (tão) significativas (Hall, 2001). E, ao mesmo tempo, buscar pessoas com as quais possa compartilhar interesses em comum, uma identidade próxima, uma maneira de se relacionar socialmente, que são aproximadas pelas redes de computadores, que eliminam distâncias e criam um mundo virtual e ao mesmo tempo real em sua dimensão. As comunidades virtuais nada mais são que agrupamentos humanos construídos no ambiente virtual (Rheingold, 1998). Estas amplificam a realidade em um processo de simultaneidade onde se ligam os espaços físicos e digitais, tornados um só.

A internet – e seu reflexo no que é conhecido como globalização - permite que se adquira (crie, até) identidades. Há um afrouxamento da identidade nacional (“imposta”), o que facilita a criação de laços com uma comunidade, com uma nova identidade nacional não imposta, mas escolhida livremente e fruto típico das sociedades fragmentadas do séc. XXI, em busca de algo que as conecte, que crie laços de lealdade primordialmente culturais (Hall, 2001).

Os graus de identificação com a nacionalidade do Estado variam e são difíceis de quantificar, porém são um fato que impõe perigos à identidade basca e à sua sobrevivência enquanto cultura minoritária e constantemente sob pressão, mas por outro lado esta pressão serve também como “dever de casa” no momento em que os bascos levam sua cultura à rede digital (Alonso; Arzoz, 2003) e se deparam com um ambiente de fragmentação e re-significação extremamente diverso.

É interessante notar como a cibercultura basca acaba por refletir sua situação política e linguística (Alonso; Arzoz, 2003), ou seja, a de uma sociedade plurilinguística e mesmo multicultural, em que a cultura basca coexiste – ainda que resistindo – com diferentes culturas circundantes, em parte mixando e em parte se diferenciando claramente.

Esta tensão pode ser observada na escolha do castelhano (ou do Francês no norte) como língua veicular ou principal da maioria dos blogs analisados e mesmo dos

mais acessados, ligados à periódicos locais ou a portais de maior acesso. A maior parte dos bascos usa cotidianamente o castelhano em suas relações, tal como todos o aprendem nas escolas. O basco, por sua vez, tem uso secundário, restrito a algumas postagens específicas ou blogs mais selecionados e restritos. Há, por um lado, a preocupação com a maior divulgação de ideias e da cultura – a contar que boa parte da diáspora é incapaz de falar, ler ou escrever o euskera (o idioma basco)- e a franca maioria dos bascos que vivem no território histórico tem maior domínio do castelhano.

Mas isto também denota o hibridismo cultural presente na sociedade basca, em que o euskera convive com o castelhano – não sem tensões – e com o francês sendo ironicamente também veículos de promoção da cultura basca devido ao alcance destes e da maior compreensão geral destes idiomas que o limitado euskera, usado mais em redes sociais restritas e comunicações entre “iniciados”. Os bascos historicamente tem contribuído tanto para a língua quanto para a cultura e mesmo para a política espanhola e não é surpresa que o inverso, por vezes, ocorra. É curioso, por fim, notar que o castelhano é, por vezes, a língua utilizada para que os “erdaldunak” (não-falantes de basco) aprendam a língua de seus ancestrais online e independentemente do território.

### **A pós-modernidade**

A internet se insere na pós-modernidade – compreendida aqui como um fenômeno fragmentário, descontínuo e caótico (Harvey, 1993) – como criadora de condições ideais para a coexistência, num "espaço impossível", de um "grande número de mundos possíveis fragmentários", ou, mais simplesmente, espaços incomensuráveis que são justapostos ou superpostos uns aos outros (Harvey, 1993), mas, ao mesmo tempo como um elemento por vezes agregador em meio ao caos pós-moderno, como um ambiente ou plataforma de reterritorialização (Ortiz, 1999)

Jameson (2006) considera as novas formas de comunicação como marcos da passagem da modernidade para a pós-modernidade, de uma ordem social produtiva para uma reprodutiva baseada em simulações e simulacros, apagando a distinção entre real e aparência (Featherstone, 1995) e é exatamente neste cenário caótico em que podemos enxergar a formação de vínculos entre indivíduos dispersos, propiciados pelos novos meios de comunicação e pela nova situação social em que se encontra o mundo, baseada

na reprodutividade e simulação e com trocas instantâneas (compressão espaço-tempo) infinitas.

Ainda como grandes atores, temos a sociedade de consumo e uma conseqüente fase pós-industrial desta – uma predominância do terceiro setor, mutável e inconstante, sempre se movendo de acordo com as novas tecnologias -, os grandes meios de comunicação, reduzindo ou eliminando distâncias, e um recrudescimento ou radicalização do capitalismo agora em uma fase extremamente agressiva onde inexistem barreiras para sua movimentação e fixação. Vemos hoje o completo domínio da sociedade de consumo onde as novas tecnologias passam a ditar como se dá a produção de bens e serviços.

A rede surge como uma ampliação de nossa percepção de pertencimento, de comunidade (Anderson, 2005) em meio à fragmentação e à globalização – compreendida como uma dialética entre o local e o global – em uma sociedade de cultura dinâmica, de uma “nova cidadania”, ligada à velocidade das informações e das relações globais e globalizadas, não mais definidas em termos de fronteiras estatais, jamais uma “simulação do mundo” na visão de Baudrillard quando este defende que o ciberespaço não permite verdadeiras simulações, mas apenas a simulação destas (Baudrillard In Lemos, 2002), numa visão pessimista de que temos hoje a mera circulação de informações e não um processo de aproximação e relacionamento entre os diversos indivíduos pelo mundo.

A pós-modernidade, através das redes telemáticas, proporciona um sentimento de compressão espaço-tempo onde o real e digital se confundem, onde há um processo de desterritorialização do sujeito, da cultura e das relações econômicas. Se por um lado a internet pode ser considerada um ambiente desterritorializado, por outro podemos encontrar nela mecanismos ou ambientes de reterritorialização, dentre estes, encontra-se o presente objeto de estudo. Tal ideia encontra suporte em Lemos (2004) que afirma ser a internet uma maneira de superar fronteiras, fugir dos limites do território, e o espaço físico e buscar novas formas de resignificação, uma nova instância para a integração das pessoas (Ortiz, 2004).

### **Fragmentação identitária e re-significação**

A fragmentação da identidade faz o indivíduo viver em uma realidade diferente,

sem barreiras espaciais, temporais e geográficas (tão) significativas (Hall, 2001). E, ao mesmo tempo, buscar pessoas com as quais possa compartilhar interesses em comum, uma identidade próxima, uma maneira de se relacionar socialmente, que são aproximadas pelas redes de computadores, que eliminam distâncias e criam um mundo virtual e ao mesmo tempo real em sua dimensão. Estas amplificam a realidade em um processo de simultaneidade onde se ligam os espaços físicos e digitais, tornados um só.

A internet – e seu reflexo no que é conhecido como globalização - permite que se adquira (crie, até) identidades sempre que se queira. Há, ao mesmo tempo, um afrouxamento da identidade nacional, e uma busca pela reafirmação desta identidade em um movimento aparentemente contraditório.

É interessante notar que, ao mesmo tempo, a rede fragmenta e agrega, dispersa e reúne, a depender do uso e da profundidade com a qual usamos suas ferramentas ou nos inserimos em sua realidade. Ao mesmo tempo em que permite que se “escape” da identidade/cidadania imposta pelo nascimento, permite que se reforce a mesma, até mesmo ampliando seu alcance. É um locus de criação e re-criação, de ação e reação, mas que não se passa incólume.

Ao tempo em que se é bombardeado por informações, em que é exposto à diversidade e a alteridade, o indivíduo busca reafirmar sua identidade nacional como reafirmação de sua origem e de suas raízes. É a resposta à desterritorialização propiciada pela internet, a resposta à necessidade que os homens tem de serem parte de um grupo e a identificação destes com símbolos de sua ancestralidade.

Ao mesmo tempo, os indivíduos encontram na internet um ambiente de resignificação, em que podem se identificar com outros símbolos e signos e mesmo participar de comunidades virtuais com notáveis semelhanças à comunidade imaginada descrita por Anderson.

André Lemos (2002) nos propõe o termo Cibersocialidade, abarcando desde a socialidade maffesoliniana, os processos de tribalização e resignificação social em conjunto com as novas tecnologias do ciberespaço e, a partir deste ponto podemos compreender melhor o processo de formação de laços culturais em uma sociedade fragmentada em um ambiente virtual, um processo de rompimento de barreiras físicas, de abolição do espaço físico e substituição/complementação pelo espaço virtual.

O processo de tribalização, a Cibersocialidade, em meio à fragmentação de identidades trazida pela globalização e aumentada pela velocidade com que as informações passam pela internet é facilmente verificável pela simples noção trazida até nós por Aristóteles (1998) e reafirmada por Freud (1930/1984) de que o homem tende a viver em sociedade e só se sente completo enquanto vivendo em Sociedade. As comunidades virtuais são um porto seguro ao indivíduo jogado em meio à tormenta informática e um locus social onde este pode se encontrar, se re-significar.

A internet – os blogs e comunidades - propicia a ampliação de nossa percepção de pertencimento, de comunidade (Anderson, 2005) em meio à fragmentação e à globalização – compreendida como uma dialética entre o local e o global (Siqueira, 2003) – em uma sociedade de cultura dinâmica, de uma “nova cidadania”, ligada à velocidade das informações e das relações globais e globalizadas, não mais definidas em termos de fronteiras estatais, jamais uma “simulação do mundo” na visão de Baudrillard quando este defende que o ciberespaço não permite verdadeiras simulações, mas apenas a simulação destas (Baudrillard In Lemos, 2002), numa visão pessimista de que temos hoje a mera circulação de informações e não um processo de aproximação e relacionamento entre os diversos indivíduos pelo mundo

Podemos encarar os blogs como pequenas comunidades virtuais, habitadas por indivíduos que se relacionam através de textos, de comentários e mesmo das trocas e intercâmbios entre vários blogs e outras comunidades derivadas que escapam do controle estatal, transcendem fronteiras e sobrevivem na formação de uma cibercultura, em nosso estudo, basca.

Devemos, por fim, concordar com Maffesoli (In Lemos, 2002) e Jameson (2006) quando estes se opõem à noção que permeou a Modernidade – vindo também em decorrência do anunciado fim das ideologias e da história – de que a sociedade caminha para o individualismo e sim, caminha para a tribalização, para o caminho contrário.

Ao mesmo tempo em que se fortalecem os laços nacionais, os vínculos entre indivíduos que compartilham de símbolos comuns, abrem-se as portas para novas formas de identidade e identificações, em que a imprensa dá lugar (ou convive lado a lado) aos contatos virtuais entre indivíduos e a novas formas de vinculação através da formação de comunidades virtuais.

## **Individualismo e nacionalidade**

Se por um lado muitos se fecham em seus quartos, dando a ideia de que estão isolados da sociedade, individualizados, afastados em uma sociabilidade reduzida pela pós-modernidade, por outros estes mesmos indivíduos acabam aproveitando outras formas de interação (Lipovetsky, 2004), estão conectados, através das redes telemáticas, da internet, com milhares, milhões de outros indivíduos, em chats, grupos ou comunidades virtuais.

O imobilismo aparente, o “estar” na casa, se coloca em tensão frente ao nomadismo (Lemos, 2002) que a internet propicia, o “estar” na rede. É a contraposição entre o espaço físico, territorial e o espaço virtual, o território virtual dos grupos, chats e comunidades, a combinação de dois modos de vida, o virtual e o presencial (Lipovetsky, 2004).

A pós-modernidade nos trouxe novas formas de socialidade e sociabilidade não-presencial em clara oposição à noção já gasta de individualismo e de contatos sociais meramente presenciais. A rede permite uma nova forma – ou novas formas – de participação e interferência.

A internet funciona como uma ponte para o compartilhamento, para a socialidade/sociabilidade, trabalha pela tribalização e pela re-significação da identidade do homem. Vai, portanto, de encontro com o individualismo apregoado pelo pós-modernismo. Retomando Lemos (2002), o “estar” na rede, neste território virtual de possibilidades ilimitadas, vai se contrapor ao “estar” no plano “real”, físico, no isolamento físico; na rede os contatos são ilimitados, as interações e a integração se dá igualmente de maneira ilimitada e irrestrita, logo, coloca-se em cheque o suposto individualismo ou, ao menos, limita este individualismo a apenas uma das esferas de nossa realidade e a um dos inúmeros campos de nossa identidade.

Se por um lado Lipovetsky (2004) fala do hiperconsumismo, por outro enxergamos um consumo claramente voltado ao indivíduo e não mais de massas; hoje vivemos em um período de grande consumo, mas este dirigido a mercados e indivíduos específicos, ou a segmentos específicos. As caixas de e-mails são lotadas diariamente com propagandas dirigidas especialmente para aquele indivíduo. Ao comprar um produto em algum site passamos a receber diariamente ofertas supostamente

direcionadas exclusivamente a nós, com nossos gostos e baseados em nossas escolhas anteriores de produtos, ou seja, entramos em uma época de consumo dirigido, compra-se muito mas compra-se mais ainda para se diferenciar, para ter o melhor, para ser diferente. Este individualismo exacerbado faz com que, em certos momentos, o homem caminha no sentido contrário e busque na internet uma ponte para o compartilhamento, onde seus sentidos são ampliados e o individual cede à tribo, ao coletivo.

Esta mudança ou busca por um ambiente coletivo tem por base a necessidade do homem de viver em sociedade (Aristóteles, 1998), de buscar uma “socialidade virtual”, de encontrar sua tribo ou um ambiente em que encontre semelhanças [semelhantes] - quando no campo “real” só encontra diferenças - na mesma medida em que é bombardeado por chamados ao individualismo e ao consumo desenfreado.

Em certa medida a violência das grandes cidades e o cercamento completo dos ambientes familiares, os muros e grades colocados entre os indivíduos e a clara dicotomia entre os de fora e os de dentro dos muros (neste ponto as classes sociais possuem um papel altamente relevante) faz com que a internet seja novamente – ou também – uma válvula de escape em busca de contatos com outros indivíduos, contato este impossibilitado pelo medo, violência e etc.

### **Comunidade Imaginada e nacionalismo**

É possível afirmar que os blogs, objeto de estudo desta pesquisa, agem como um ponto de fixação/encontro das relações sociais virtuais entre indivíduos. Estes blogs formam território virtuais ou simbólicos com memória coletiva, identidade e limites próprios e trocas simbólicas que potencializam a experiência comunitária sendo apenas uma outra dimensão do espaço, inserido em uma ciberexistência (Rheingold, 1996).

Esta realidade virtual propicia uma rede de relacionamentos entre pessoas, reproduz relações sociais e produz identidades ao ponto de se tornarem embriões de uma nova forma de se enxergar a identidade nacional através de uma profunda re-significação e de uma forma de pertencimento específica que encontra eco nas Comunidades Imaginadas de Anderson (2005) ou ainda, nos mundos imaginados (Appadurai, 2004).

[...] comunidade política imaginada – e imaginada



como implicitamente limitada e soberana. Ela é imaginada porque nem mesmo os membros das menores nações jamais conhecerão a maioria de seus compatriotas, nem os encontrarão, nem sequer ouvirão falar deles, embora na mente de cada um esteja viva a imagem de sua comunhão. (Anderson, 2005: 15).

O ser humano busca, portanto, sua comunidade imaginada (Anderson, 2005), busca escapar de sua “identidade imposta” ligada à origem e através do lugar de origem (Bourdieu, 1998) vinda do Estado-Nação e (re)criar a sua própria em um ambiente virtual, de livre escolha e construindo com o coletivo uma nova identidade livre.

Trata-se de uma identidade livre, pois é possível escapar de amarras locais e se permitir a hibridização através dos contatos entre diferentes comunidades locais e mesmo internacionais em um único ambiente. A sociedade basca é bastante diversa, coexistindo diversos dialetos do euskera e também uma imensa parcela, talvez a maioria, que não tem grande contato com a língua, mas que expressa sua cultura em castelhano ou em francês (ou mesmo em inglês) e que adota costumes semelhantes, ainda que com diferenças notáveis e que podem conversar e se integrar em um ambiente virtual e trocar experiências, ao mesmo tempo em que fundem suas diferentes bagagens culturais criando e re-criando uma cultura virtual integrada.

Tratam-se, portanto, os blogs, de comunidade imaginada construída não do nada, mas sociologicamente, por meio de relações sociais. Não é um simulacro do que a sociedade deveria ser – utopia – mas uma sociedade em si, em constante processo de construção e com características próprias e únicas.

Podemos ainda ampliar a ideia de Anderson (2005) e tratar dos mundos imaginados (Appadurai, 2004), entendendo-os como “os múltiplos universos que são constituídos por imaginações historicamente situadas de pessoas e de grupos espalhados pelo globo”.

A identidade é algo que se adquire, é formada com o tempo, mas é ao mesmo tempo e paradoxalmente imposta pela sua nacionalidade, pelos costumes de seus vizinhos imediatos.

Observa-se a reprodução ou (re)criação do sentimento nacional em ambiente

virtual, Lemos (2002, online) dá ainda a definição perfeita do “sentimento nacional” próprio das comunidades virtuais ao afirmar que é nelas onde existe, por parte de seus membros, o sentimento expresso de uma afinidade subjetiva delimitada por um território simbólico, sendo o compartilhamento de emoções e a troca de experiências essenciais para a coesão do grupo e, por consequência, do sentimento nacional.

Seguindo Lemos (2002, online) podemos concluir ainda que a aderência do indivíduo a um projeto específico depende de seus interesses presentes e o sentimento de aderência permite múltiplos pertencimentos permitindo que o indivíduo seja ao mesmo tempo basco e espanhol, basco e francês ou basco e estadunidense sem qualquer prejuízo ou grande conflito.

Outro fator que diferencia as comunidades virtuais das comunidades tradicionais é a ausência de território, de uma localização geográfica. A existência de uma base territorial fixa não é necessária, embora o ciberespaço apresente-se como um espaço público fundamental para a existência de comunidades virtuais, um território simbólico (Corrêa, 2005).

Como afirma Recuero (2001, online, 2002), a comunidade virtual possui fronteiras simbólicas e não concretas em um espaço abstrato, mas delimitado, há um senso de lugar e um lócus virtual, ou seja, é um lugar demarcado no espaço, onde os indivíduos participantes da comunidade encontram-se para estabelecer e manter relações sociais.

Esta delimitação ao espaço abstrato é entendida como uma limitação imaginária, construída por nós mesmos (Recuero, 2003, online) e a isto Jones (1997, online) dá o nome de *virtual settlements*, ou assentamentos virtuais, um locus abstrato de compartilhamento com fronteiras simbólicas e delimitado, ainda que de alcance amplo.

Levy (2003b p. 127) afirma que “uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, de projetos mútuos, em um processo de cooperação ou troca”, e tudo isto independentemente de fronteiras geográficas e instituições.

A criação/reprodução material de manifestações comunitárias/nacionais, eletrônica ou não, contribuem para facilitar o transporte da consciência para o

imaginário, a partir de identificação de símbolos já conhecidos, a fim de virarem sinais, sentimentos. Geralmente se trata de um processo inconsciente, porém voluntário por parte dos aderentes.

### **O compartilhamento e a compressão espaço-tempo**

Virilio (1997 e 1999) fala do imediato, da instantaneidade e interatividade que reduz o mundo a quase nada. Hoje é possível estar em vários lugares e presenciar diversas experiências, ao mesmo tempo, e se manter em contato com milhares de pessoas como se estivessem na porta de casa, ou mais perto, graças à evolução das tecnologias dos transportes e comunicação instantânea que tende a nos levar a um mundo poluído pelo ‘dromos’ (corrida). Esta opinião é sustentada por Gulia (1999, online) e Wellman (1997, 2000, online) que afirmam que as transformações trazidas pela evolução dos transportes e dos meios de comunicação contribuem para a ampliação das redes sociais ao permitir que laços sociais sejam criados e mantidos mesmo à distância e, em muitos casos, superando o território geográfico.

Lemos (2002) é mais um que corrobora a visão de Virilio de imediatismo e instantaneidade ao afirmar que as novas tecnologias digitais nos permitem escapar do tempo linear e do espaço geográfico. Somos, portanto, transportados para uma realidade baseada na telepresença e do tempo instantâneo (não atemporal) onde temos o virtual controle sobre o espaço e o tempo (Lemos, 2002)

A internet promove um “compartilhamento temporal”, pois permite uma aproximação, no mesmo solo nacional, de atos e atores que não precisam estar necessariamente ligados por laços étnicos, culturais e nacionais (Anderson, 2005), porém, o sentimento de pertencimento de um grupo a uma coletividade se dá quando ele se conhece e se reconhece como uma comunidade.

Trata-se de se formarem vínculos entre indivíduos, estejam eles num mesmo território – “solo” – ou em territórios diferentes mas ligados pela internet. Aparentemente há um desaparecimento ou enfraquecimento da diferença entre o tempo local e o tempo global, que deixa de ser algo linear e monolítico, adotando-se o termo “glocal” para caracterizá-lo, ou seja, uma tensão entre o global e o local (Scolari, 2009). É possível “estar” virtualmente em diferentes lugares, se relacionar com diferentes

indivíduos e tomar conhecimento de diversas culturas ao mesmo tempo, em uma teia de sobreposições temporais impossível há apenas alguns anos.

Enquanto em uma conversa telefônica há alguns anos era apenas possível, naquele momento, falar com outro indivíduo, hoje através das ferramentas de comunicação virtual é possível conversar com dezenas e até centenas de pessoas em tempo real. Não é mais preciso passar horas em um carro ou avião para se conectar a pessoas de lugares distantes, que passam a ficar há apenas um clique, e todas ao mesmo tempo. Não há uma crise apenas do tempo, mas também do espaço, que passa a ser encarado de forma diferente.

O espaço passa a ser entendido por redes comunicacionais ou pelo emaranhado destas, onde a difusão de informações acaba por reduzir as distâncias e reunir indivíduos dos mais diversos lugares no globo em um único território virtual marcado pela presentificação e interatividade on-line que subverte a percepção espacial e temporal.

### **Os Blogs**

Blogs, websites pessoais e afins são apropriações individuais do ciberespaço (Recuero, 2009) que se constroem diariamente e representam elementos da identidade individual de cada um, ou sua individualidade. Segundo Recuero, a apropriação destes espaços (perfis de redes sociais, blogs, etc) funcionam como “uma presença do ‘eu’ no ciberespaço, um espaço privado e, ao mesmo tempo, público”, em outras palavras, fazem às vezes de um locus conversacional, onde indivíduos representam a si e formam redes de contato com outros indivíduos que pensam de forma semelhante ou se identificam da mesma maneira.

Os blogs são uma representação online da comunidade imaginada – no nosso caso, basca -, aproximando indivíduos de diferentes realidades e locais a fim de compartilhar histórias e experiências. Eles fazem às vezes de sujeitos, representa aquilo que o autor pensa e como age frente ao coletivo. São ainda territórios identitários onde se debate a identidade, se reproduzem mitos e símbolos e onde há clara relação social e onde o indivíduo se re-territorializa (Monteiro, 2009).

Na internet é possível verificar, assim como no ambiente offline, a presença do que fala e do que escuta, ambos com a possibilidade de trocar de lugar e fazer as vezes

um do outro. Um blogueiro que escreve suas percepções e tem a resposta em sua caixa de comentários ou mesmo em outro blog, criando assim uma relação entre indivíduos que, no caso dos bascos, pode representar o mesmo que uma conversa offline em um bar de Bilbao. A presença do “outro”, em oposição ao “eu” está também presente nas interações online onde atores são medidos e conhecidos pelo que escrevem (Recuero, 2009).

Em seus blogs, os indivíduos se identificam, linkam páginas de interesse, colocam suas informações, gostos e preferência e, em seus textos, identificam quem são, o seu “eu”, formando redes com outros blogueiros e/ou leitores e se apropriando da rede para expressar suas opiniões e seus sentimentos se tornando um ator social e sendo assim percebido pro outros. A internet propicia o surgimento de novos atores e movimentos sociais (globais), exacerba nosso sentimento de pertencimento ao potencializar as trocas e o intercâmbio de conhecimento.

Ao mesmo tempo em que se fala da imensa velocidade ou mesmo instantaneidade da rede, do espaço digital, os blogs servem como ambientes ou locais para uma discussão sobre o passado, para uma reflexão mais demorada, como um repositório de memórias coletivas (online e offline). Os blogs (re)criam virtualmente “espaços existenciais” (ElHajji, 2011) onde a comunidade pode reconhecer a si mesma e relacionar-se mesmo na ausência física do território enquanto locus de re-territorialização.

Então linkania é isso. É a cidadania sem cidades. É desterritorializado. A ação se dá localmente, mas a conexão é global. É o link do amigo, do vizinho. É a dica. É o negócio entre duas empresas de 2 continentes diferentes. É a ajuda que teu primo te dá desde Madri por email. É a discussão que circula na lista pra visitar tal exposição, e o link pra exposição, que imprimem e colocam no mural da creche. Tudo isso é link. É a matéria que um blogueiro comenta e que te faz pensar. É a descoberta valiosa do desempregado que vai a um infocentro e se cadastra em um programa de governo que lhe dará um emprego. E foi o vizinho que disse. Deu a dica, o link. (Estraviz in Leão, 2004 p. 81)

O ato de linkar é primordial para a formação de uma rede (social), pois trata-se de ligar e religar, compartilhar e conectar indivíduos dispersos em um mesmo locus virtual (seja uma comunidade virtual ou um blog). São ambientes interacionais onde a

identidade dos indivíduos é estabelecida e reconhecida pelos demais, onde se pode definir quem são os insiders e os outsiders, onde se pode comunicar em sua própria língua ou usar outras para passar suas ideias e demonstrar características suas que são tributárias da sua identidade.

As redes são formadas através dos links, da interação entre atores que formam laços sociais e vínculos. Esta interação se dá não só por links mas por comentários em outros blogs ou no próprio, por conversas que transbordam até comunidades como Facebook, Orkut e etc, além de conversas via e-mail. Interações mediadas pelo computador formam relações sociais que, por sua vez, formam laços sociais. Estes laços, que perpassam a ideia de interação social, fruto do relacionamento entre indivíduos no ciberespaço e/ou de um processo de associação (Goffman, 1975), tornam-se vínculos, doravante vínculos comunicacionais.

Os laços entre indivíduos de uma rede podem ser caracterizados como fracos ou fortes. Os fortes denotam uma intimidade, proximidade entre os atores, relações mais constantes e íntimas, ao passo que os laços fracos denotam trocas mais difusas (Recuero, 2009), porém importantes para conectar as diferentes redes sociais de laços mais fortes em um modelo que pode variar o descentralizado ao distribuído, ou seja, sem que haja uma centralização ou um ponto central específico nas trocas e no relacionamento entre os atores.

Wellman (1997, online) e Lemos (2002b, online) subsidiam a defesa deste argumento. O primeiro afirma que nem toda rede social na internet é uma comunidade virtual, o que pressupõe relações sociais mais fortes do que as encontradas em grande parte da rede; e o segundo, que “[...] nem toda a associação no ciberespaço é comunitária, existindo, de forma muito extensa, agregações comunitárias e contratuais do tipo societária”. A comunidade online basca é, exatamente, a exacerbação e o fortalecimento destas “relações sociais mais fortes” imbuídas de um objetivo, de um fim, e de uma identidade própria e característica em meio aos mais diversos tipos de agregações eletrônicas que encontramos na rede.

É preciso, porém, observar que os ‘laços fortes’ presentes na internet não são os mesmos do mundo offline, ou seja, não se trata de laços de parentesco, sangue ou mesmo aqueles criados via relacionamento face-a-face, mas mais fluidos, largos e

deslocados ou espalhados geograficamente. Há uma mudança clara na sociabilidade quando da formação de comunidades virtuais em sociedades em rede, como acredita Castells.

Não há a necessidade de laços fortes baseados em relações face a face para se verificar a existência de uma comunidade imaginada virtual basca, ao mesmo tempo em que não é preciso, enquanto leitor, comentar em blogs para se sentir parte da comunidade que ele representa. Trata-se tão somente de sentir e pertencer através de interesses comuns a um grupo, mesmo que nem todos os membros deste grupo se conheçam ou mantenham conversas frequentes.

Se por um lado os blogs que serão analisados posteriormente possuem autores que, em geral, se conhecem, o mesmo não se verifica em toda a chamada blogosfera basca e nem seria necessário, da mesma forma que nem todos os bascos se conhecem através de relações face a face, porém se identificam como parte de uma mesma comunidade imaginada. É preciso também lembrar que não se pode reduzir as interações sociais ao ambiente virtual, pois em muitos casos esta transborda.

O computador e a internet são meios para manutenção de laços no caso da nação basca, conectando diferentes indivíduos de locais diversos, mas tais laços não se restringem ao ambiente virtual.

Nota-se um alto grau de interconexão dentre a blogosfera basca, seja pela linkania entre blogs, pelos comentários feitos por diversos indivíduos em vários blogs ou mesmo pelo relacionamento entre os autores e os leitores de blogs em outras redes sociais. Não se verifica, porém, uma centralidade, mas uma distribuição e uma descentralização da blogosfera basca, com diversos blogs interligados por interesses ou proximidade ideológica ou mesmo por objetivos que se relacionam – de forma mais fraca – com outros *clusters* da blogosfera basca.

## Capítulo IV – Análise de blogs Blogs e Relatos da Comunidade Basca

### 4.1 - Blogosfera Basca

Este capítulo analisará uma seleção de 10 blogs escolhidos por representarem diferentes *clusters* da blogosfera basca divididos em tipos diferentes respeitando critérios bem definidos, como a diversidade ideológica, sendo contemplados blogs desde a chamada Esquerda Nacionalista ou Abertzale até simpático ao sistema monárquico.

Ao longo da pesquisa ficou clara a presença mais forte de blogueiros e blogs ligados ao espectro político mais à esquerda, em especial ligados à Esquerda Abertzale e, por isto, há uma presença maior destes no trabalho.

Nesta seleção foram contemplados blogs ligados à diáspora (ASEH e EHL Uruguay, além da Rede Askapena), três blogs eminentemente de debates políticos (Borroka Garaia Da, For What We Are They Will Be e Arabatik), um blog de debates políticos mas escritos desde a diáspora (Eusko Blog), um blog de referência sobre a cidadania basca no mundo (About Basque Country) e, por fim dois blogs com conteúdo mais histórico, ligados aos mitos e ancestralidade basca (State of Nabarra e Soberanía de Navarra).

Os blogs foram selecionados tendo como base a relevância dos mesmos no seio da militância nacionalista basca, em geral o tempo de sua existência, privilegiando blogs ativos e que tivessem ao menos 2 anos de atividade (em alguns casos encontramos blogs com quase 10 anos de atividade). Todos os blogs selecionados de uma forma ou de outra constam nas listas de recomendados dos outros (linkania) e os responsáveis por escrevê-los se relacionam nas redes sociais, seja via Twitter ou via Facebook.

Fator muito importante para selecionar estes blogs foi o fato de, apesar de representarem diferentes clusters e terem diferentes propostas que vão desde aqueles revolucionários de esquerda até monarquistas, em comum há o sentimento de pertencimento e a identidade basca. Quatro dos 10 blogs analisados vem da diáspora ou se propõem a opinar, debater e informar desde esta perspectiva, o que demonstra o alcance do sentimento basco e como, através das redes, é possível se manter conectado ao dia-a-dia da nação.



É possível, ainda, notar a diversidade de línguas em que são escritos, desde o castelhano (majoritário), ao inglês, português e alguns posts em euskera/basco.

A ideia central era que os blogs trouxessem conteúdo não apenas informativo, ou puramente factual e de atualidades, mas também questões históricas e míticas, cultura, discussões sobre a identidade basca e engajamento que vai além da política corrente. Não se pode falar em nação sem o componente mítico ou simbólico, e alguns dos blogs selecionados fazem este trabalho, de manter a memória histórica viva.

De cada blog foram selecionados ao menos duas postagens (posts) dos anos de 2011 e 2012 (anos em que a parte escrita da pesquisa se desenvolveu) que trazem a essência dos debates propostos pelos blogs, à exceção de dois blogs (About Basque Country e Eusko Blog) onde foi selecionada a descrição e os objetivos do primeiro e um post antigo resumindo os objetivos do blog no caso do segundo, além de um post mais atual que servem para ilustrar aquilo ao que este trabalho se propõe a mostrar.

Em suma, serão analisados 10 blogs, representando ao menos 5 diferentes *clusters* ou tipos diferentes de propostas sobre a sociedade basca, de debater com e a sociedade dentro da chamada blogosfera basca. É possível encontrar em uma rápida pesquisa outros blogs que poderiam também fazer parte desta seleção e em momento algum busca-se chegar à exaustão e abarcar todas as possibilidades neste trabalho.

Os blogs analisados foram, de acordo com os clusters que representam:

<b>Cluster</b>	<b>Nome</b>	<b>Endereço</b>
simbólico-histórico	Soberanía de Navarra	<a href="http://soberaniadenavarra.blogspot.com">http://soberaniadenavarra.blogspot.com</a>
	State of Nabarra	<a href="http://stateofnabarra.blogspot.com">http://stateofnabarra.blogspot.com</a>
diaspórico-político	Eusko Blog	<a href="http://kaixo.blogspot.com">http://kaixo.blogspot.com</a>

diaspórico-organizado	Euskal Herriaren Lagunak – Amigos do País Basco	<a href="http://ehluruguay.blogspot.com">http://ehluruguay.blogspot.com</a>
	Rede Askapena	<a href="http://www.askapena.org/">http://www.askapena.org/</a>
	ASEH – Associação de Solidariedade ao País Basco	<a href="http://paisbasco.blogspot.com">http://paisbasco.blogspot.com</a>
simbólico-referencial	About Basque Country	<a href="http://blog.aboutbc.info">http://blog.aboutbc.info</a>
político-teórico	Borroka Garaia Da – É hora de Lutar	<a href="http://borrokagaraia.wordpress.com">http://borrokagaraia.wordpress.com</a>
	Arabatik	<a href="http://arabatik.wordpress.com">http://arabatik.wordpress.com</a>
	For What We Are, They Will Be – “izan zirelako gara, izan garelako izango dira”	<a href="http://forwhatwearetheywillbe.blogspot.com">http://forwhatwearetheywillbe.blogspot.com</a>

É interessante notar, porém, que estas classificações não são fixas, mas fluidas, blogs com característica geral de debater a realidade política basca (caso do Arabatik, com uma perspectiva de centro-direita mais próxima ao Partido Nacionalista Basco) também, por vezes, buscam resgatar símbolos caros ao nacionalismo basco, histórias do movimento nacionalista e da própria identidade do povo, assim como blogs eminentemente históricos por vezes realizam convocatórias a manifestações políticas e debatem questões relacionadas ao futuro do povo.

Observa-se nas postagens que há uma clara negociação entre os símbolos ali colocados pelos membros (nota-se que alguns blogs são pessoais e outros, como o Borroka Garaia Da, são blogs coletivos), e que por vezes há mesmo uma negociação entre as percepções entre os diferentes membros de um mesmo blog e de blogs

diferentes. Não há uma necessária uniformidade no pensamento dos blogueiros/indivíduos, mas um processo de discussão e compreensão profundo.

Por mais que política e ideologicamente haja clara distância ente, por exemplo, os membros do blog Arabatik e do Borroka Garaia Da, por exemplo há algo que os une enquanto bascos. Há um claro compartilhamento identitário e simbólico. Em um primeiro momento, ambos os grupos de blogueiros identificam-se como bascos e não impõem barreiras a que outros também o façam. Há um teor de resistência claro em boa parte das postagens, uma defesa ferrenha da identidade basca, tida como única (os bascos são um povo cuja origem étnica e linguística não pôde ser até hoje precisada, o blog “For What We Are, They Will Be” possui um blog gêmeo, o “For what We Were, They Are” que se dedica à postagens relacionadas à questões genéticas, de origem biológica, migrações ancestrais e etc, e por diversas vezes debate(u) a questão da ancestralidade basca do ponto de vista biológico). Ambos os nomes dos dois blogs acima descritos, aliás, formam uma frase do importante escritor basco Pio Baroja (1872-1956) que tinha por costume escrever sobre a sociedade basca.

Dentro do que se pode chamar de **cluster simbólico-histórico**, encontramos um certo número de postagens que buscam resgatar mitos, símbolos e valores considerados tipicamente bascos. Ambos os blogs se dedicam a coletar artigos escritos em meios de comunicação (bascos ou não) e por vezes postam conteúdo próprio, em geral de caráter puramente simbólico-histórico.

No Blog Soberanía de Navarra, encontramos um post em que Iñigo Saldise Alda (2012) comenta sobre sua visão do que é ser Navarro (por conseguinte, Basco) e fala sobre sua visão de pátria:

*No existe político nabarro, por definición meramente patriótica, que se encuadre y participe en las instituciones imperialistas, coloniales y colonizadores del Reino de España y de la República de Francia. De ser así nunca será nabarro, sino que indisputablemente será español o francés.*

*La gran maldición de la Patria Nabarra comienza en nosotros mismos; en nuestra colonización mental, política, histórica y demás. ¿Este año será el año en el cual dejemos de legitimar*

*al imperio español y francés, o seguiremos legitimando nuestro estatus colonial de esclavos?*

Para Alda, o “ser basco”, ao menos para aqueles que detém cargos ou aspirações políticas, depende de não fazer parte das instituições que, para ele, são imperiais ou colonialistas, ou seja, a Espanha e a França. O País Basco é tido como uma colônia, vítima de impérios conquistadores e sua visão é sustentada por outras postagens em que ele fala sobre o que considera sua pátria e seus símbolos (2011), os do antigo Reino de Navarra, conquistado por Castela em 1512.

Na visão de Alda e de outros nacionalistas, o País Basco nada mais é que o antigo Reino de Navarra, que deveria retornar (seja como monarquia, seja como república) e assumir seu lugar na Europa. Em outro texto (2011), Alda acrescenta:

*El inicio del año 2012, a muy pesar de la labor colonizadora española enmarcada en su celebración de la violenta ocupación y posteriormente ilegítima anexión del Reino de Nabarra, debería ser motivo de esperanza para todos los nabarros y nabarras. Pero desgraciadamente no es así. Actualmente y por desgracia por la boraz labor de los agentes colonizados o tal vez seudocolonizados, nuestra Patria está al borde del abismo imperial.*

O autor/blogueiro faz referência aos 500 anos da conquista de Navarra que se completam em 2012 e que este deveria ser o ano final para a independência basca.

Em uma rápida visita ao blog onde foram postados os textos de Alda, é possível encontrar uma infinidade de símbolos ligados à Navarra e, doravante, à identidade/cidadania basca. São símbolos facilmente identificáveis e que tem um real significado por parte daqueles que se assumem bascos ou mesmo navarros.

Identificado como “Herria Baturik”, ou “Unido pelo Povo” publica um texto do historiador Patxi Abasolo Lopez (2011) em que este explica suas reivindicações no resgate histórico que faz:

*Nosotras reivindicamos rescatar del olvido acontecimientos de hace ya 500 años, y para ello no necesitamos recurrir a la mentira ni a la exageración. Uno de nuestros objetivos es recuperar la memoria de las vencidas, de*

*su aportación por la pervivencia de este Pueblo, de su experiencia traumática por no doblegarse al invasor. Personas con nombres y apellidos. Navarras y navarros que, oficialmente, desde el momento en que el ejército invasor entró en sus tierras, dejarían de existir para convertirse en “franceses”, “brujas”, “traidores”, “ladronas”, “herejes” y “salteadores de caminos”.*

Como se vê, o tema da identidade é constantemente reivindicado através de exemplos histórico, ou através da análise do significado e da origem dos símbolos pátrios, como o escudo de Navarra (Alda, 2011) e a Ikurriña (Alda, 2011a, 2011b), ou a bandeira basca criada no século XIX por Sabino Arana. Ainda encontramos, dentro do campo da memória histórica, recordações de batalhas ancestrais (Altuna, 2011), como a de Orreaga, mais conhecida como Roncesvalles, em que contingentes bascos derrotaram a retaguarda do exército de Carlos Magno no longínquo ano de 778, demonstrando, desta forma, a (suposta) antiguidade dos bascos enquanto povo e, assim, garantindo sua reivindicação por um Estado próprio e pela necessidade de se preservar a cultura e a língua locais.

Os blogs que se encaixam, na categoria simbólico-histórica tem como objetivo o de manter viva as tradições bascas através de regates da história e dos mitos, sejam eles verificáveis ou verossímeis ou não. Com o uso de textos muitas vezes de historiadores bascos, buscam demonstrar uma suposta antiguidade dos bascos enquanto povo, pregando para sua comunidade e também informando aos demais sobre aquilo que imaginam ser sua comunidade ancestral.

Com o apoio da internet, estes blogs tem a possibilidade de alcançar um público muito maior e mais amplo que se se limitassem a formar grupos de historiadores para, face a face, conversar com estudantes e indivíduos. É possível – e desejável de seus pontos de vista – alcançar a diáspora e indivíduos que, através de suas postagens, compreendem o rico mundo e a rica história por detrás de símbolos que poderiam ao mesmo tempo lhes ser tão comuns, e ao mesmo tempo desconhecidos.

É possível imaginar um jovem descendente de bascos, na Argentina, que sempre tenha visto em sua casa uma Ikurriña (bandeira basca) sem, porém, compreender seu real significado e que passe a tê-la como um símbolo objetivo de sua identidade a partir

do momento em que percebe sua história. A mesma coisa acontece quando se tem a noção de que seu grupo não foi “inventado” ontem, mas tem uma história que remonta os séculos e que este indivíduo faz parte desta história e pode ampliá-la e levá-la adiante.

É possível que um jovem da diáspora, ou mesmo nascido e criado em uma cidade basca não desperte seu sentimento de identidade ao passar, por exemplo, pro uma foto de seu tio, segurando uma arma com uma bandeira basca por detrás, até descobrir, em conversas online ou em posts de blogs que aquela foto é a imagem de um parente seu lutando pela sua pátria durante a Guerra Civil Espanhola em que os bascos, durante poucos meses de 1937, conquistaram sua independência.

O objetivo, enfim, é o de manter viva a história e tentar despertar o sentimento e a (de) identidade em indivíduos que, de outra forma, talvez não tivessem conhecimento sobre suas origens.

Por sua vez, o **cluster diaspórico-político** possui um caráter diferenciado. Por mais que, por vezes, acabe postando ou re-postando textos relacionados também à história e origem étnica/cultural basca, seu foco é a de debater a política atual basca ao mesmo tempo em que informa à indivíduos na diáspora sobre a realidade basca.

Alejandro (Alesku) Eguía Lis, editor do Eusko Blog, bloga do México e escreve tanto para/desde a diáspora basca mexicana, quanto a mundial, e já em seu primeiro post (2002), deixa claro seus objetivos:

*Kaixo!*

*Hoy se inaugura este blog, un blog nacido de una necesidad pero también de un derecho.*

*La necesidad es sencilla de entender, hay que romper el cerco mediático con el que Madrid y París han rodeado al pueblo vasco (su historia, su cultura, su lengua) en general y al independentismo vasco en particular.*

*A este cerco mediático se debe el que el día de hoy se tenga la idea generalizada de que el pueblo vasco no existe, que los vascos no sean mas que unos españoles con ideas extrañas que*

*de vez en cuando por ser violentos colocan una bomba o matan a alguien. Habría que preguntar por que entonces Madrid no se ha ido a la guerra contra París por mantener sojuzgados a esos españoles que viven en las provincias vascongadas de Labourd, Basse Navarre y Soule.*

*Pero como dije anteriormente, este blog también nace de un derecho, el derecho que como descendiente de vascos tengo a defender a mi pueblo. Este es un derecho inalienable que comparto con muchos otros descendientes de vascos alrededor del mundo.*

*El cerco mediático, las mentiras, las tergiversaciones, las amenazas, todo eso ha logrado que también algunos vascos tanto dentro como fuera de Euskal Herria hayan renunciado a su derecho a defender su pueblo. Pues bien, hay voces que son difíciles de acallar, y si allá en Euskal Herria hay gente que ha sido perseguida, torturada y encarcelada por defender el derecho de su pueblo a su autodeterminación, pues entonces este blog es también un pequeño homenaje a las vascas y vascos que día a día forjan una identidad y una esperanza.*

Em outras palavras, Alesku encara seu blog não apenas como um direito, mas como uma necessidade de romper o que ele chama de “cerco midiático” imposto pela Espanha aos meios bascos, à cultura e a língua bascas. Como descrito em capítulos anteriores, o País Basco é visto por muitos de seus cidadãos e descendentes como uma colônia dominada pela Espanha e a história comprova que repressão e opressão contra sua cultura e língua foram largamente utilizadas.

Desta forma, seu blog serviria (serve) como uma forma de romper as amarras e dialogar com a sociedade basca através de um canal independente de Madri e que demonstre que de fato existe um povo basco, que assim se identifica e sente e que não são meros espanhóis, ou uma variação deste povo, mas que possuem uma história e uma cultura diferenciada e única.

Alesku nasceu na diáspora, no México, mas deixa claro ser também basco e sentir-se como parte deste povo e que tem o direito de compartilhar este sentimento com “muitos outros descendentes de bascos ao redor do mundo” (2002) e presta uma

homenagem aos “bascos e bascas que dia a dia forjam uma identidade e uma esperança”, mostrando que a identidade é algo que se constrói no dia a dia, e que a identidade basca não é diferente, e sim construída, como Renan (1882) afirmou há mais de um século, num plebiscito diário, numa escolha diária, num diálogo diário.

Vê-se, então, os blogs usados como ferramenta para espalhamento de cultura, como um direito e uma necessidade de expressar-se enquanto alguém que identifica-se com um grupo.

Forma-se, desta forma, uma comunidade virtual e imaginada no entorno destes blogs e de seus *clusters* em que indivíduos dos mais diversos lugares podem se encontrar, compartilhar e compreender sua realidade.

Em um post de 2012, exatos 10 anos após sua fundação, Alesku (2012) escreve:

*Nuestro equipo de trabajo fue de los primeros en ver en el formato del blog la oportunidad de crear un espacio solidario para Euskal Herria, nuestra Navarra Osoa, nuestra ama lur. Detrás del proyecto nos sumamos miembros de la diáspora vasca independentista y de izquierda, distribuidos por todo el orbe...*

[...]

*En estos diez años nuestro compromiso con el derecho a la autodeterminación de los pueblos nunca ha flaqueado, y si nos hemos especializado en Euskal Herria por ser el rincón del planeta que consideramos nuestro hogar, también nos hemos solidarizado en la lucha internacionalista por dar a conocer los sueños libertarios y soberanos de los saharauis, los kurdos, los mapuches, los palestinos, los tzotziles y tzeltales del EZLN, los irlandeses, los escoceses, los inuit... todos los pueblos en resistencia que se hallan atrapados en la gran pesadilla que es el concepto contemporáneo de estado nación (estuvimos tentados a llamarlo "moderno" pero de eso no tiene nada).*

[...]

*¿Qué ha cambiado?*



*Lo principal, ahora vemos que por fin eso a lo que se llama la comunidad internacional parece por fin estar honestamente interesada en el proceso de paz que encamine la resolución del conflicto político que mantienen el pueblo vasco (que desea a su Nabarra libre y soberana) y los estados español y francés. El año pasado fue muy importante en ese sentido pues después de que el franquista de izquierda Rodríguez Zapatero descarrilara la oportunidad abierta por ETA allá en el 2006, el grupo independentista volvió a mostrar su voluntad de destrabar el proceso y anunció el fin de la lucha armada poco después de celebrada la Conferencia por la Paz en Donostia. A Rodríguez Zapatero no le alcanzó el tiempo pues su apuesta por adoptar medidas propias de la derecha para hacer frente a la hecatombe capitalista que vive el mundo hoy en día provocó que los españolitos decidieran que si van a tener políticas de derecha pues mejor tener políticos de derecha en La Moncloa, la oficina de maquillaje democrático que La Zarzuela mantiene para cubrir las apariencias.*

*Claro con los franquistas de derecha de regreso a la cabeza de las instituciones borbónico franquistas el clima se ha enrarecido y los tambores de guerra suenan por todo lo alto, inclusive sus ecos se escuchan alto y fuerte en América, especialmente en México donde donde los integrantes del PAN - partido de la derecha cutre mexicana - hacen lo que pueden por mantener contenta a la que ellos llaman Madre Patria*

Retoma-se a ideia de ser parte de um grupo, de ser e ter um lugar no mundo e do blog ser um “espaço solidário para o País Basco”, como uma pátria virtual, uma Navarra (Nabarra Osoa) ou um pedaço da terra (ama lur). Coube espaço também para a solidariedade com outras pátrias, com outros povos e com outros indivíduos que sentiam sua identidade e sua terra oprimidas, limitada, negada pelo que Alesku vai chamar de “conceito contemporâneo de Estado-nação”, ou seja, pela ideia de um Estado-Nação em que minorias são e devem ser oprimidas e suprimidas.

Alesku critica, e não poderia deixar de ser, a ideia moderna de Estado-Nação, a imposição cultural feita às minorias que devem encontrar na luta – e na internet – formas de resistir. Seu blog – e tantos outros – nascem e sobrevivem com este objetivo, o de serem um locus virtual de resistência, um ponto de encontro e uma comunidade.

Em um pequeno resumo histórico dos acontecimentos recentes, o autor critica a volta ao poder daqueles que um dia foram seguidores e base de sustentação de Franco e sua ditadura, um dos períodos mais negros da história basca, como já analisado em capítulos anteriores. Negociava-se (e o processo continua até hoje) com a ETA para que a paz pudesse chegar ao País Basco sem, porém, tratar de toda a violência do Estado Espanhol contra a comunidade basca e, por fim, não poderia faltar uma crítica ao próprio México, terra de onde escreve e onde nasceu Alesku, demonstrando que ainda que se identifique como basco, não falta espaço para compreender a realidade da terra onde vive.

No **cluster diaspórico-organizado**, por sua vez, destacam-se blogs criados desde a diáspora com o intuito de divulgar a cultura basca pelo mundo e também de debater sua política e demonstrar solidariedade com presos políticos e suas famílias. A diferença básica entre estes blogs e os enquadrados no campo dos diaspórico-políticos é que os primeiros são comandados por organizações e não por indivíduos-militantes.

O Euskal Herriaren Lagunak – Amigos do País Basco é um blog uruguaio ligado à diáspora local e, além de prestar solidariedade, comentar sobre a política e a história de seu povo, ainda busca manter viva as tradições bascas no Uruguai através de festivais, de encontros que convoca e divulga em suas postagens.

*Colectivo de solidaridad con Euskal Herria nacido en Montevideo en diciembre de 2009. Nuestro objetivo es trabajar en Uruguay en favor de la resolución del conflicto vasco, para lo cual apostamos por un proceso de transición política que respete la palabra y la decisión de la sociedad vasca.*

A Rede Askapena – Libertação é uma organização internacionalista que congrega dezenas de organizações locais pela diáspora (como a própria Euskal Herria Lagunak do Uruguai) e organiza demonstrações de solidariedade ao país basco, encontros cívicos, reuniões e divulga a cultura basca pelo mundo. Uma das atribuições da organização – divulgada em seu blog – é a de organizar (2010) a Semana de Solidariedade com o País Basco, à qual se somam milhares de pessoas todo ano:

*La semana de solidaridad con Euskal Herria (a falta de iniciativas por realizar en Barcelona, Madrid, Milano, Torino...) se toma un respiro después de dejar más de 80*

*iniciativas y la participación de miles de personas en 18 países.*

*[...]*

*Hace 3 años que se inició el 're-impulso' de la solidaridad hacia Euskal Herria mediante el nacimiento de 'Euskal Herriaren Lagunak'. En aquellas fechas había como ahora muchas y muchos amigos de Euskal Herria, pero pocos de ellos estaban trabajando estructuradamente, 5 ó 6. Hoy en día contamos con más de una treintena de grupos que trabajan la solidaridad con nuestro pueblo.*

Por fim, há ainda a ASEH – Associação de Solidariedade ao País Basco, uma organização portuguesa formada por bascos e portugueses que traduzem diversos textos políticos e atuais sobre o país basco para facilitar a leitura e o contato pela grande diáspora basca em Portugal e no Brasil.

No blog da organização, há espaço para constantes postagens de vídeos musicais, com clipes de bandas e cantore(a)s bascas relevantes, buscando dar a conhecer um pouco da cultura através da música, tanto do rock e do ska moderno, até baladas e músicas tradicionais que eram proibidas durante os anos de franquismo.

É possível encontrar postagens promovendo festas bascas em pequenas cidades, permitindo assim conhecer um pouco mais da cultura basca e da imensa diversidade que existe dentro do território, assim como há espaço para convocatórias para atos políticos e para a solidariedade com o país basco (2012).

Por fim, é possível ainda encontrar um post (2011) com as razões básicas para a existência e para a luta da organização:

*Durante o fascismo português, milhares de pessoas saíram do país. Por razões políticas e económicas, tiveram de fugir a salto pela fronteira e atravessar um território dominado pelo franquismo. Para chegar a França, muitos receberam o apoio de bascos que conheciam melhor a zona montanhosa que caracteriza aquela região. Essa ajuda evitou-lhes a prisão, a tortura e, em alguns casos, a morte. Já nessa época, aos portugueses chegavam informações do País Basco através do clandestino «Avante!».*

*Anos depois, em 1975, os telejornais das principais cadeias norte-americanas abriram com as imagens de milhares de manifestantes a assaltar e a queimar o consulado e a embaixada do Estado espanhol em Lisboa. O assassinato dos dois militantes da ETA pelo fascismo espanhol fez explodir o ódio pelo franquismo. Nesse mesmo ano, no contexto do processo revolucionário português, o Exército Republicano Irlandês (IRA), a Euskadi Ta Askatasuna (ETA) e outras organizações armadas organizam, livremente, um comício na cidade do Porto. O impacto da revolução portuguesa atrai a solidariedade internacionalista de centenas de estruturas políticas.*

*Em 1976, a Assembleia Constituinte aprova o mais belo texto alguma vez escrito em língua portuguesa. A jovem Constituição da República Portuguesa consagra o socialismo como horizonte e no seu sétimo artigo proclama que "Portugal reconhece o direito dos povos à autodeterminação e independência e ao desenvolvimento, assim como o direito à insurreição contra todas as formas de opressão".*

*Mas os anos de felicidade não duraram muito. As forças da direita, apoiadas pela CIA, pela NATO e pela Espanha franquista não permitiram que um país da Europa Ocidental construísse o seu próprio futuro. Chegou a contra-revolução, acabou-se com a reforma agrária e começaram as privatizações. Já a terra não era para quem a trabalhava e as fábricas ficaram nas mãos dos de antes. Os mesmos portugueses que nos derrubavam a beleza da revolução são, hoje, acusados de terem apoiado o assassinato de independentistas bascos, através do terrorismo de Estado.*

*[...]*

*Vivemos cada vitória e cada derrota do povo basco como se fosse nossa. Entendemos que a melhor forma de se ser solidário com a luta doutros povos é lutando pelo nosso próprio povo. Por isso, nunca abdicámos de participar em diversas acções em conjunto com outras organizações portuguesas por reivindicações nacionais. Também por isso, Euskal Herria sabe que não está só. Apesar das diferenças*

*entre a história da luta dos portugueses e dos bascos, apesar das diferenças culturais, o que nos move é o mesmo horizonte: um mundo de paz, progresso e justiça social.*

Com um pequeno resumo histórico, os portugueses membros da organização descrevem suas próprias dificuldades e traçam paralelos com o sofrimento passado pelos bascos e deixam claro ter como sua a luta dos bascos, identificam-se com o povo, com sua cultura e com suas lutas.

Estes três blogs, criados para divulgação da identidade basca e, além disso, para o fortalecimento das ações em solidariedade ao País Basco para, assim, dar a conhecer melhor a realidade do país e do povo, são apenas um pequeno exemplo de toda a imensa diversidade de blogs e organizações que atuam de forma semelhante na blogosfera basca.

O caso dos blogs do **cluster simbólico-referencial** é especial e tem como principal expoente o blog About Basque Country que reúne em um mesmo local postagens em jornais, sites e revistas de todo o mundo sobre o País Basco. São blogs cujo objetivo é trazer à população basca e interessados em geral tudo que se escreve e relevante sobre a região, sobre o povo e sobre a cultura, com espaço para postagens de indivíduos da diáspora contando suas experiências, aproximando assim indivíduos ligados à comunidade de diversos locais e também mostrando a força e a vitalidade do povo basco e de sua cultura por todo o mundo.

Uma das preocupações centrais do blog, comandado por Javier Perez, editor do blog, é a de a cultura basca sendo debatida pelo mundo, como ela é mostrada, como o povo é tratado e comentar sobre estas notícias, aproximando a comunidade basca, como, por exemplo, ao comentar e divulgar a publicação do livro "Alma Basca", da basco-brasileira Ana Luiza Etchaluz que, segundo Perez (2012a), "narra a história de uma basco-brasileira em busca de suas origens" e que foi lançado em Bilbao.

No blog, há uma seção exclusiva para os "Bascos no Mundo", em que se comenta e reproduz notícias ligadas à pessoas, lugares e eventos históricos relacionados à diáspora basca, como por exemplo, uma notícia sobre a origem da bandeira do condado estadunidense de Johnson, no Wyoming, que tem como base a ikurriña basca (2012b):

*Sabemos muy bien cuál es la importancia fundamental de la comunidad vasca en toda Iberoamérica. Su peso específico, y su influencia política, económica, intelectual y social. Sin duda, cuando pensamos en la diáspora, automáticamente nuestras mentes se dirigen a Argentina, a Chile, Uruguay, México.... Pero al norte de Rio Grande, también sabemos que, la proporcionalmente minúscula colonia de vascos que viven en USA y Canadá, han sido capaces de mantener sus señas de identidad y lo que es más importante, que las mismas sean reconocidas y respetadas por el conjunto de las comunidades donde viven.*

O blog ainda preocupou-se em explicar a razão ou razões para sua existência:

*Pocas cosas llaman más la atención de este pequeño país nuestro que su enorme capacidad de proyección. Esta constante de su historia ha permitido que, una comunidad pequeña y asentada en una tierra pobre (salvando los pocos años de la extracción del hierro), haya tenido una capacidad de influencia y presencia muy superior a lo que la lógica de los números y la población marcaban.*

*En la visión que el Mundo tiene de nosotros se mezclan curiosidad, desprecio, simpatía, antipatía, desconcierto, complicidad, miedo, admiración, estereotipos, desconocimiento o preconceptos. Imagino que eso será lo mismo que cualquier sociedad siente ante los comentarios de los “otros” sobre “nosotros”.*

*Pero en el caso de los vascos, se suman una serie de cuestiones que nos convierten en un “caso especial”. La existencia de una identidad nacional soportada en la existencia de un Pueblo y una Lengua cuya historia se pierde en la noche de los tiempos; la presencia de un “conflicto” que se prolonga por mas de 150 años y que en los últimos 20 ha adquirido tintes dramáticos; la división en dos Estados que, de formas diferentes pero muy resolutivas, niegan la existencia de una sociedad con derecho a decidir; la voluntad de una parte significativa de los vascos de decidir de sobre su futuro; una sociedad desarrollada, capaz de convertir un territorio sin más recursos que la formación y iniciativa, en un referente*

*económico e industria internacional; una influencia en la historia de muchos rincones del mundo desmedida en relación a la población vasca del momento...*

Como se vê neste e em outros blogs há uma explícita preocupação em reafirmar a identidade nacional basca e comprovar sua força e duração histórica. A menção ao conflito também faz-se presente, e nada na história basca foi simples ou se deu de forma pacífica. O autor faz menção apenas aos últimos 150 anos de conflito, em que estouraram três guerras chamadas de Carlistas durante o século XIX, uma guerra civil no século XX e o período de maior repressão conhecida aos costumes, tradições e povo basco durante a ditadura de Francisco Franco.

*Todos esos elementos nos hacen tener una repercusión mediática muy importante. En todos los rincones del mundo se habla de este pequeño Pueblo que vive a caballo de los Pirineos. Si bien es verdad que, en numerosas ocasiones, lo que se escribe quedan tan lejos de la realidad que parece que hablan, no de otra realidad, sino de otro mundo.*

*Este Blog va a hablar poco por sí mismo (nota posterior: sí, al final no he podido evitarlo, intentaré que vayan acompañados de un comentario, personal, sobre el asunto tratado. Espero que me disculpen) , su objetivo es presentar cómo el Mundo ve a los vascos, o mejor, va a recoger cómo describen los medios de comunicación internacionales las realidades de nuestro País. Nace por el convencimiento del autor de que los propios vascos (sociedad, instituciones y empresas) no son conscientes de que el Mundo habla y mucho, de “nosotros”. Además, muchas veces, la informaciones que transmiten no son de primera mano al estar enfocadas a través de la lente de los grandes medios de comunicación, las agencias informativas españolas y francesas, o las infomaciones transmitidas por los propios gobiernos. Eso sin hablar de las ideas preconcebidas que traen la mayoría de los periodistas que se acercan hasta el País vasco para conocerlo de primera mano.*

Diferentemente de outros blogs, porém, a preocupação central do About BC não é a de descrever como os bascos enxergam o mundo, mas com o o mundo enxerga os bascos. Esta é uma forma de compreender como a sociedade basca é vista - e muitas vezes é vista apenas como um local onde existe terrorismo e que tudo que acontece é por culpa única e exclusiva da ETA (Tsavkko Garcia, 2011) - e é uma forma de termômetro para compreender também como são aceitos e como sua cultura é encarada.

O último cluster a ser analisado é o **político-teórico**, onde se concentra a maioria dos blogs encontrados que debatem o país basco. Antes de continuar, é preciso deixar claro que estas classificações ou clusters de forma alguma limitam o escopo dos blogs analisados. O que se tentou fazer foi aproximar blogs e agrupá-los em grupos para facilitar uma análise mais pormenorizada, mas é fato que os escopos dos diferentes blogs se tocam e mesmo se cruzam por diversas vezes.

Maju, em seu blog “For What We Are, They Will Be”, adota postura semelhante a Alesku, ou seja, tem como centro os debates sobre política basca, com um pouco de história e simbologia, mas com amplo espaço para a solidariedade com outros povos minoritários e movimentos sociais. O diferencial deste blog está no fato de ser inteiramente escrito em inglês, com comentários do autor às notícias postadas e muitas vezes totalmente traduzidas para um público interessado, ou mesmo que se sente basco, mas não conhece a língua castelhana ou basca e, claro, o fato de ser escrito desde Bilbao e não da diáspora, ainda que a sirva, em especial à imensa diáspora dos EUA.

O blog é inteiramente escrito em inglês e traz opiniões pessoais do blogueiro/autor, Maju, assim como postagens de outras fontes nacionalistas – em geral em castelhano -, comentadas e traduzidas para o inglês.

"Maju", aliás, é o pseudônimo usado por Luis Aldamiz, e desde o princípio representa uma ligação com os símbolos e a identidade basca, pois é o termo que designa "deus" na mitologia basca. Da mesma maneira, seu antigo blog, Leherensuge, que significa "primeiro-último dragão" e cujo termo foi cunhado pelo historiador e poeta basco Agusti Xaho no século XIX, conhecido por tentar reinventar a identidade basca através de símbolos e resgate de mitos. Herensuge ("última cobra") é o termo basco que equivale a dragão, e aparece em diversas lendas semelhantes às cristãs e indoeuropeias antigas, em especial à de Teodosio de Goñi, um parricida que havia sido



perdoado pelo papa, que foi salvo pelo arcanjo Miguel que matou um dragão na cadeia de montanhas de Aralar (em Navarra). Agradecido, Teodosio de Goñi dedicou sua vida a deus e ergueu um templo para Gabriel no topo das montanhas de Aralar. Esta é uma forma mítica de explicar a substituição das tradições e religião basca ancestral pelo cristianismo.

A ideia de Leherensuge, então, é a de tratar o dragão como uma espécie de fênix que sempre retorna, assim como a cultura basca, novamente fortalecida.

O blogueiro faz um esforço para dar a conhecer a cultura e realidade basca aos falantes da língua inglesa, ampliando o escopo dos blogs que, normalmente, se limitam a publicar em basco ou castelhano. Ele afirma também que parte de sua decisão de blogar em inglês se deve também ao repúdio que sente pelo Estado Espanhol e sua língua e para escapar um pouco da lógica-padrão dos demais blogs que optam pelo castelhano por, dentre outro, estarem mais familiarizados com a língua e, claro, porque o uso do basco limitaria por demais a audiência.

Em um post sobre história basca, Maju relembra (2011a) fatos semelhantes aos descritos por Altuna (2011) e a batalha de Orreaga-roncesvalles, há 1233 anos (na data do post), um momento histórico ou fato histórico de grande importância para os bascos, pois demonstra sua resistência a invasores e indesejados em suas terras.

*Seria apenas uma anedota histórica, mas considerando que a batalha contra os invasores pós-romanos continua ainda hoje, é na verdade uma lembrança da longa e contínua batalha por liberdade. Esta deveria ser nossa data nacional.<sup>3</sup>*

Como se vê, há um sentimento de unidade que transparece deste fato histórico que, transposto para os dias atuais, une os bascos em sua identidade ao ponto de um escritor da diáspora tratar como um dia nacional “nosso”, ou seja, de todos os bascos,

---

<sup>3</sup> *It'd be just a historical anecdote but considering that the struggle against the post-Roman invaders continues even today, it is actually a reminder of a long ongoing fight for freedom. It should be our national day.*

apesar da proposta ser para que o governo regional do País Basco adote-o. Há uma clara e intencional confusão entre o local e o virtual, como se decisões tomadas no território basco afetassem a todos que se identificam com a terra/povo.

Em outros dois posts relevantes (2011b e 2011c), Maju conta a história de diversas guerras travadas pelos bascos desde a antiguidade, traçando a origem deste povo – em sua opinião – até pelo menos os tempos de César, que conquistou a região da Aquitânia, território ancestral por onde os bascos se espalhavam na antiguidade. Há, nestes posts, uma clara intenção de demonstrar a valentia e a unidade do povo, e sua vontade de lutar contra invasões e opressão, uma forma de incentivar a luta de hoje, contra a Espanha, pela resistência de sua cultura e identidade.

O blog coletivo Borroka Garaia Da - É hora de Lutar tem como principal foco as discussões sobre política atual do país basco, com posts e guest-posts em castelhano e em euskera, mas também, por vezes, debate temas históricos e a mitologia do povo basco, questões de cunho teórico sobre nação e nacionalidade e há amplo espaço para debater a repressão contra a cidadania basca na Espanha de hoje. Em uma postagem carregada de linguagem marxista, explicam (Mari, 2011) sua visão de nação e identidade basca:

*Si la identidad supone esa linea que desigualmente avanza entre el inicio y el final del proyecto. La podemos identificar con la razón de ser realmente existente. La razón de ser de una nación solo puede tener sus raíces en la voluntad del pueblo no enajenado No es un punto inamovible en la historia. Para Marx la identidad será el “camino desde el mundo de la necesidad al mundo de la libertad.”*

*El “nosotros somos” resume nuestra razón de ser en el tiempo y espacio de la historia. Autoconciencia, memoria, insumisión e independencia son elementos inseparables de la razón de ser de un pueblo que se organiza en nación*

*Sentimos, queremos y construimos nuestra identidad en continua dialéctica con dominaciones de fuera y de adentro. La larga historia que vamos recuperando de nuestro pueblo, nos habla de supervivencia asimilando e identificándonos a la naturaleza (ama lurra), de rebeldía ante culturas y ejércitos*

*dominantes y de encuentro con la tierra compatible con la búsqueda y solidaridad con otros mundos. Por otro lado nos habla de viejas luchas frente a imposiciones internas, ¿Qué fueron las persecuciones contra la brujería, herejías, matxinadas...?*

A perseguição aos bascos e à sua cultura, para a autora, tem semelhanças com outras perseguições a grupos minoritários ou desviantes ao longo da história, mas diferentemente destes, os bascos persistem e sobrevivem. E continua o artigo analisando a história basca, com especial cuidado com o século XXI até os dias de hoje, resumindo o período:

*El antropólogo Julio Caro Baroja afirma “la historia del pueblo vasco es la historia de la violencia”. Esta genérica afirmación resume junto a la agresiva incidencia de dominaciones externas, la incuestionable resistencia de un pueblo que sintiendo en euskara, autoorganizándose en auzolan , colaborando valle a valle, participando de las propiedades comunales ,haciendo de las costumbres ley y autoorganizándose para defender esta identidad . Esto venía sucediendo ya en nuestros primeros conocimientos históricos; y sigue sucediendo.*

Sua conclusão final é a da necessidade de uma ruptura com os Estados espanhol e francês e a construção de uma sociedade/Estado basco de caráter socialista e classista.

Em outra postagem, debate-se (Borrokagaraia, 2011) rapidamente a história do grupo separatista ETA, sua história, e o sucesso de sua luta até o presente:

[...]

*Dependerá de la sociedad vasca que esas recomendaciones se apliquen en ese sentido y el acuerdo de Gernika y su avance, podría llenar algunos vacíos de esta. La desaparición de las violencias y el respeto a la voluntad vasca mediante consulta de cara a elegir libremente su futuro nacional será el camino encauzado y propuesto por la sociedad vasca para que el conflicto desaparezca y el estado español junto al francés pondrán todas sus fuerzas para que así no sea. Intentando que no se avance más en ninguno de los*

*puntos de la resolución del Palacio de Aiete, especialmente en el cuarto que es el clave de cara a asentar una paz real y para conseguir una democracia.*

*Es quizás pronto para analizar todas las consecuencias de la decisión de ETA pero hay dos conclusiones objetivas: Euskal Herria hoy no es libre ni ha ganado la paz, siendo dos objetivos aún por lograr. Hay una oportunidad para conseguirlo, pero ésta se puede perder.*

[...]

Fica clara a visão do coletivo dos bascos enquanto sociedade, com vontade própria e separada da vontade dos ditos espanhóis. Somente a sociedade basca tem o direito e o dever de decidir seu futuro e alcançar a paz, esta vista como a consequência do respeito aos anseios da população. Há uma clara consciência nacional aqui demonstrada na defesa por uma solução negociada para um conflito entre a nação basca que busca libertar-se a a nação/Estado espanhol opressor. Está clara a separação entre o "nós" e os "outros", entre o opressor e o oprimido e cria-se uma identidade comunitária em oposição ao *outsider* que pode ser ainda explicitada pela sentença (Borrokagaraiá, 2012):

*El estado español fue el que creó la ecuación de su derrota porque colocó al pueblo vasco en necesidad de una victoria para ser libre. Que esa falsa ecuación se desmorone.*

E o historiador basco Iñaki Gil de San Vicente completa (2012) o raciocínio:

[...]

*La tradición cultural, el complejo lingüístico-cultural, no es monolítico sino que está minada por las contradicciones sociales que han existido a lo largo de su historia, conviviendo en su interior fuerzas antagónicas en unidad y lucha de contrarios. La tradición no es una fuerza reaccionaria en bloque, sino que en ella pugnan componentes reaccionarios con revolucionarios. Marx nos ofrece ejemplos de esta lucha de contrarios: uno, el negativo, es su conocida afirmación de que «la tradición de todas las generaciones muertas oprime como una pesadilla el cerebro de los vivos»<sup>14</sup>, y el contrario*

*positivo es su no menos conocida afirmación de que sus héroes eran Espartaco y Kepler <sup>15</sup>. Marx siempre explicó que la teoría se convierte en una fuerza material cuando es asumida por las masas. Espartaco y Kepler fueron dos revolucionarios que en sus distintos campos de acción ayudaron sobremanera a que la humanidad avanzara en su emancipación material e intelectual a pesar de las tradiciones reaccionarias de las generaciones muertas. La teoría marxista de la organización indica cómo debe procederse para que los componentes emancipadores insertos en la tradición se impongan sobre los opresores.*

[...]

Como se vê, há uma especial preocupação em legitimar ideologicamente a luta por emancipação baseada na cultura, na língua e na comunidade, mas sempre compreende o que estes conceitos podem ser enganosos, podem confundir e mesmo ser usados para motivos outros que o da emancipação. A tradição e a cultura não são monolitos, mas mudam, são moldados, e esta é uma preocupação central em muitas das postagens dos blogs que compõem este *cluster* específico.

Por fim, temos um blog um pouco diferente em termos político-ideológicos que os demais, pois o Arabatik (literalmente, "de Álava/Araba", província basca) se alinha com a centro-direita do Partido Nacionalista Vasco (PNV), ao passo que os demais blogs deste e de boa parte dos demais *clusters* são próximos da Esquerda Nacionalista ou Abertzale.

Mas, assim como os demais de seu cluster, mistura assuntos políticos atuais, com discussões sobre a sociedade/identidade basca e seus mitos, história e símbolos. Comentando sobre as estruturas políticas bascas, o autor escreve (Perez, 2012):

[...]

*La realidad nacional vasca proviene de la tradición foral, y, asimismo, del Reino de Navarra, donde las tenencias eran de por vida, pero no eran hereditarias. Y en los fueros hay elementos igualitaristas y de derechos de los individuos. Basta hacer un repaso al fuero de Bizkaia para comprobar la base asamblearia y de abajo arriba, estructurada, y de carácter democrático, que caracterizó, durante siglos, a la*

*realidad institucional del pueblo vasco, pues los demás fueros eran un espejo muy similar, prácticamente igual, al de Bizkaia. Es a la hora de dar voz a esa comunidad, cuando surge la necesidad, en tiempos modernos, de dotarse de un instrumento político propio para desarrollar esa vocación de defensa de lo propio, característica de cualquier colectivo humano de cualquier parte de nuestro planeta azul y verde.*

[...]

*Al final, se quiera o no, son las realidades sedimentadas a lo largo de mucho tiempo las que dan forma a esa identidad, a esa forma de ser, y de estructurar las instituciones. De ahí que quien tenga una estructura apegada al terreno sea quien esté mejor preparado para responder a las necesidades y anhelos de la sociedad.*

[...]

*La vasca y el vasco ha de poder actuar siendo consciente de las razones de su actuar, siendo responsable de sus actos, y estando preparado para afrontar todo tipo de debates. La mujer y el hombre conscientes son la mejor garantía de que el alderdi siga siendo en el futuro la mejor de las herramientas posibles en la construcción de Euzkadi.*

Um pouco de história, de política identitária, de instituições tendo como resultado a "construção de Euzkadi", grafada na forma arcaica idealizada por Arana, fundador do PNV, partido do autor (a grafia atual é Euskadi, ou País Basco, também chamado de Euskal Herria). Até mesmo neste equeno detalhe o autor deixa transparecer o respeito à história de seu partido e de seu povo.

Mesmo se colocando em espectro político diferente dos demais blogs estudados, a lógica da opressão/repressão se mantém quando Arabatik (re)publica (PNV, 2012) a carta de convocação do PNV para o Aberri Eguna (Dia da Pátria) de 2012, também resgatando sua origem e importância histórica:

[...]

*Conmemoramos estos días aniversarios de dolor. Recordamos el horror de bombardeos indiscriminados contra*

*la población civil de nuestro Pueblo en tiempos pasados. En el nombre de la España, grande, libre e indivisible se asesinó impunemente a una ciudadanía que sólo quería vivir en paz y libertad. Fueron agresiones inhumanas, execrables, imborrables para quienes han arrastrado su condición de víctimas durante decenios. Sin compasión ni resarcimiento por parte de quienes sometieron su régimen y dominación en aquellos actos de barbarie. Al día de hoy existen entre nosotras-os heridas abiertas de aquella etapa negra de represión, castigo y asesinato.*

[...]

*El año 1932, el Partido Nacionalista Vasco, sacaba a la calle a su militancia y seguidores para anunciar la “resurrección” de la Patria Vasca. Era el primer “Aberri Eguna”. Desde entonces, no ha habido año ni ocasión, en libertad o dictadura, en la que el Partido Nacionalista Vasco no haya reivindicado en esta fecha, el derecho del Pueblo Vasco a su libertad y a su plena expresión política e institucional.*

[...]

Lorth Needa, escrevendo para o Arabatik (2011) acredita que a pátria basca, Euskadi, pode e deve situar-se como nação livre na Europa e não apenas como uma região espanhola. Está expresso o sentimento de serem parte da Europa enquanto bascos, de quererem representar a si e não serem representados:

*Euskadi –Euzkadi- puede y debe situarse como una nación libre y soberana en el contexto europeo. Superado ya el estigma de la violencia mesiánica revolucionaria (ya les ha costado bajarse del burro, 35 años de muerte y crímenes para poder presentarse a unas elecciones), el Pueblo Vasco, en ejercicio de su soberanía originaria, ha de ser quien libre y democráticamente decida su futuro status en el concierto de las naciones.*

É interessante notar, em outro post, uma discussão (EGE, 2011) sobre a questão identitária basca quando confrontados com interesses espanhóis de criar distensão interna ao falar de uma "identidade alavesa", uma região historicamente menos próxima

ao nacionalismo basco, com menos falantes da língua euskera e que costumam votar majoritariamente em partidos espanhóis como o PP e PSOE:

*No podremos negar que esa Vitoria y esa Álava no existan. Erraríamos. Existen, y tienen mucho peso. Como existe y tiene cada vez más peso todo un mundo vitoriano y alavés muy aferrado al factor vasco, al euskal. Son dos mundos – sobre todo en Vitoria- que se van desarrollando en las antípodas una de la otra.*

[...]

*¿Existe la identidad alavesa? Sabemos que cada cual la entiende a su manera, y que lo que De Andrés pueda considerar por tal está muy distante de la idea de Agirre. No podemos tener la misma idea yo –nativo de Bizkaia y criado en el idioma vizcaíno- que mi vecino –nativo de Zamora y criado en el idioma español-, aunque cada año que pasa aumenta el mestizaje y sus consecuencias identitarias.*

É o ponto em que compreendemos como a discussão sobre identidade é complicada e pode ser usada politicamente por indivíduos interessados em confundir e lucrar com isto. De fato não existe tal "identidade alavesa" senão nas mentes de políticos dito "espanholistas" que buscam, desta forma, dividir o País Basco em seu ponto mais frágil.

#### **4.2 - Relatos**

Foram coletados relatos de diversos blogueiros e ativistas relacionados à "causa" basca, ou seja, à luta por reconhecimento que trava a sociedade basca e a luta por um Estado próprio.

Foram entrevistados 10 blogueiros e um coletivo de blogueiros, por e-mail ou presencialmente, que deveriam responder a duas perguntas simples:

1. Qual é a importância das ferramentas sociais (blogs e etc) para a promoção do nacionalismo basco ou do sentimento de pertencimento/identidade a esta comunidade? É importante? Não é? Porque?



2. Encaras as ferramentas sociais apenas como meio de ler notícias e de se comunicar, ou também como uma forma de divulgar questões nacionais, ampliar o sentimento nacional e de comunidade? Como as utiliza?

Os blogueiros que responderam à pesquisa formam um grupo heterogêneo:

Nome	Origem	Residência	*
Eneko Ander	Basco	Vive no País Basco	
Andoni Barakaldo	Basco	Vive no País Basco	
Susana Nynaeve Mondragon	Não-Basca	Não vive no País Basco	Casada com Basco
NickNeuk	Basco	Vive no País Basco	Casado com Não-Basca
Luis "Maju" Aldamiz	Basco	Vive no País Basco	
Joxerra Bustillo Kastrexana	Basco	Vive no País Basco	
El Disidente	Não-Basco	Não vive no País Basco	Espanhol
Coletivo Borroka Garaia Da	Bascos	Vivem no País Basco	
Alejandro "Alesku" Eguía Lis	Descendente de Bascos	Não vive no País Basco	Mexicano
Iñaki Aguirre	Basco	Vive no País Basco	
Alejandro "Kakapo" Martinez	Basco	Vive no País Basco	

E, assim como o grupo é diverso, diversas foram também suas opiniões sobre as questões levantadas. Em geral, seguindo a orientação dos blogs e respectivos posts analisados, os entrevistados se colocam mais à esquerda do espectro político, mas divergindo em termos de apoio ou rechaço ao nacionalismo basco.

Os entrevistados são, em geral, também blogueiros e/ou usuários ativos das redes sociais, como Twitter e Facebook e ativistas políticos.

Para Eneko Ander, que é um estudante de Ciências Políticas de Bilbao, as redes sociais tem o potencial de algum dia servirem como veículo de promoção do nacionalismo, porém ainda não o são, ficando relegadas ao papel de transpor para o online apenas as conversas que grupos de amigos teriam offline, ou seja, se conversam sobre política nas ruas, o fazem na internet, mas sem grandes pretensões. Por outro lado, Ander acredita no potencial dos blogs, ao menos como motor de mobilização local, e dá exemplos de usos de blogs em povoados e bairros:

*La mayoría de barrios, pueblos, asociaciones, etc.. tienen su blog o web. Un ejemplo práctico es Larrabetzu. Un pueblo de no más de 700 habitantes, ha 15 minutos de Bilbao, y tiene 4 blogs dedicados al pueblo. 2 oficiales, uno de la izquierda abertzale y otro del PNV, y otros dos más generales, uno desde una perspectiva más de la izquierda abertzale y otro desde la perspectiva de del PNV. En serio, lo de los blogs es alucinante! Sirve para difundir noticias, pero también para hacer críticas al ayuntamiento, a la prensa, a políticos, etc... No es solamente para promover el independentismo, pero es una herramienta muy útil.*

*Lo dicho, toda asociación e incluso barrios tienen su propio blog. Para mi es más interesante los blogs barrio por barrio, ya que me recuerda a cuando cada barrio, cada partido o cada asociación tenía su propia revista y/o periódico, solo que con la velocidad que da un blog que puedes actualizar en cualquier momento. No solo artículos, para mantener movilizad a la sociedad, para hacer llamamientos a manifestaciones, avisar de diferentes actos...*

Ander encara os blogs, por outro lado, como uma espécie de ferramenta conversacional com algum potencial de mobilização e engajamento político, como uma ferramenta ora para grupos de amigos se comunicarem (e convocar manifestações, por exemplo), ora como um meio para crítica social e mudança política a nível local.

*Más que para crear un sentimiento independentista o nacional, sirve para criticar o para hacer ver los fallos del poder establecido, bien sea el PNV, el PSOE, o lo que acarrea depender del estado español. La crítica es un arma muy importante!*

Destaca-se, enfim, a crítica e a informação como “armas” dos blogs, com potencial de mobilização política e mesmo de formação ideológica, onde o sujeito sai da passividade e se torna uma gente ativo, ao passo que para as demais redes sociais, Ander relega a um papel meramente conversacional.

Andoni Barakaldo, por sua vez, um ativista político basco e membro do coletivo nacionalista e comunista basco Boltxe Kolektiboa, encara as “novas tecnologias comunicativas”, ou seja, as redes sociais, como importante não só para o nacionalismo basco de esquerda, como para os movimentos sociais em geral.

*No hay que olvidar que internet es hasta ahora un espacio en el cual la censura funciona menos. En ese sentido, si bien al principio habia ciertos recelos respecto a usar las redes sociales, se puede decir que ahora practicamente todo el panorama organizativo vasco de izquierdas disponer de presencia en las mismas*

Fato marcante é que virtualmente todo movimento basco organizado possui alguma presença nas redes sociais, sem isso acaba excluído ou perdendo parte de um campo de mobilização amplo e propício.

*Las redes sociales no solo se usan para informarnos de lo que ocurre lejos de nuestras [...] sino que tambien las usamos para que el resto del mundo sepa de nuestra historia y de nuestra lucha actual. de la misma manera que nosotros acudimos a internet otros pueblos van a el, con la finalidad de conocernos.*

Como demonstrado ao longo do trabalho, em especial neste capítulo, fato recorrente é o uso das redes sociais como forma de dar a conhecer causas, lutas e movimentos, o de se comunicar com a diáspora e com outros movimentos em busca de solidariedade e, desta forma, organizar-se como povo, como comunidade frente a outros grupos/comunidades.

Susana Nynaeve, ativista política Madrilenha, casada com um cidadão basco, mas ela própria de origem castelhana, vê nas redes uma capacidade comunicacional que suplanta, por exemplo, a possibilidade de se mostrar um motor do nacionalismo. Ela acredita que as redes sirvam como um local onde é possível existir entendimento, diálogo e, assim como Ander e Barakaldo, onde se pode escapar do “cerco midiático” espanhol.

*Si es importante o positivo, creo que sí. Creo que quien ha decidido que no cambiará su opinión no lo hará independientemente de si hay o no un blog, un forero, un twittero interesante o no y que alguien que no tenga la opinión especialmente formada o que ni siquiera se haya puesto a pensar en ello, puede interesarse en el tema y terminar apoyándolo*

Por outro lado, ela deixa aberta a possibilidade da rede – dos blogs – serem efetivamente um veículo que carrega algum componente identitário, porém depende de como cada indivíduo queira utilizá-la.

*Pero creo que el quid de la cuestión es efectivamente, el cómo las utilizan. Me explico. Hay quien utiliza la red como escaparate. Yo vengo, pongo lo que quiero y no interactúo con los demás. Digamos que es la versión del egoísmo en la vida real. A mi lo único que me interesa es "lo mío". Creo que ese tipo de actitud, se penaliza a la larga. Hay veces que no es tanto así, que se intenta dar una falsa sensación de que se está escuchando a los demás, pero si no es así, la gente también se termina dando cuenta y puede que se vuelva a en tu contra. Eso pasa por ejemplo con blogs y usuarios de muchos políticos que han entendido mal lo de la comunicación 2.0. La clave creo que es relacionarse. Defender lo tuyo, respetar al contrario, intentar entender al otro. Y eso vale, insisto, para cualquier cosa que quieras en la red.*

NickNeuk, marido de Nynaeve, é basco e pensa um pouco diferente de sua esposa, ou talvez seja apenas mais incisivo quando diz que:

*No es importante para su promoción sino para su defensa ante otros, y también para la vitalización interna y*

*dinamismo de la propia comunidad. Creo que no para su promoción porque la adhesión a una comunidad existe previamente y no se crea, no se ganan miembros promocionando, pero como tal comunidad, esta utiliza todas las herramientas y medios existentes para su expresión y vida cotidiana. Tiene la importancia que tienen todas las herramientas y medios; cultura, música, asociacionismo, debate popular, instituciones.....*

Ou seja, não é importante para promover, senão que para defender a comunidade, visto que a adesão se dá previamente. As redes sociais seriam, então, uma forma de defender a comunidade de ataques externos, de criar uma rede de contatos e de apoio/solidariedade contra o que vem de fora, algo como uma proteção dos *insiders* frente aos *outsiders*.

*Por un lado sirve para "mostrarse" ante el exterior de esa comunidad, para decir "estoy aqui, estamos aqui, somos", para defender su existencia y sus derechos como tal sociedad y comunidad, y por otro sirve internamente para crear lazos y complicidades internas o reforzarlas. Digamos que sirve a toda sociedad o comunidad de intereses.*

[...]

*Así pues toda herramienta de comunicación de opinión sirve para perfilar comunidades, modelarlas, cambiarlas, o incluso organizarlas.*

Maju, blogueiro vasco, imagina que as ferramentas sociais são “manifestações de uma realidade social” com capacidade de se tornarem “instrumentos da identidade basca”:

*Imagino que simplemente son manifestaciones de una realidad social (y tecnológica, si te refieres específicamente al contexto de Internet) y que son estas manifestaciones sociales, las que sean las que se convierten por su mera existencia en instrumentos de la identidad vasca (o la que sea, incluyendo la identidad como Humanidad, muy importante y que prácticamente no existía antes de la imprenta por ejemplo).*

*Pero al final son medios para un fin que es la vida humana, que se desarrolla natural y necesariamente en sociedad.*

O jornalista basco Joxera Bustillo, por sua vez, pensa que definitivamente as novas ferramentas de mídia social influem na “luta pela libertação nacional do povo basco”, alterando a forma com que nos relacionamos, compartilhamos sensações e sentimentos:

*La irrupción de las nuevas tecnologías y en especial internet está influyendo en la lucha de liberación nacional del pueblo vasco en diversas formas y maneras. Ya nada es igual a lo que pasaba hace 15 años. La red, con sus múltiples facetas, está cambiando la manera de interrelacionarse, de difundir ideas, de compartir sensaciones, etc.*

*Incluso las convocatorias de protestas, concentraciones, manifestaciones se extienden por la red. Las listas de correo electrónico sirven para convocar reuniones y lanzar iniciativas. Facebook, Twitter son herramientas usadas a diario para difundir noticias, videos, música, enlaces, ideas, pensamientos, de todo.*

Trata-se, porém, diz Bustillo, de um fenômeno que não se limita à realidade basca, e cresce cada vez mais a luta ideológica em formato digital, superando a mídia impressa, hoje já antiga. O jornalista corrobora as evidências alencadas ao longo desta pesquisa, de que a internet faz às vezes de um campo de embate político-ideológico e um motor de (auto)conhecimento identitário através de uma extensa rede de blogs e comunidades virtuais agrupadas em clusters que, por vezes, se comunicam, ampliando seu alcance.

O blogueiro espanhol El Disidente, apesar de não ser basco ou viver na região, tem o histórico de defender ferrenhamente o direito basco à emancipação enquanto nação, além de manter uma rede de contatos repleta de bascos e blogs desta região e, assim como Bustillo, pensa que as redes sociais tem um papel importante na promoção da causa e da identidade basca.

*[...] creo que las redes sociales juegan un papel fundamental en la divulgación, no solo de un sentimiento, sino de pura información, de conocimiento sobre un pueblo. Las*

*redes sociales han hecho posible que un ciudadano de Murcia, Badajoz, Sevilla, Madrid al que antes le resultaba complicado ubicar el País Vasco en un mapa de España, hoy día tenga a su total disposición todos los detalles sobre las características que conforman al pueblo vasco.*

Por vezes, parece tão importante a possibilidade de marcar quem são os “outros” que necessariamente o “nós”, ou seja, delimitando quem “não somos”, podemos entender quem “somos”. Em outras palavras, as redes sociais servem não apenas para delimitar quem é o povo Basco, mas também para delimitar quem não é, quem são os *outsiders*, quem não se encaixa naquilo que se pensa como basco.

*Por ejemplo, un ciudadano español hasta hace poco, pensaba que Euskal Herria es sinónimo de País Vasco o Euskadi, y creo que gracias a la divulgación de las redes sociales, hoy día, un español tiene más claro que Euskal Herria es la suma de Euskadi, Navarra y los tres departamentos franceses.*

O coletivo de blogueiros do Borroka Garaia Da, por outro lado, vê uma importância relativa das redes sociais na promoção do sentimento nacional. Por um lado acreditam que depende muito do entorno familiar a tomada de consciência, assim como isto normalmente acontece ainda na infância/juventude, mas por outro, acreditam ser possível que a curiosidade desperta pelo contato online possa levar um indivíduo a se aprofundar ou imergir naquela cultura, o que acabaria levando a uma identificação.

*[...] Por lo tanto difícilmente una persona a través de un foro, leyendo un artículo o participando en una red social puede tomar conciencia nacional. Aunque sí que puede llevarle a despertar una curiosidad que después pueda llegar a profundizar en otros apartados.*

O grupo, porém, despreza ou desconhece o fato de que uma identidade é mais do que simplesmente algo que se adquire com o convívio familiar ou durante a infância/juventude, mas sim através de um conjunto de processo sociais ao longo de toda a vida, como o empoderamento do sujeito, a diminuição do poder das instituições e a própria fluidez da identidade humana frente à quantidade avassaladora de informações e sinais que são recebidos. A identidade ou mesmo o nacionalismo se constrói por

práticas diárias e cotidianas e que podemos chamar de “secularização da identidade”, em oposição à imposição quase religiosa pelo Estado ou pelo local de nascimento.

Como todos os demais entrevistados, o coletivo aponta a importância a rede em romper o bloqueio midiático que afirmam ter sido imposto contra os nacionalistas bascos, destacando, porém, a necessidade dos relacionamentos face a face como dinâmica essencial, ao passo que as redes seriam algo complementar.

*Por lo tanto difícilmente una persona a través de un foro, leyendo un artículo o participando en una red social puede tomar conciencia nacional. Aunque sí que puede llevarle a despertar una curiosidad que después pueda llegar a profundizar en otros apartados.*

O radialista vasco Iñaki Aguirre é categórico:

*Es importante. Las redes sociales nos ofrecen la oportunidad de expresar nuestros sentimientos, dar a conocer nuestros puntos de vista y hacernos oír.*

E completa:

*Creo que también valen para divulgar nuestro sentimiento nacional. Al menos, yo procuro expresar el cariño que le tengo a la patria vasca publicando cosas interesantes y positivas, noticias, fotos chulas, etc... en Facebook, Twitter, Google+.*

E com ele concorda o também basco Alejandro “Kakapo” Martinez:

*Internet y todas las herramientas disponibles en ella sin duda son de ayuda para mantener ese contacto y sentimiento de pertenecer a un pueblo. Sobre todo a través del idioma que es la clave desde el punto de vista cultural, ya que el político varía dentro de la misma sensibilidad nacionalista. Más importante que la herramienta en sí, es la inmediatez que facilitan estas herramientas para compartir ese sentimiento común que de otro modo no se podría compartir rápidamente. Es un modo más de compartir ese nexo de pueblo.*



Vê-se que os entrevistados enxergam, nas redes sociais, uma negociação por parte dos bascos de seus símbolos, cultura e idioma. Relações que são mantidas com a intenção de troca, de conversação, de intercâmbio cultural que vão além de meras conversas entre grupos de amigos, para uma conversa que visa- mesmo que de forma inconsciente – demarcar um território, demarcar uma definição identitária.

É interessante notar que blogueiros (e jornalistas) mais engajados e experientes como Bustillo, El Disidente, Maju e Barakaldo – assim como outros internautas como Inaki Aguirre e Kakapo - possuem uma visão mais positiva das redes sociais enquanto ferramenta de transformação e promoção da identidade. Nota-se um certo conflito na posição de Ander, assim como posições mais conservadoras por parte de Nynaeve e NickNeuk e da visão das redes como algo apenas complementar – ainda que importante – por parte do coletivo Borroka Garaia Da.

O que se pode extrair destes relatos é que o tema precisa ser ainda profundamente estudado, e que as visões competem, divergem e por vezes são contraditórias, muito depende da experiência pessoal do indivíduo, mas é digno de nota que por vezes alguns dos relatos coletados destoam de postagens recolhidas, em especial a de Alesku, que desde a diáspora usa as redes para não só manter contato, mas para manter aceso o sentimento e reproduzir sua identidade. É digna de nota a posição de um blogueiro diaspórico por este encontrar-se distante da terra natal de seus parentes e mesmo do local onde descansa sua identidade e que, para ele, as redes tenham um papel relevante na promoção ou na facilitação do compartilhamento de sentimentos.

Blogs e blogueiros engajados tendem a ter uma posição mais favorável à rede enquanto promotora de sentimento via compartilhamento, enfim, da formação de uma comunidade imaginada, mesmo que, para alguns, esta seja tão somente reflexo das relações que formamos offline. Os relatos destes blogueiros mais engajados acaba por corroborar aquilo que foi coletado em diversos blogs de diferentes *clusters*.

## Considerações Finais

As ferramentas comunicacionais e conversacionais via internet, sem dúvida, alteraram a forma de se relacionar dos indivíduos. Longe de superar ou substituir as relações face-a-face, estas ferramentas propiciam uma nova experiência relacional que não é apenas complementar, mas acaba por criar novas formas de se relacionar, agir e interpretar/entender o mundo, uma ecologia da comunicação.

Como se viu ao longo de todo o trabalho, é possível afirmar que através das redes são criados vínculos entre indivíduos e que, por sua vez, estes vínculos podem vir a se tornar algo mais, ou seja, podem vir a despertar o sentimento nacional de indivíduos antes alheios ou distantes de uma dada realidade.

Indivíduos na diáspora – e neste ponto o relato do blogueiro mexicano Alesku vem a corroborar nosso ponto – podem, através da internet, vir a ter um (maior) conhecimento sobre a cultura de onde vieram seus pais e antepassados e, desta forma, imergir e interagir com indivíduos que vivem esta cultura. O relacionamento que se dá via redes sociais – dentre eles, os blogs – acaba por criar um sentimento de pertencimento a um grupo, a um coletivo, forma uma comunidade virtual imaginada, na qual nem todos os indivíduos dos diversos *clusters* aqui descritos se conhecem, mas acabam por sentir-se parte de um mesmo coletivo.

Os indivíduos podem não se conhecer ou manter relacionamentos constantes com todos os demais membros de seu *cluster* ou de outros, mas sem dúvida sentem-se parte de um mesmo coletivo, enxergam a todos os demais como parte de seu grupo e tem a possibilidade de identificar também aqueles elementos que não fazem parte de seu grupo, ou seja, os *outsiders*.

Esta identificação, porém, não se dá unicamente em relação a membros do grupo, como se apartados de qualquer realidade offline, mas também e especialmente em função de uma história compartilhada que é anterior à rede, uma história compartilhada de mitos e símbolos que unificam um povo que, na rede, são representados.

Sente-se como parte de uma nação, de um coletivo humano organizado com bases offline, reconhece-se através de seu relacionamento online como parte de um

coletivo maior, com características próprias e, para aqueles que são do grupo, únicas, apenas acessível aos *insiders*, aos iniciados. A rede, então, faz as vezes de uma ponte onde comunidades se formam baseadas em componentes identitários diversos (língua, costumes, cultura, símbolos, mitos e/ou o “mero” sentimento de pertencimento a um grupo) em meio à fragmentação identitária pós-moderna.

Um polo de re-significação e re-territorialização em que se é não aquilo que um Estado define, mas aquilo que realmente sente-se ser e que surge “dentro de um sistema de representações e relações sociais” (Guibernau, 2009). Mais do que nascer em um território e ter imposta uma identidade, a rede permite que se tenha conhecimento e mesmo adquira-se uma identidade diversa a esta dita original. Da mesma forma, é possível que a rede sirva também como potencializadora dessa identidade nacional através do reforço dos símbolos e de uma facilidade maior no relacionamento interpessoal através de comunidades virtuais.

Quem lê um blog não se limita apenas a ver posts informativos ou com discussões políticas atuais. O mesmo se dá na participação de comunidades online, como fóruns, Facebook e etc, mas se é influenciado por todo aquele conjunto de crenças passada pelos membros do grupo ou pelo(s) autor(es) do(s) blog(s). Quando falamos em uma ampla rede de blogs, mais ou menos inter-relacionada, estamos diante de um polo de atração passível de influenciar aqueles que entram em contato.

Talvez não seja absolutamente correto afirmar que os blogs forjam uma identidade naqueles que entram em contato e passam a se relacionar de forma constante, mas sem dúvida ajudam no processo de identificação e potencializam uma formação de vínculos (comunicacionais) que podem levar até esta tomada de consciência sobre sua identidade.

A internet é um campo que permite uma re-territorialização dos indivíduos ao se colocar como uma plataforma relacional por maestria e permitindo a negociação de identidades frente às diversas tensões que circundam os indivíduos. Forma-se uma comunidade de tensão ou fronteira, na qual um grupo resiste a outras influências ao passo que ativamente age em prol da perpetuação de sua comunidade. É um momento de tomada de consciência, de saída da apatia e de ativamente ser parte de um grupo, no caso, nacional.

Podemos falar em uma dimensão psicológica da identidade, ou seja, toma-se consciência de ser parte de um grupo através da proximidade que se sente, dos vínculos que se forma. Sente-se, mais do que qualquer outra coisa, compartilha-se uma história que o grupo pensa ser dela, mesmo que tenha ocorrido há mais de mil anos. Os membros do grupo enxergam eventos míticos como se fossem parte de sua própria história, encaram notícias atuais como se afetassem a todo o coletivo. Como Anderson (2005) exemplifica, o sentido de comunidade (imaginada) passa por ler um jornal ou, no nosso caso, ler um blog, sobre algo que acontece a centenas, quiçá milhares de quilômetros e conseguir se identificar, sentir que aquele evento alterou não apenas a vida de um ou alguns indivíduos, mas que também lhe diz respeito.

Há um compartilhamento comunitário daquilo que acontece com membros desta comunidade e a internet, via blogs e comunidades, exacerba esta sensação, garantindo um imediatismo – compressão espaço-tempo - que a mídia tradicional falha em dar, permitindo também à própria comunidade ativamente influir em eventos que acontecem em locais distantes, como por exemplo, compartilhando convocações para manifestações que acontecem em Vitória-Gasteiz desde a Cidade Do México, ou debatendo os problemas do trânsito em Bilbao desde São Paulo.

Em resumo, a internet propicia uma aproximação entre indivíduos e a formação de vínculos que, por vezes, podem levar à tomada de conhecimento sobre sua identidade/pertencimento, re-significa, re-territorializa e altera a forma como enxergamos, encaramos e mesmo transformamos a realidade, numa velocidade (quase) instantânea.

## Referências

ALDA, Iñigo Saldise. **Pátria y símbolos.** In Soberanía de Navarra <http://soberaniadenavarra.blogspot.com.br/2011/09/patria-y-simbolos.html>. 2011

Acesso em: 10/12/2011

\_\_\_\_\_. **Ikurriña: origen político, realidad étnica-cultural.** In Soberanía de Navarra <http://soberaniadenavarra.blogspot.com.br/2011/10/ikurrina-origen-politico-realidad.html>. 2011a Acesso em: 10/12/2011

\_\_\_\_\_. **Rojo, verde y blanco.** In Soberanía de Navarra. <http://soberaniadenavarra.blogspot.com.br/2011/05/rojo-verde-y-blanco-i.html> 2011b

Acesso em: 10/12/2011

\_\_\_\_\_. **Este debería ser el año de nuestra liberación.** In Soberanía de Navarra <http://soberaniadenavarra.blogspot.com.br/2012/01/este-deberia-ser-el-ano-de-nuestra.html>. 2012 Acesso em: 10/12/2011

ALONSO, Andoni e ARZOZ, Iñaki. Basque Cyberculture: From digital Euskadi to cyber Euskalherria. Reno: Center for Basque Studies, 2003

ALONSO, Andoni e OIARZABAI, Pedro. Diasporas in the new media age: identity, politics and community. Reno: university of Nevada Press, 2010

ALTUNA, Aitzol. **Orreaga, símbolo de libertad.** In State of Nabarra. <http://stateofnabarra.blogspot.com.br/2012/03/orreaga-simbolo-de-libertad-por-aitzol.html>. 2011 Acesso em: 05/12/2011

ANDERSON, Benedict. Nação e Consciência Nacional. São Paulo: Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. Comunidades Imaginadas. Editora 70, 2005.

APPADURAI, Arjun. Grassroots globalization and the research imagination. In APPADURAI, Arjun. Globalization. Durham London: Duke University Press, 2001

\_\_\_\_\_. Dimensões da Globalização. Lisboa: Teorema, 2004.

\_\_\_\_\_. Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy. In Featherstone (Ed.) Global Culture: Nationalism, Globalization and Modernity. London: Sage, 1990.

\_\_\_\_\_. Soberania sem Territorialidade. Revista Novos Estudos CEBRAP, n. 49, Nov./97. Tradução de Heloísa Buarque de Almeida.

ARISTOTELES. Política. Tradução de Roberto Leal FERREIRA. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ASEH. **De Portugal para Euskal Herria, com amor.** In ASEH. <http://paisbasco.blogspot.com.br/2011/09/de-portugal-para-euskal-herria-com-amor.html>. 2011 Acesso em 08/12/2011

ASEH. **Vem aí a VI Semana Internacional de Solidariedade com Euskal Herria.** In ASEH. <http://paisbasco.blogspot.com.br/2012/02/vem-ai-vi-semana-internacional-de.html>. 2012 Acesso em 08/12/2011

ASKAPENA. **Sozialismoa eta Askatasunerantz milaka bide-lagun.** In Askapena blog. <http://www.askapena.org/?q=es/node/759>. 2010 Acesso em 23/11/2011

BAUDRILLARD, J. Simulacres et Simulation. In LEMOS, André. Cibercultura, Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. Identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BORROKAGARAIA. **21 de octubre de 2011: La paz y la libertad no han llegado aún a Euskal Herria** in Borroka Garaia Da. <http://borrokagaraia.wordpress.com/2011/10/21/21-de-octubre-de-2011-la-paz-y-la-libertad-no-han-llegado-aun-a-euskal-herria/>. 2011 Acesso em 04/01/2012

\_\_\_\_\_. **Victoria y Derrota.** In Borroka Garaia Da. <http://borrokagaraia.wordpress.com/2012/02/21/victoria-y-derrota/>. 2012 Acesso em 04/01/2012

BOURDIEU, Pierre. O Campo Científico. In: ORTIZ, Renato. Pierre Bourdieu. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-155

\_\_\_\_\_. O Que Falar Quer Dizer: a economia das trocas simbólicas, Algés: Difel, 1998.

BRUBAKER, Rogers. Nationalism Reframed. Cambridge University Press, 1996

BUARQUE DE HOLANDA, Heloísa. A academia entre o local e o global. IN: MIRANDA, Wander Melo (org.). Narrativas da Modernidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

BULL, Hedley. A Sociedade Anárquica. Brasília: IPRI, 2002.

CAILLOIS, Roger. Man, play and games. Champaign, EUA: University of Illinois Press, 1958/2001.

CASTELLS, Manuel. A Era da Informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A Sociedade em Rede, v. 1).

\_\_\_\_\_. O poder da identidade. São Paulo: Paz e Terra, 2008. (A Sociedade em Rede, v. 2).

\_\_\_\_\_. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, Dênis de (Org.). Por uma outra Globalização: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003.

\_\_\_\_\_. A Galáxia da Internet. Reflexões sobre a Internet, os Negócios e a Sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

\_\_\_\_\_. A Sociedade em Rede. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

CORRÊA, Cynthia Harumy Watanabe. Interação social da comunidade científica no ciberespaço: estudo da lista de discussão ABRH - Gestão Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Documentação, 2005.

DEUTSCH, K.W. Nationalism and social communication: Na inquiry into the foundations of nationalism. Cambridge and London: The MIT Press: 1966

DOUGLASS, William A., URZA, Carmelo, WHITE, Linda e ZULAIKA, Joseba. The Basque Diaspora. Reno: University of Nevada Press, 1999

EGE. **Identidad Alavesa.** In Arabatik. [http://arabatik.wordpress.com/2011/07/10/identidad-alavesa.](http://arabatik.wordpress.com/2011/07/10/identidad-alavesa) 2011 Acesso em 12/01/2012

EHL Uruguay. <http://ehluruguay.blogspot.com.br> Acesso em 05/01/2012

ELIAS, Norbert. Os estabelecidos e os outsiders. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000

ELLHAJJI, Mohammed. Migrações, TICs e comunidades transnacionais: o devir diaspórico na era global. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom). 2011

ESTRAVIZ, Marcelo. Linkania e Religare. In DIMANTAS, Hernani. Linkania: A multidão hiperconectada. In LEÃO, Lucia (org). Derivas: cartografias do ciberespaço. São Paulo: Annablume, 2004

ETCHALUS, Ana Luiza Panyagua. Alma Basca. Porto Alegre: Alternativa, 2010

FEATHERSTONE, Mike. Global Culture: Nationalism, globalization and modernity. London: Sage Publications, 1990

\_\_\_\_\_. Moderno e pós-moderno: definições e interpretações. Studio Nobel: 1995.

FREUD, Sigmund (1930). O mal-estar na civilização. In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1984, vol XXI.

FUKUYAMA, Francis. O fim da história e o último homem. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GEARY, Patrick J. O mito das nações: A invenção do nacionalismo. São Paulo: Conrad Editora, 2005

GELLNER, Ernest. Nations and nationalism. New York: Cornell University Press, 1983

\_\_\_\_\_. Thought and Change, London: Weidenfeld and Nicolson; Chicago: University of Chicago Press, 1964



- GIDDENS, Anthony. As Conseqüências da Modernidade. São Paulo: UNESP, 1991.
- \_\_\_\_\_. Modernidade e Identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: 2002.
- GOFFMAN, Erwin. A representação do Eu na Vida Cotidiana. Petrópolis: Ed. Vozes, 1975
- Gordo, A. y Megías, I. Jóvenes y cultura Mesenger. Madrid: INJUVE/FAD, 2006
- GRANJA SAINZ, José Luis de la. El Nacionalismo Vasco: Un Siglo de Historia. Madrid, Tecnos: 2002.
- GUIBERNAU, Maria Montserrat. Nacionalismos: O Estado nacional e o nacionalismo no século XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- \_\_\_\_\_. La identidad de las naciones. Barcelona: Editorial Ariel, 2009
- GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. Nação, nacionalismo e Estado. In Revista Estudos Avançados Vol. 22 nº 62. Instituto de Estudos Avançados USP. São Paulo, 2008. Janeiro/Abril.
- HABERMAS, Jurgen. A inclusão do outro: Estudos de teoria política. São Paulo: Edições Loyola, 2007
- \_\_\_\_\_. Mudança estrutural da esfera pública. Tempo Universitário, 1984
- \_\_\_\_\_. A resiliência do Estado Nacional diante da globalização. In RICÚPERO, Rubens. A resiliência do Estado Nacional diante da globalização. In Revista Estudos Avançados Vol. 22 nº 62. Instituto de Estudos Avançados USP. São Paulo, 2008. Janeiro/Abril.
- HAESBAERT, Rogério. O Mito da Desterritorialização. Bertrand Brasil, 2004.
- \_\_\_\_\_. Territórios alternativos. Contexto, 2002.
- HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HARVEY, David. Condição Pós-moderna. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

HOBBSAWM, Eric J. Nações e Nacionalismo desde 1870: Programa mito e realidade. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 4ª edição, 2004.

\_\_\_\_\_. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 3ª edição, 2002.

JAMESON, Frederic. Espaço e Imagem: Teorias do pós-moderno e outros ensaios. Ana Lucia de Almeida Gazzola, Org. Editora UFRJ: 2006

JONES, Quentin. Virtual-Communities, Virtual Settlements & Cyber-Archaeology: a theoretical outline. 1997.

<http://www.ascusc.org/jcmc/vol3/issue3/jones.html>. Acesso em: 20/03/2012

KURLANSKY, Mark. The Basque History of the World. Penguin Books: 1999.

LEMOS, André. Cibercultura, Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002.

\_\_\_\_\_ (org). Cibercidade. As cidades na cibercultura. Editara e-papers: Rio de Janeiro, 2004.

\_\_\_\_\_. Agregações Eletrônicas ou Comunidades Virtuais? Análise das listas Facom e Cibercultura. 2002.

<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/agregacao.htm>. Acesso em: 22/05/2008

\_\_\_\_\_. A Comunicação e a Pesquisa em Cibercultura, 2003.  
<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/lemos/PesquisaCibercultura.doc>. Acesso em 18/12/2011

\_\_\_\_\_. Cibercidade. 2006.  
<http://www.mondialisations.org/php/public/art.php?id=22897&lan=PO> Acesso em 05/01/2012.

\_\_\_\_\_. Ciberespaço e Tecnologias Móveis: Processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura. 2007.

<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/territorio.pdf>. Acesso em 12/01/2012

LESSA, Mônica Leite e SUPPO, Hugo R. O Nacionalismo Basco e o ETA. *Cena Internacional* ano 5 número 3. 2003.

LEVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. São Paulo: Editora 34, 2008

\_\_\_\_\_. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 32, 2009

\_\_\_\_\_. *A Inteligência Coletiva: Por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 2003a.

\_\_\_\_\_. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2003b.

LIPOVETSKY, Gilles. *Metamorfoses da cultura liberal*. Porto Alegre: Sulina, 2004.ale

LIS, Alejandro (Alesku) Eguía. *Eusko Blog: Una Necesidad*. In *Eusko Blog*. <http://kaixo.blogspot.com.br/2002/01/eusko-blog-una-necesidad.html>. 2002 Acesso em 15/01/2012

\_\_\_\_\_. **Decimo aniversario de Eusko Blog**. In *Eusko Blog*. <http://kaixo.blogspot.com.br/2012/01/decimo-aniversario-de-eusko-blog.html>. 2012 Acesso em 15/01/2012

LLERA, Francisco J. ETA: Ejército Secreto y Movimiento Social. *Revista de Estudios Políticos*. Número 78. Outubro-Dezembro de 1992.

LOPEZ, Patxi Abasolo. **Memoria e historia**. In *State of Nabarra*. <http://stateofnabarra.blogspot.com.br/2011/09/memoria-e-historia.html>. 2011 Acesso em 15/01/2012

MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes. 1996.

MAJU. **Basque People: kicking imperialist ass since at least 1233 years ago**. In *For What We Are, They Will Be*. <http://forwhatwearetheywillbe.blogspot.com.br/2011/08/basque-people-kicking-imperialist-ass.html>. 2011a Acesso em 15/01/2012

\_\_\_\_\_. **A history of the Basque Wars (I)**. In For What We Are, They Will Be. <http://forwhatwearetheywillbe.blogspot.com.br/2011/10/history-of-basque-wars-i.html>.

2011b Acesso em 15/01/2012

\_\_\_\_\_. **A history of the Basque Wars (II)**. In For What We Are, They Will Be. <http://forwhatwearetheywillbe.blogspot.com.br/2011/10/history-of-basque-wars-ii.html>.

2011c Acesso em 15/01/2012

MANN, Michael. Estados Nacionais nas Europa e Noutros Continentes: Diversificar, Desenvolver e Não Morrer. In Balakrishnan, Gopal. Um Mapa da Questão Nacional. Contraponto, 2000.

MARI. **Euskal Herria Estado ¿Para qué?**. In Borroka Garaia Da. <http://borrokagaraia.wordpress.com/2011/12/20/euskal-herria-estado-para-que/>. 2011

Acesso em 15/01/2012

MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem. São Paulo: Cultrix, 1974

\_\_\_\_\_. O meio é a mensagem. Ímã Editorial, 2011

MENEZES, José Eugênio de Oliveira. Rádio e Cidade – Vínculos Sonoros. Annablume, 2007

MONTEIRO, Aloísio Jorge de Jesus. Identidades, memórias e perspectivas do movimento de educação escolar indígena. In AGUIAR, Márcia Angela da S. (org). Educação e Diversidade (UFPE). Recife, 2009

NEEDA, Lorth. **Euskadi, Nación Europea**. In Arabatik. <http://arabatik.wordpress.com/2011/10/25/euskadi-nacin-europea/>. 2011 Acesso em 12/01/2012

NIN, Andreu. Los movimientos de emancipacion nacional. Barcelona: Editorial Fontamara, 1977

OIARZABAL, Pedro e OIARZABAL, Agustin. La identidad vasca em el mundo: Narrativas sobre identidad mas Allá de las fronteras. Erroteta, 2005

ORTIZ, Renato. Um outro Território. Ensaios sobre a Mundialização. São Paulo: Olho D'Água, 1999.

\_\_\_\_\_. Mundialização e Cultura. São Paulo. Brasiliense: 2004.

PEREZ, Hans Karl. **Alderdi eginez, Aberria eraiki.** In Arabatik. <http://arabatik.wordpress.com/2012/04/08/alderdi-eginez-aberria-eraiki/>. 2012 Acesso em 12/01/2012

PEREZ, Javier. **¿Por qué?** In About BC. <http://blog.aboutbc.info/acerca-de-2/>. Acesso em 05/01/2012

\_\_\_\_\_. **El libro que narra la historia de una basco-brasileira en busca de sus orígenes, se va a presentar en Bilbao.** In About BC. <http://blog.aboutbc.info/2012/04/18/el-libro-que-narra-la-historia-de-una-basco-brasileira-en-busca-de-sus-origenes-se-va-a-presentar-en-bilbao>. 2012a Acesso em 05/01/2012

\_\_\_\_\_. **La Ikurriña, la base de la bandera del Condado de Johnson (Wyoming – USA).** In About BC. <http://blog.aboutbc.info/2012/04/09/la-ikurrina-la-base-de-la-bandera-del-condado-de-johnson-wyoming-usa/>. 2012b Acesso em 05/01/2012

PÉREZ-AGOTE, Alfonso. Sociología Del nacionalismo. Vitoria-Gasteiz: Servicio editorial de la Universidad del País Vasco, 1989

\_\_\_\_\_. The social roots of basque nationalism. Reno: University of Nevada Press, 2006

PNV. Manifiesto **Aberri Eguna 2012. Euzkadi Bizia. Aberri Bizia.** Más Nación. In Arabatik. <http://arabatik.wordpress.com/2012/04/04/manifiesto-aberri-eguna-2012-euskadi-bizia-ms-nacin/>. 2012 Acesso em 12/01/2012

PROSS, Harry. Estructura simbólica del poder. Editora Gustavo Gili, 1980

\_\_\_\_\_. In MENEZES, José Eugênio de Oliveira. Rádio e Cidade – Vínculos Sonoros. Annablume, 2007

RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009

\_\_\_\_\_. Comunidades Virtuais no IRC: o caso do #Pelotas. Um estudo sobre a Comunicação Mediada por Computador e as Comunidades Virtuais. Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). 2002

\_\_\_\_\_. Comunidades Virtuais: uma abordagem teórica. In:

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE COMUNICAÇÃO, 5., 2001. Porto Alegre: PUCRS, 2001. Disponível em:

<http://www.pontomidia.com.br/raquel/teorica.pdf>. Acesso em 21/02/2012

\_\_\_\_\_. Weblogs, Webrings e Comunidades Virtuais. Revista 404notfound – Revista Eletrônica do grupo Ciberpesquisa. Edição 31, agosto de 2003. Disponível em [http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404notfound/404\\_31.htm](http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404notfound/404_31.htm). Acesso em 21/02/2012

\_\_\_\_\_. Warblogs: Os Blogs, o jornalismo online e a guerra no Iraque. Trabalho apresentado no Núcleo de Pesquisa em Tecnologias da Comunicação e da Informação. XXVI INTERCOM, Belo Horizonte, setembro de 2003. Acesso em 21/02/2012

RENAN, Ernest. Que es una nación? Madrid: Sequitur, 2006

RHEINGOLD, Howard. A comunidade virtual. Lisboa: Gradiva, 1996

RICÚPERO, Rubens. A resiliência do Estado Nacional diante da globalização. In Revista Estudos Avançados Vol. 22 nº 62. Instituto de Estudos Avançados USP. São Paulo, 2008. Janeiro/Abril.

SANTOS, Milton. Por uma Geografia Nova. São Paulo: Hucitec, 1978.

\_\_\_\_\_. A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: EDUSP, 2002

SAN VICENTE, Iñai Gil de. **El socialismo debe integrar la praxis comunera**. In Borroka Garaia Da <http://borrokagaraia.wordpress.com/2012/02/22/el-socialismo-debe-integrar-la-praxis-comunera>. 2012 Acesso em 15/12/2011

SCOLARI, Carlos. Hacia una teoría de las hipermediaciones. Gedisa, 2009

SILVA, Michéle Tancman Cândido da. A (Ciber) geografia das Cidades Virtuais. Dissertação de Mestrado apresentada no Curso de Mestrado de Geografia, na área de Ordenamento Territorial Regional do Instituto Geociências da Universidade Federal Fluminense (UFF). Niterói, 2002.

\_\_\_\_\_. **A Territorialidade do Ciberespaço**. Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/geografia/0009.html>. Acesso em: 08/08/2011

SILVEIRINHA, Maria João. Esfera Pública. In CORREIA et all. (org) Conceito de Comunicação Política. LabCom Books, 2010

SINCLAIR, John. Televisión, Comunicación Global e Regionalización. Barcelona: Gedisa Editorial, 2000.

SMITH, Anthony D. Nationalism and modernity. London and New York: Routledge, 1998

SIQUEIRA, Holgonosi Soares Gonçalves. Multiculturalismo: tolerância ou respeito pelo Outro. A Razão. 26/06/2003.

TOTORICAGÜENA, Gloria. “Comparing the Basque diaspora: Ethnonationalism, transnationalism and identity maintenance in Argentina, Australia, Belgium , Peru, the United States of America, and Uruguay.” Ph.D dissertation. The London School of Economics and Political Science, University of London, 2000

TSAVKKO GARCIA, Raphael. Um olhar sobre o conflito basco. In Revista Fórum 86, Junho de 2010

\_\_\_\_\_. **O Nacionalismo Basco visto pela mídia**. In Observatório da Imprensa nº 643.

<http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/onacionalismo-basco-visto-pela-midia>. 2011. Acesso em 22/11/2011

VILLALÓN, Adriana M. Definições para o Problema Basco. XXIV Encontro Anual da ANPOCS. Petrópolis: 2000.

VIRILIO, Paul. Estratégia da Decepção. Ed. Estação Liberdade, 2000.

\_\_\_\_\_. Velocidade e Política. Ed. Estação Liberdade, 1997.

\_\_\_\_\_. A Bomba Informática. Ed. Estação Liberdade, 1999.

WATERS, Mary. Ethnic options: Choosing identity in America. Berkeley: University of California Press, 1990

WATSON, Cameron. Modern Basque History: Eighteenth Century to the Present. Reno: Center for Basque Studies, 2003.

WELLMAN, B e HAMPTON, Keith. **Examining Community in the Digital Neighborhood: Early Results from Canada's Wired suburbs**. Digital Cities 2000: 194-208. Disponível em: <http://informatik.unitrier.de/~lei/db/conf/digitalCities/digitalCities2001.html#HamptonW00> Acesso em: 01/02/2012

WELLMAN, B e GULIA, Milena. **Net Surfers don't Ride Alone: Virtual Communities as Communities**. Disponível em: <http://informatik.unitrier.de/~lei/db/conf/digitalCities/digitalCities2001.html#Wellman> (1999). Acesso em: 01/02/2012

ZUBRZYCKI, Geneviève. The classical Opposition between Civic and Ethnic Models of Nationhood: Ideology, Empirical Reality and Social Scientific Analysis. Polish Sociological Review, 3. 2002. In BAUMAN, Zygmunt. Identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.



## **Apêndice**

1. Qual é a importância das ferramentas sociais (blogs e etc) para a promoção do nacionalismo basco ou do sentimento de pertencimento/identidade a esta comunidade? É importante? Não é? Porque?
2. Encaras as ferramentas sociais apenas como meio de ler notícias e de se comunicar, ou também como uma forma de divulgar questões nacionais, ampliar o sentimento nacional e de comunidade? Como as utiliza?

## **Eneko Ander**

1.

Verdaderamente, no considero que hoy en día las redes sociales no son una herramienta importante en la promoción del nacionalismo vasco. ¿Por qué? Pues podríamos decir que prácticamente son una herramienta muy reciente, por no decir nueva, que en un futuro puede tener gran peso, pero hoy en día no. La mayoría de gente ya tenía un sentimiento nacional fuerte (pro-vasquista o pro-español), y en este sentido no creo que haya tenido una gran importancia.

No obstante, he de decir que la política es algo que interesa a muchos jóvenes en Euskal Herria. Tenemos una tradición militante que en otros lugares del mundo, o por lo menos comparado con España, no hay (parece ser que el movimiento 15M ha despertado el interés generalizado por la política entre muchos jóvenes, pero es prematuro hablar de ello).

Y hablo de esta tradición militante entre los jóvenes, para decirte que eso si se traslada a las redes sociales. En las paginas de Facebook, Tuenti (digamos que es el Facebook hispanohablante), Twitter.. de los jóvenes vascos, si puedes encontrar diferentes muestras de apoyo a la Izquierda Abertzale, a Otegi, a los presos de un barrio, convocatorias a las manifestaciones...

Por ello podría decir que, más que las redes sociales hayan ayudado a la promoción, es una forma de comunicarse entre los jóvenes que ya tienen esas ideas. Es decir, es una forma de mostrar el apoyo, de quedar con los amigos para ir a una concentración, etc...

Las redes sociales sirven para mantener la comunicación entre amigos, y si en la vida

cotidiana esos amigos hablan de presos, de ir a manifestaciones, etc, también lo harán mediante las redes sociales. Digamos que es un tema más de conversación.

Por supuesto, te hablo de generalidades. También hay jóvenes que llevan una militancia activa en su vida diaria, que tienen perfiles en las redes sociales para defender sus posturas políticas, intentar ponerse en contacto con nueva gente, promocionar de cierta manera el sentimiento nacional...

O incluso jóvenes, que en su vida diaria no tienen esa actitud militante por X razones (por timidez, porque no les gusta el ambiente por donde se mueve el ambiente independentista, porque se lleva mal con alguien del sindicato de estudiantes, o de la Herriko Taberna, o por lo que sea) deciden ser, digámoslo así “ciberactivistas”. Pero lo dicho, en general son cuadrillas de amigos que hablan de sus cosas, y si en la vida diaria hablan de política o de presos o alguno de esos temas, en las redes sociales también lo harán.

2.

Creo que tengo que remarcar la importancia de los blogs. La mayoría de barrios, pueblos, asociaciones, etc.. tienen su blog o web. Un ejemplo práctico es Larrabetzu. Un pueblo de no más de 700 habitantes, ha 15 minutos de Bilbao, y tiene 4 blogs dedicados al pueblo. 2 oficiales, uno de la izquierda abertzale y otro del PNV, y otros dos más generales, uno desde una perspectiva más de la izquierda abertzale y otro desde la perspectiva de del PNV.

En serio, lo de los blogs es alucinante! Sirve para difundir noticias, pero también para hacer críticas al ayuntamiento, a la prensa, a políticos, etc... No es solamente para promover el independentismo, pero es una herramienta muy útil.

Lo dicho, toda asociación e incluso barrios tienen su propio blog. Para mi es más interesante los blogs barrio por barrio, ya que me recuerda a cuando cada barrio, cada partido o cada asociación tenía su propia revista y/o periódico, solo que con la velocidad que da un blog que puedes actualizar en cualquier momento.

No solo artículos, para mantener movilizada a la sociedad, para hacer llamamientos a manifestaciones, avisar de diferentes actos...

Por ejemplo, la importancia del LipDub y del blog de “Kukutza” (<http://www.youtube.com/watch?v=e2VieT5ksyo> ), despertó la atención y mantuvo atento a cientos de personas.

Más que para crear un sentimiento independentista o nacional, sirve para criticar o para hacer ver los fallos del poder establecido, bien sea el PNV, el PSOE, o lo que acarrea depender del estado español. La crítica es un arma muy importante!

También señalar, que da información, textos, etc., digamos “de aprendizaje” que da una base política importante. A través de estos blogs la gente se concienza contra el TAV, contra el capitalismo en general, contra la “unidad de España”... Y encuentra motivos y argumentos que muchas veces convencen y pasan de ser sujetos pasivos (es decir, estar desinteresados por el tema), a defender, por ejemplo, la tasa Tobin. Me recuerda muchas veces a los libretos de autoaprendizaje que repartían las diferentes asociaciones o grupos juveniles.

Esa, digámoslo así, formación ideológica, se hace a través de los blogs, paginas web, etc. Por no hablar de la importancia de los medios de contra información en Euskal Herria.

Así como he dicho que las redes sociales en general servía para ampliar lo hablado en una cuadrilla más que para la promoción, con los blogs si podría decirse que hacen un ejercicio de promoción, contra información, y lo que me parece más importante, formación ideológica -dando argumentos contra o a favor de un tema que en la prensa habitual no se puede encontrar- importante

## **Andoni Barakaldo**

1.

Las nuevas tecnologías comunicativas en internet han adquirido una importancia enorme no solo para el nacionalismo vasco de izquierda, sino para la totalidad de movimientos sociales de cualquier tipo., pero para la izquierda abertzale un poco mas,

dadas las dificultades que planteo la ilegalización de los grupos políticos y el cierre de los tradicionales medios de comunicación de que disponíamos. No hay que olvidar que internet es hasta ahora un espacio en el cual la censura funciona menos. En ese sentido, si bien al principio había ciertos recelos respecto a usar las redes sociales, se puede decir que ahora prácticamente todo el panorama organizativo vasco de izquierdas dispone de presencia en las mismas

2.

Las redes sociales no solo se usan para informarnos de lo que ocurre lejos de nuestras fronteras ( gracias a internet nos enteramos rápidamente de lo que ocurre en países como Cuba, al momento prácticamente ( un ejemplo la conferencia del PCC gracias a Cubadebate y otras webs hemos podido seguir las discusiones casi instantáneamente) sino que también las usamos para que el resto del mundo sepa de nuestra historia y de nuestra lucha actual. de la misma manera que nosotros acudimos a internet otros pueblos van a él, con la finalidad de conocernos. Un ejemplo fue la campaña de Iniciativa Internacionalista en la que internet tuvo un peso específico fundamental

### **Susana Nynaeve**

1.

No creo que alguien que no tenga sentimientos independentistas, pueda terminar siéndolo por leer un blog o tratar con gente en las redes sociales que sí lo sean. Lo que sí que creo que fomenta la red es la posibilidad de entender situaciones que te pueden ser ajenas. Los medios de comunicación manipulan, todos y nunca está muy claro ni a quien sirven, ni para qué. Por lo que tener un contacto directo en quien puedas terminar confiando, abre la posibilidad de entendimiento. En el caso español, por ejemplo, permite que quien no haya cerrado la mente a que catalanes y vascos son unos "hijos de puta", pero que no entienden su necesidad de ser independientes, y por tanto, rechazar la posibilidad de un referéndum de autodeterminación, puedan comprender qué es lo que les empuja a ello y por lo tanto, apoyar e incluso fomentar, que dicho referéndum se realice.

Si es importante o positivo, creo que sí. Creo que quien ha decidido que no cambiará su

opinión no lo hará independientemente de si hay o no un blog, un forero, un twittero interesante o no y que alguien que no tenga la opinión especialmente formada o que ni siquiera se haya puesto a pensar en ello, puede interesarse en el tema y terminar apoyándolo. Eso sí, también creo que esto se producirá si tienen especial cuidado en no "cagarse en España y en los españoles"... porque podría producir el efecto contrario.

2.

Pienso que las herramientas sociales son todo eso y más. Quiero decir que creo que son todo. Leer noticias, comunicarse y divulgar, lo que sea que quieras divulgar. Si son sentimientos nacionales, pues también.

Pero creo que el quid de la cuestión es efectivamente, el cómo las utilizan. Me explico. Hay quien utiliza la red como escaparate. Yo vengo, pongo lo que quiero y no interactúo con los demás. Digamos que es la versión del egoísmo en la vida real. A mí lo único que me interesa es "lo mío". Creo que ese tipo de actitud, se penaliza a la larga. Hay veces que no es tanto así, que se intenta dar una falsa sensación de que se está escuchando a los demás, pero si no es así, la gente también se termina dando cuenta y puede que se vuelva a en tu contra. Eso pasa por ejemplo con blogs y usuarios de muchos políticos que han entendido mal lo de la comunicación 2.0. La clave creo que es relacionarse. Defender lo tuyo, respetar al contrario, intentar entender al otro. Y eso vale, insisto, para cualquier cosa que quieras en la red.

En este caso particular, y visto desde la distancia del País Vasco. Viviendo en Madrid y conociendo a mis vecinos, sí que creo que es una herramienta fabulosa para dar a conocer las situaciones reales, no las que nos enlatan los medios de comunicación.

### **NickNeuk Basco**

1.

No es importante para su promoción sino para su defensa ante otros, y también para la vitalización interna y dinamismo de la propia comunidad.

Creo que no para su promoción porque la adhesión a una comunidad existe previamente y no se crea, no se ganan miembros promocionando, pero como tal comunidad, esta utiliza todas las herramientas y medios existentes para su expresión y

vida cotidiana. Tiene la importancia que tienen todas las herramientas y medios; cultura, música, asociacionismo, debate popular, instituciones..... Y tendrá más importancia en la medida que la persona use más tiempo un medio u otro. La comunidad y la persona (como individuo social que es) existe previamente y se expresa en todas las herramientas que usa para la vida, y es inevitable que de manera natural en todas ellas se "muestre" como lo que es, lo que piensa y lo que quiere.

2.

Por un lado sirve para "mostrarse" ante el exterior de esa comunidad, para decir "estoy aquí, estamos aquí, somos", para defender su existencia y sus derechos como tal sociedad y comunidad, y por otro sirve internamente para crear lazos y complicidades internas o reforzarlas. Digamos que sirve a toda sociedad o comunidad de intereses. De la misma manera que sirve a la "comunidad progresista", o a la "comunidad ecologista" o a la "sociedad humana" para la cohesión y debate interno y para su imagen externa. Si yo, por ejemplo, hablo con un ecologista de Colombia y me muestro también como miembro de una comunidad ecologista en que me siento unido a él por intereses y preocupaciones comunes estaremos reforzando por medio de la red social, una comunidad en este caso no nacional, pero sí de otro tipo. Así pues toda herramienta de comunicación de opinión sirve para perfilar comunidades, modelarlas, cambiarlas, o incluso organizarlas.

### **Luis Aldamiz (Maju)**

1.

No lo sé. No son cosas en las que pienso mucho: me parecen importantes elementos como información, verdad, participación horizontal... estas cosas constituyen comunidades vivas y consistentes, que pueden ser la vasca o cualquier otro nivel de organización social.

Imagino que simplemente son manifestaciones de una realidad social (y tecnológica, si te refieres específicamente al contexto de Internet) y que son estas manifestaciones sociales, las que sean las que se convierten por su mera existencia en instrumentos de la identidad vasca (o la que sea, incluyendo la identidad como Humanidad, muy importante y que prácticamente no existía antes de la imprenta por

ejemplo). Pero al final son medios para un fin que es la vida humana, que se desarrolla natural y necesariamente en sociedad.

2.

Me gusta pensar que al bloguear sobre mi país en inglés en particular (no se escribe mucho en inglés desde aquí, creo) colaboro a difundir la realidad, tan a menudo ocultada o manipulada de Euskal Herria. Pero no me lo planteo más allá. Además yo escribo sobre muchos otros lugares: la revolución en Euskal Herria es tan sólo un pedacito de la revolución europea y mundial (todo llegará, creo).

No sé. Son preguntas como si todo obedeciera a una planificación y no: al menos para mí no, sino que obedece a una necesidad personal de expresarme y compartir toda esa información, a menudo ignorada, desdeñada, ocultada o manipulada por los medios de masas, medio que a menudo ya ni leo/veo.

Sin negar la necesidad de organización formal, para mí ese tiempo ya pasó. No soy un tipo muy sociable supongo: soy muy crítico y siempre tengo mi propia opinión, disidente en algún grado. Además me agobian las multitudes y me falta disciplina. Entonces supongo que blogueo para poder ejercer lo que siento como mi deber social sin tener que socializar demasiado. En un blog no tienes por qué estar de acuerdo con nadie: simplemente escribes lo que crees conveniente e imaginas que sirve para algo (siempre he pensado que la contrainformación es central, así que no me cuesta mucho imaginar eso: es parte de lo que yo entiendo como columna vertebral del proceso revolucionario: contrainformación, organización y desobediencia, en ese orden).

### **Joxerra Bustillo Kastrexana**

La irrupción de las nuevas tecnologías y en especial internet está influyendo en la lucha de liberación nacional del pueblo vasco en diversas formas y maneras. Ya nada es igual

a lo que pasaba hace 15 años. La red, con sus múltiples facetas, está cambiando la manera de interrelacionarse, de difundir ideas, de compartir sensaciones, etc.

Incluso las convocatorias de protestas, concentraciones, manifestaciones se extienden por la red. Las listas de correo electrónico sirven para convocar reuniones y lanzar iniciativas. Facebook, Twitter son herramientas usadas a diario para difundir noticias, videos, música, enlaces, ideas, pensamientos, de todo.

Pero todo esto no es algo específico de Euskal Herria, sino que se trata de un fenómeno universal, con sus debidas especificaciones, pero mundial. Ahora bien, lo que he contado hasta hora es una descripción, hay que pasar al análisis.

En la lucha ideológica, la red es cada día más decisiva. De los diarios, revistas y libros, de la cultura en papel, estamos pasando a una cultura en formato digital. El contenido puede ser idéntico, pero la velocidad de trasmisión se ha acelerado. Todo fluye muy rápido.

En ese contexto, es necesario armarse con herramientas adecuadas. En Euskal Herria disponemos de esas herramientas, pero no son tan potentes como las de los enemigos a batir, los estados español y francés. Los medios de comunicación tradicionales en papel del País Vasco se han adaptado a la red: “[www.elcorreo.com](http://www.elcorreo.com)” “[www.diariovasco.com](http://www.diariovasco.com)” “[www.diariodenavarra.es](http://www.diariodenavarra.es)” “[www.sudouest.fr](http://www.sudouest.fr)”, a lo que hay que añadir los grandes sitios de Madrid y Paris.

Ante ese gran potencial de medios adversos, apenas si contamos con las réplicas en la red de los diarios abertzales: “[www.deia.com](http://www.deia.com)”, “[www.gara.net](http://www.gara.net)”, “[www.berria.info](http://www.berria.info)”, “[www.argia.com](http://www.argia.com)”, etc, y algunas nuevas iniciativas nacidas en la web y sin soporte anterior, como pueden ser “[www.izaronews.info](http://www.izaronews.info)”, “[www.zuzeu.com](http://www.zuzeu.com)”, “[www.kazeta.info](http://www.kazeta.info)”, etc.

Nuestro potencial es netamente inferior en ese terreno concreto, pero disponemos también de todo un conglomerado de blogs, de páginas de Facebook y de comentaristas en web, blogs y foros ajenos, que combaten ideológicamente a diario en la red para defender la idea de Euskal Herria. Y no es cosa menor la de disponer de “voluntarios” que diariamente entran en los sitios contrarios a la lucha vasca y exponen sus opiniones, rebatiendo argumentos del enemigo.



En todo caso, queda mucho por hacer. Además, nos encontramos con el asunto de la lengua, que complica la situación. Los medios en euskera está minorizados y tienen un alcance limitado, por ello es conveniente utilizar también otras lenguas para difundir la identidad de Euskal Herria en el mundo. Internet es mundial y lo bueno que tiene es precisamente eso, que lo que tú escribes puede ser leído en cualquier parte. Pero para ello es necesario usar el inglés, el castellano, el francés, el portugués, el alemán, las lenguas de cultura universal que propician la posible entrada en tu argumentación de millones de personas.

No hay que poner límite a la lucha. La lucha se da en la red, y por lo tanto es universal. Ese deberá ser el reto de los esfuerzos que se hagan de aquí en adelante, para que la identidad y la lucha vasca ganen simpatizantes en todo el planeta.

### **El Disidente**

1.

Personalmente no puedo hablar en nombre del nacionalismo vasco porque yo no pertenezco a él, aunque sí comparto la defensa del principal derecho que éste reclama y hoy todavía es negado por España. Dicho esto, creo que las redes sociales juegan un papel fundamental en la divulgación, no solo de un sentimiento, sino de pura información, de conocimiento sobre un pueblo. Las redes sociales han hecho posible que un ciudadano de Murcia, Badajoz, Sevilla, Madrid al que antes le resultaba complicado ubicar el País Vasco en un mapa de España, hoy día tenga a su total disposición todos los detalles sobre las características que conforman al pueblo vasco.

Por ejemplo, un ciudadano español hasta hace poco, pensaba que Euskal Herria es sinónimo de País Vasco o Euskadi, y creo que gracias a la divulgación de las redes sociales, hoy día, un español tiene más claro que Euskal Herria es la suma de Euskadi, Navarra y los tres departamentos franceses. También, creo que lo más importante que han conseguido las redes sociales ha sido sacar a la luz todas aquellas noticias que, por no pasar el corte de la línea editorial, no son publicadas por los grandes medios de comunicación españoles. Antes por ejemplo, la opinión pública española afirmaba que en España no existía la tortura policial, hoy sin embargo, las redes sociales difunden todos los días las noticias que nos llegan de Condenas de Estrasburgo a España, los

informes de Amnistía internacional, Human Rights Watch, los relatores de la ONU para la prevención de la tortura, y todas esas investigaciones internacionales que de manera independiente llegan a la conclusión de que en España se tortura de manera alarmante, y por motivación política e ideológica.

Lógicamente, siempre habrá quien se cierre en banda ante estos hechos y siga negando la mayor, pero el libre acceso a documentos oficiales e independientes como los mencionados antes, también hace posible que muchos españoles se den cuenta de que existe una realidad que le ha sido siempre ocultada y negada por los grandes poderes del estado.

2.

Partiendo de lo ya contestado en la pregunta anterior sobre la expansión de la información, te explico mi caso concreto. Lo que yo pretendo hacer desde mi blog es, dar voz a las legítimas reivindicaciones que les son negadas hoy al nacionalismo vasco, y también, dar un enfoque alternativo al oficialismo sobre todas aquellas noticias de relevancia política que aparecen en el día a día. Esa es mi piedra angular, después utilizo Twitter para poder difundir lo máximo posible esa visión alternativa que ofrezco y también para difundir aquellas noticias que no pasan el filtro español sobre temas que resultan espinosos para el estado. También utilizo estas herramientas para tratar de desmontar manipulaciones informativas, o falsos mitos que a base de ser repetirlos cientos de veces por los medios de comunicación estatales, han terminado por convertirse en verdades innegables para la opinión pública española.

### **Coletivo Borroka Garaia Da (blog)**

1.

Internet en general, con todas las herramientas que pueda contar, tiene una importancia relativa para la promoción del nacionalismo vasco. La toma de conciencia nacional se suele producir en el entorno familiar o en el social de cada persona y a edades muy tempranas. El sentimiento de pertenencia a una comunidad no se puede promocionar sino que hay que vivirlo en primera persona y es algo bastante personal, cada persona lo vivirá de una manera diferente, no es algo que se pueda enseñar sino que está basado en experiencias vitales. Que pueden ser muy diferentes además unas de otras.

Por lo tanto difícilmente una persona a través de un foro, leyendo un artículo o participando en una red social puede tomar conciencia nacional. Aunque sí que puede llevarle a despertar una curiosidad que después pueda llegar a profundizar en otros apartados.

2.

El uso de las herramientas de internet sirven sobre todo para reforzar la formación política y el conocimiento. Así como para contrastar opiniones y estar al tanto de la actualidad informativa. Desde ese punto de vista la importancia es muy alta. Estamos viendo que los medios de comunicación clásicos como los periódicos (en papel) están en “crisis” debido a que la oferta digital en muchos aspectos es superior. Con pocos clics podemos saltar de un lado a otro y tener información que de otra forma se podría tardar años, décadas o simplemente sería imposible de recopilar. Desde esa perspectiva el nacionalismo vasco si es consciente de la importancia que tiene internet y cada cual intenta tener una presencia adecuada.

Lxs abertzales de izquierda en las redes sociales pese a que leen noticias y se comunican como cualquier otro sector social suelen tener una actitud muy militante y es continuo el fluir de convocatorias de movilizaciones, análisis políticos, denuncias y actividades reivindicativas de todo tipo.

Sin embargo para el nacionalismo vasco en general y muy especialmente para el de izquierda internet sería un elemento complementario que no puede sustituir a las dinámicas comunicativas esenciales que se deben realizar a pie de calle o boca a boca. Además para el nacionalismo de izquierda o para la persona que simpatiza con la izquierda abertzale las herramientas de internet suponen también una forma de romper parcialmente el bloqueo informativo y la falta de libertad de expresión y censura que existe en Euskal Herria a manos de los estados español y frances. Esto a su vez también ha traído consecuencias y son bastantes las páginas web que han sido secuestradas y clausuradas por la represión y la violencia de estado. Dando lugar a presos de conciencia como es el caso de [Pitu](#).

Esperamos que lo escrito pueda ayudarte de algo y recibe un saludo fraternal. Al fin y al cabo Euskal Herria vive y está, en el corazón de toda persona que le haga un espacio.

## **Iñaki Aguirre**

1

Es importante. Las redes sociales nos ofrecen la oportunidad de expresar nuestros sentimientos, dar a conocer nuestros puntos de vista y hacernos oír. Hay que tener en cuenta que los medios de comunicación que nos rodean son de orientación nacionalista española o francesa, y además tienen una férrea política hacia el nacionalismo vasco. Por ejemplo, tienen normas muy estrictas (en España) sobre cómo deben informar sobre el conflicto armado, qué palabras deben usar y qué información pueden dar. También tienen instrucciones muy claras para ocultar la información sobre, por ejemplo, la tortura. Además, los pocos medios de comunicación que reflejan nuestra sensibilidad son brutalmente atacados por el nacionalismo español. Por ejemplo, el gobierno español cerró el periódico Egin, la radio Egin Irratia y el (entonces) único periódico en lengua vasca, Egunkaria, torturando a varios de sus directivos. Además, paramilitares relacionados con el terrorismo de Estado colocaron una bomba en la redacción de Punto y Hora, mataron al corresponsal de Egin en Baiona.

Las embajadas españolas, y el grupo del PP en Europa presionan a los medios extranjeros para que ofrezcan una visión del conflicto sesgada y favorable a sus intereses. Pero las redes sociales son mucho más difíciles de controlar, somos miles de vascos opinando, informando, participando como ciudadanos, y nuestro mensaje termina calando.

2.

Creo que también valen para divulgar nuestro sentimiento nacional. Al menos, yo procuro expresar el cariño que le tengo a la patria vasca publicando cosas interesantes y positivas, noticias, fotos chulas, etc... en Facebook, Twitter, Google+.

## **Alejandro “Kakapo” Martínez**

1.

Internet y todas las herramientas disponibles en ella sin duda son de ayuda para mantener ese contacto y sentimiento de pertenecer a un pueblo. Sobre todo a través del idioma que es la clave desde el punto de vista cultural, ya que el político varía dentro de la misma sensibilidad nacionalista. Más importante que la herramienta en sí, es la inmediatez que facilitan estas herramientas para compartir ese sentimiento común que de otro modo no se podría compartir rápidamente. Es un modo más de compartir ese nexo de pueblo.

2.

Yo personalmente utilizo internet y las redes sociales como fuente de información rápida y de compartir opiniones de esa misma realidad. No veo que sirva de promoción de ideas políticas ya que cuando alguien está presente en internet ya tiene sus ideas prefijadas, sirve más bien para intercambio de puntos de vista. Al final es como la vida acabas por seguir a gente que piensa parecido a ti y de vez en cuando hablas con alguno que no piensa igual. Es una experiencia enriquecedora